

**UNIVERSIDADE ABERTA**



***A integração dos jovens refugiados sírios na  
cidade de Gaziantep, Turquia***

**Carolina Isabel Morais Peixoto**

**Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais**

**Orientador: Professor Doutor Paulo Costa**

julho de 2024

## Declaração relativa às condições de utilização do trabalho por terceiros



**Atribuição-NãoComercial-SemDerivações**

**CC BY-NC-ND**

A integração dos jovens refugiados sírios na cidade de Gaziantep, Turquia  
© 2024 by Carolina Isabel Morais Peixoto is licensed under CC BY-NC-ND 4.0. To  
view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais e irmão, pelo amor incondicional e por serem sempre casa.

À Lau, Cátia e Ju, pela maior amizade dos últimos anos e por terem escolhido continuar sempre do meu lado.

À Paula, que foi a minha maior sorte naquele 5 de novembro e por mesmo longe continuar tão perto.

Ao Rui, pelas constantes palavras de incentivo, por todo o amor, carinho e por nunca me deixar perder o foco nos dias mais difíceis.

Aos colegas, pela preocupação e apoio diários e por fazerem os dias menos bons continuarem a ser motivo de orgulho.

À Inês, que me levou a percorrer este caminho e descobrir um novo sentido de vida.

Aos meus meninos arco-íris, que mesmo tão pequeninos me ensinaram a ver a felicidade nas pequenas coisas.

Às pessoas com as quais me cruzei naquela que é a minha casa longe de casa, um eterno “shukran”, “teşekkürler” ou “obrigada”.

Ao meu orientador, Professor Doutor Paulo Costa, pelo interesse no estudo e constante apoio e disponibilidade ao longo do último ano.

Aos jovens entrevistados, por partilharem pedaços do seu tempo e da sua história comigo, mesmo a km de distância.

## **DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE**

### **STATEMENT OF INTEGRITY**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente dissertação. Confirmo que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer outra forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Regulamento Disciplinar da Universidade Aberta, publicado no Diário da República, 2.<sup>a</sup> série, n.º 215, de 6 de novembro de 2013.

I hereby declare having conducted my thesis with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of falsification of results in the process of the thesis elaboration.

I further declare that I have fully acknowledged Disciplinary Regulation of the University Aberta (regulation published in the official journal Diário da República, 2.<sup>a</sup> série, N.º 215, de 6 de novembro de 2013).

Universidade Aberta, 23 de julho de 2024 / July 23rd, 2024

Nome completo / Full name: Carolina Isabel Morais Peixoto

Assinatura / Signature:

# **A integração dos jovens refugiados sírios na cidade de Gaziantep, Turquia**

## **RESUMO**

A presente investigação procura compreender como decorre o processo de integração de jovens refugiados sírios que vivem em Gaziantep, uma cidade turca a 120km da fronteira com a Síria.

Inserida na área de estudos sobre refugiados e migrações forçadas, é através do recurso às histórias de vida de três jovens que se partilha a experiência de quem viveu em primeira mão este fenómeno, jovens que foram forçados a deixar a sua cidade na Síria, Aleppo, entre os anos de 2013 e 2015, e a construir uma nova vida em Gaziantep.

Este trabalho envolveu a escuta de narrativas, memórias, e uma disponibilidade por parte dos jovens em relembrar e contar as suas histórias com todas as experiências, dificuldades e sofrimento associados, na sua infância, ao longo do trajeto e durante o processo de integração em Gaziantep.

Ao expor o percurso de vida dos jovens desde a sua infância na Síria ao presente momento, é possível conhecer o contexto migratório dos refugiados sírios na Turquia, a sua realidade social, cultural e económica, verificando se as políticas de integração existentes se adequam às necessidades deste grupo.

Fatores como a aprendizagem da língua turca, a continuação do percurso escolar, ter condições laborais dignas e a não-discriminação revelaram-se essenciais para uma integração de sucesso dos jovens na cidade.

**Palavras-chave:** histórias de vida; refugiados; jovens; integração; Turquia; Síria.

# **The integration of young Syrian refugees in the city of Gaziantep, Turkey**

## **ABSTRACT**

This research seeks to understand how the integration process takes place for young Syrian refugees living in Gaziantep, a Turkish city 120km from the Syrian border.

As part of the field of refugee and forced migration studies, it uses the life stories of three young people to share the experience of those who have lived through this phenomenon first-hand, young people who were forced to leave their city in Syria, Aleppo, between 2013 and 2015 and build a new life in Gaziantep.

This work involved listening to narratives, memories, and a willingness on the part of the youth to recall and tell their stories with all the associated experiences, difficulties, and suffering, in their childhood, throughout the journey and during the integration process in Gaziantep.

By explaining the young people's lives from their childhood in Syria to the present day, it is possible to understand the migratory context of Syrian refugees in Turkey, their social, cultural, and economic reality, and to see whether existing integration policies are suited to the needs of this group.

Factors such as learning the Turkish language, continuing school, decent work conditions and non-discrimination proved to be essential for the successful integration of the young people in the city.

**Keywords:** life stories; refugees; young people; integration; Turkey; Syria.

# ÍNDICE

LISTA DE ABREVIATURAS .....	11
INTRODUÇÃO .....	12
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	17
1.1. Clarificação do conceito de Refugiado (dentro e fora da Convenção de Genebra) e Proteção Internacional.....	17
1.1.1. Refugiado – origem do conceito .....	17
1.1.2. Refugiado segundo a Convenção da Organização das Nações Unidas de Genebra de 1951 e o protocolo adicional à Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1967 .....	21
1.1.3. Proteção Internacional .....	23
1.2. Soluções duradouras do ACNUR para os refugiados .....	26
1.3. Integração social .....	27
1.3.1. Conceito.....	28
1.3.2. Diferentes modelos de integração social .....	31
1.3.2.1. Multiculturalismo.....	31
1.3.2.2. Assimilação .....	32
1.3.3. Fatores influenciadores na integração social de refugiados ...	32
1.3.3.1. Estatuto de residência .....	37
1.3.3.2. Habitação .....	38
1.3.3.3. Educação .....	38
1.3.3.4. Emprego.....	39
1.3.3.5. Cuidados de saúde e assistência social.....	40
1.3.3.6. Reunificação familiar .....	41
1.3.3.7. Documentos de identificação .....	42
1.3.4. Integração social dos jovens refugiados .....	42
2. CONTEXTO HISTÓRICO .....	47
2.1. Receção de refugiados na Turquia .....	47
2.2. Guerra civil na Síria.....	51
2.3. O caso de Gaziantep .....	53
2.4. Estrangeiros e Proteção Internacional na Turquia .....	57

2.4.1.	Refugiado.....	61
2.4.2.	Refugiado condicional.....	61
2.4.3.	Proteção Subsidiária.....	63
2.4.4.	Proteção Temporária .....	64
2.5.	Integração social na Turquia.....	67
2.5.1.	Educação.....	71
2.5.2.	Emprego .....	73
2.5.3.	Opinião pública .....	75
2.5.4.	Perspetivas dos refugiados sírios sobre a integração na Turquia .....	78
2.6.	Jovens refugiados sírios na Turquia .....	80
3.	ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO .....	86
3.1.	Metodologia.....	86
3.1.1.	Etapas da pesquisa .....	90
3.1.1.1.	Pesquisa bibliográfica .....	90
3.1.1.2.	Trabalho de campo .....	91
3.1.1.2.1.	Seleção dos participantes e contactos .....	91
3.1.1.2.2.	Procedimentos de recolha e entrevistas .....	93
3.1.1.3.	Procedimentos de análise .....	97
4.	HISTÓRIAS DE VIDA DE JOVENS REFUGIADOS SÍRIOS EM GAZIANTEP, TURQUIA.....	99
4.1.	Caraterísticas dos jovens.....	100
4.2.	Maya .....	101
4.2.1.	Caraterísticas sociodemográficas .....	101
4.2.2.	História de vida .....	101
4.3.	Mazen .....	110
4.3.1.	Caraterísticas sociodemográficas .....	110
4.3.2.	História de vida .....	111
4.4.	Mustafa .....	120
4.4.1.	Caraterísticas sociodemográficas .....	120
4.4.2.	História de vida .....	121
5.	ANÁLISE DE DADOS .....	134

6. CONCLUSÕES .....	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	147

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Principais países de acolhimento de refugiados, em 2023 .....	47
<b>Gráfico 2</b> - Pedidos de proteção internacional na Turquia por ano.....	48
<b>Gráfico 3</b> - Top 3 nacionalidades de pedidos de proteção internacional na Turquia, em 2023.....	48
<b>Gráfico 4</b> - Sírios sob proteção temporária por ano.....	49
<b>Gráfico 5</b> - Sírios sob proteção temporária pelas 5 principais províncias, em 2024 .....	50
<b>Gráfico 6</b> - Sírios em Gaziantep de acordo com a cidade de origem, em 2022 .....	54
<b>Gráfico 7</b> - População de Gaziantep, em 2022.....	55
<b>Gráfico 8</b> - Beneficiários de proteção internacional na Turquia, em 2018 ..	60

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

- ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
- AIDA – Asylum Information Database
- ASAM - Association for Solidarity with Asylum Seekers and Migrants
- DGMM - Directorate General of Migration Management (Göç İdaresi Başkanlığı)
- ECRE - European Council on Refugees and Exiles
- EI – Estado Islâmico
- IGAM – İltica ve Göç Araştırma Merkezi (Research Centre on Asylum and Migration)
- LFIP - Law on Foreigners and International Protection
- MENA – Médio Oriente e Norte de África
- MIPEX - Migrant Integration Policies Index
- OING – Organização Internacional Não Governamental
- OIR – Organização Internacional para Refugiados
- ONG – Organização Não Governamental
- ONU – Organização das Nações Unidas
- PDMM - Provincial Directorate of Migration Management (Göç İdaresi İl Müdürlüğü)
- PMM – Presidency of Migration Management (Göç İdaresi Başkanlığı)
- SAT - Scholastic Aptitude Test
- TEC – Temporary Education Centers
- TPR – Temporary Protection Regime
- UE – União Europeia
- UNHCR – United Nations High Commissioner for Refugees
- YÖS - Yabancı Öğrenci Sınavı (Foreign Student Examination)
- YPG - Yekîneyên Parastina Gel (Unidades de Proteção das Mulheres)

## INTRODUÇÃO

As migrações dos povos entre os diversos locais do globo não são um fenómeno novo, mas algo que tem vindo a acompanhar as sociedades desde os tempos mais primórdios. Seja por motivos de catástrofes naturais, conflitos e guerras, procura de melhores condições laborais ou de vida, ou devido à globalização que alterou estes fenómenos e o perfil do migrante, as deslocações internas ou externas decorrem ao longo do tempo (Matias, 2016).

Um dos principais temas que caracteriza as migrações no século XXI é a atual crise dos refugiados, cuja deslocação massiva de pessoas em busca de asilo noutros países aumentou a um nível exponencial, principalmente ao longo da última década (ACNUR, 2022). No ano de 2015, o ano em que se atingiram recordes de pessoas deslocadas no mundo, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) registou uma média de 24 pessoas deslocadas por minuto, um aumento enorme comparativamente à década anterior em que se registaram apenas 6 pessoas deslocadas por minuto (UNHCR, 2016).

Em 2023, o número de deslocados forçados no mundo rondava os 110 milhões, dos quais 62.5 milhões eram pessoas deslocadas internamente, 36.4 milhões refugiados, 6.1 milhões requerentes de asilo e 5.3 milhões pessoas necessitadas de proteção internacional (UNHCR, 2023).

A Síria é o país de onde provém o maior número de refugiados e pessoas com necessidade de proteção internacional do mundo, cerca de 6.5 milhões de refugiados, seguida do Afeganistão e Ucrânia com 6.1 milhões e 5.9 milhões, respetivamente (UNHCR, 2023).

Os países que albergam o maior número de refugiados no mundo são a Turquia e o Irão, ambos com 3.4 milhões de refugiados e beneficiários de proteção internacional (UNHCR, 2023). Na Turquia é onde 64% dos refugiados sírios se encontram (UNHCR, 2022b). Aproximadamente 1 dos 3.4 milhões de refugiados e beneficiários de proteção internacional no país têm idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos de idade e, entre estes, 60% são do sexo masculino (UNHCR, 2018:1).

Dados do ACNUR (2021) mostram que dois terços dos refugiados no mundo vivem em condições de pobreza e sem acesso a direitos básicos como alimentação, saúde ou alojamento. Apenas 68% das crianças refugiadas frequentam a escola primária e 34% a escola secundária (UNHCR, 2021).

As constantes deslocações de indivíduos a nível mundial inevitavelmente trouxeram novas preocupações e a necessidade de novas abordagens por parte dos governos dos países de acolhimento afetados por estes massivos fluxos, desencadeando novas discussões em torno dos temas da integração e inclusão dos refugiados e beneficiários de proteção internacional (UNHCR, 2013).

Como o retorno seguro aos países de origem se revela difícil de conseguir em muitos dos casos, o ACNUR promove a integração local como uma das soluções duradouras para os refugiados, em que os indivíduos recebem asilo e são integrados na sociedade de acolhimento a nível legal, económico, social e cultural (UNHCR, 2005: 141).

Este estudo sobre a integração dos jovens refugiados sírios em Gaziantep, na Turquia, surge não só do interesse académico e científico que o tema tem, mas de uma experiência de voluntariado da investigadora na cidade em questão, onde viveu e conheceu de perto esta realidade. O contacto direto com jovens sírios em Gaziantep despertou na investigadora uma vontade de partilhar as histórias de vida e percursos de jovens que viveram na primeira pessoa o fenómeno das migrações forçadas e a integração no novo país de acolhimento, com os seus diversos desafios e oportunidades associados.

Ao longo da dissertação o termo “refugiado” é utilizado para se referir aos sírios que vivem em Gaziantep, não sendo alusivo apenas ao estatuto de refugiado segundo a Convenção da Organização das Nações Unidas de Genebra de 1951, mas pela categoria social em que os indivíduos se encontram devido à migração forçada a que foram sujeitos.

O estudo pretende dar a conhecer e partilhar a vida e a visão de quem vivencia o fenómeno das migrações forçadas, um grupo que é por vezes visto como igual, através da análise de casos concretos de jovens refugiados sírios que vivem em Gaziantep.

Ao descrever e analisar os percursos de vida dos jovens, percebendo as suas influências histórico-culturais e as memórias específicas de cada caso, é de salientar as diferenças entre cada um dos participantes e seus percursos, e a maneira singular como cada um deles encarou a mudança e integração na sociedade de acolhimento. A investigação procura também analisar as semelhanças entre os casos e verificar o que há de comum a todos os participantes na sua integração.

Este estudo procura aprofundar o conhecimento da sociedade em relação a estes casos ao humanizar estas pessoas, cujas singularidades e percursos de vida são muitas vezes pouco abrangidos pelas políticas de integração existentes.

A dissertação tem como principais objetivos:

- Analisar e compreender o percurso de vida dos jovens refugiados sírios através da realização de histórias de vida, desde a infância e a sua vida na Síria anterior à deslocação, ao momento da fuga, a chegada à Turquia e a sua situação atual no país;
- Investigar de que forma ocorre a integração na sociedade de acolhimento (a nível escolar, laboral, social e cultural), perceber as dificuldades e obstáculos desse processo e de que forma isso impactou, ou não, a sua integração no país;
- Aumentar a informação existente acerca da situação de jovens refugiados sírios na Turquia, nomeadamente na cidade de Gaziantep.

Segundo Magano (2012), as questões de partida são um passo “essencial para garantir a objetividade e neutralidade do investigador”, pelo que se selecionou a seguinte: De que modo ocorre a integração dos jovens refugiados sírios em Gaziantep?

Quanto às questões secundárias estas são:

- Que fatores permitem uma integração de sucesso em Gaziantep, aquando de uma migração forçada?
- Quais os obstáculos e adversidades vividos pelos jovens na chegada a Gaziantep?
- Qual o impacto dos percursos de vida dos jovens refugiados sírios na sua integração?

- Há desejo por parte dos jovens de regressarem ao país de origem, sabendo as implicações de um regresso em segurança?

A presente investigação visa fornecer informações acerca da atual situação dos jovens refugiados sírios no país e dos desafios e oportunidades que estes enfrentam ao nível da sua integração. Pretende dar a conhecer a visão dos protagonistas das histórias e promover uma reflexão acerca de um tema tão atual e tão presente na sociedade.

Quanto à organização dos capítulos, a dissertação divide-se em cinco capítulos. O primeiro capítulo é dedicado ao enquadramento teórico, onde se clarifica conceitos e teorias relacionados com o conceito de refugiado e proteção internacional, integração social e os seus diferentes modelos, assim como os fatores influenciadores desta mesma integração segundo a literatura existente. Ainda no primeiro capítulo, aborda-se a integração social dos jovens refugiados, focada nas especificidades deste público-alvo.

No segundo capítulo faz-se uma revisão dos movimentos migratórios e contexto dos estrangeiros e proteção internacional na Turquia e estatutos de proteção aí concedidos, assim como se descreve a cidade de Gaziantep antes e depois do massivo influxo de sírios. Apresenta-se ainda, através de dados quantitativos, o número de sírios que se encontram no país e na cidade e as condições em que habitam e, para melhor perceção destes dados, aborda-se o êxodo sírio e as causas que levaram a tal. Para além disso, a integração social na Turquia de jovens refugiados sírios e as políticas de integração existentes no país são também apresentadas, assim como a própria perspetiva dos refugiados quanto ao tema.

O terceiro capítulo é o enquadramento metodológico, no qual se expõe a metodologia utilizada, etapas e dificuldades da pesquisa, e o quarto capítulo é dedicado às histórias de vida dos jovens investigados. A respetiva análise dos dados recolhidos faz-se no quinto capítulo, focada nos seus percursos, diferenças e similaridades e principalmente em questões relacionadas com a integração em Gaziantep.

No sexto capítulo apresentam-se as conclusões retiradas da investigação destacando, para além de fatores maioritariamente relacionados com a integração

dos jovens, algumas das limitações da amostra de participantes escolhida e ainda sugestões para que as políticas de integração existentes possam ir de encontro às necessidades deste grupo.

# 1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

## 1.1. Clarificação do conceito de Refugiado (dentro e fora da Convenção de Genebra) e Proteção Internacional

Um dos principais temas que caracteriza os fenómenos migratórios do século XXI é a atual crise de refugiados, cujo pico ocorreu em 2015. Esta crise é consequência da guerra civil síria, originária em 2011, e personificada nos milhares de imagens de refugiados a cruzar o Mediterrâneo numa tentativa de chegarem à Europa (ACNUR, 2022).

Devido à utilização em diversas e variadas situações da palavra refugiado pela comunicação social e público em geral, considera-se fundamental a clarificação deste conceito e a distinção do mesmo, desde a sua origem à sua definição dentro e fora da Convenção de Genebra de 1951 e do protocolo adicional à Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1967, assim como do conceito de proteção internacional.

### 1.1.1. Refugiado – origem do conceito

Durante o século XX, a Europa foi palco das duas grandes guerras mundiais, fenómenos que influenciaram os movimentos migratórios em massa e aumentaram o fluxo de migrantes que deixavam o seu país por questões de insegurança, nestes casos, para fugir à guerra (Barichello & Araújo, 2015). Isto levou à necessidade de os estados estabelecerem políticas de proteção para estes indivíduos que garantissem os seus direitos, assim como um conjunto de leis humanitárias e leis dos direitos humanos, o que deu origem ao reconhecimento internacional do estatuto de refugiado (Barichello & Araújo, 2015).

Após o final da 1ª Guerra Mundial, em 1919, surgiu a Sociedade das Nações, a primeira organização internacional para a qual as potências vencedoras da guerra assinaram um acordo destinado a assegurar a paz mundial (United Nations, s.d.). Esta sociedade tinha como principal objetivo:

Promote international co-operation and to achieve international peace and security by the acceptance of obligations not to resort to war; by the

prescription of open, just and honourable relations between nation; by the firm establishment of the understandings of international law as the actual rule of conduct among Governments; and by the maintenance of justice and a scrupulous respect for all treaty obligations in the dealings of organized people with one another<sup>1</sup> (League of Nations, 1920).

Partindo de atividades da Sociedade das Nações, que apresentava preocupações relativas ao aumento do número de refugiados no mundo, implementou-se o Instituto do Refúgio por meio de três fases, que vieram marcar a evolução do reconhecimento do estatuto de refugiado (Barichello & Araújo, 2015: 65). A primeira fase, de 1920 a 1935, ocorreu com uma abordagem jurídica, na qual o reconhecimento do refugiado se dava consoante a sua pertença a um determinado grupo com necessidade de proteção após a Primeira Guerra Mundial (Hathaway, 1990: 137). De 1935 a 1939, surgiu uma abordagem social, fase em que a assistência internacional dada a determinados grupos de refugiados ocorria em detrimento de acontecimentos políticos e sociais, principalmente relacionados com o Nazismo (Hathaway, 1990: 138). Por último, com uma abordagem individualista (1938-1950), em que se analisava individualmente o caso singular de cada requerente de asilo (Hathaway, 1990: 139).

A procura do reconhecimento do estatuto de refugiado surgiu principalmente com o término da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Revolução Russa (1917) e o Genocídio Arménio (1915-1923), que trouxeram à tona novas preocupações com os direitos humanos que nestes períodos haviam sido violados (Hathaway, 1990: 136; UNHCR, 2005: 5; Hirose, 2021).

As quedas dos impérios russo, austro-húngaro e otomano, e a alteração da Europa centro-oriental após a assinatura de tratados de paz (Barichello & Araújo, 2015: 65) provocaram a deslocação massiva de milhares de pessoas a outros países e, pela primeira vez, o mundo deparou-se com uma enorme quantidade de refugiados e deslocados (Hirose, 2021).

---

<sup>1</sup> Tradução livre da autora: Promover a cooperação internacional e alcançar a paz e a segurança internacionais através da aceitação das obrigações de não recorrer à guerra; pela prescrição de relações abertas, justas e honradas entre as nações; pelo firme estabelecimento dos entendimentos do direito internacional como a verdadeira regra de conduta entre os governos; e pela manutenção da justiça e respeito escrupuloso de todas as obrigações do tratado nas relações das pessoas organizadas entre si. (Liga das Nações, 1920).

A Liga das Nações, em conjunto com o Comité Internacional da Cruz Vermelha, criou em 1921 a primeira organização internacional para proteção de refugiados, o Alto Comissariado para Refugiados Russos, cujo objetivo era socorrer os quase dois milhões de russos forçados a deixar o país após a revolução, definir a sua situação jurídica e mais tarde, em 1924, proteger também os arménios, vítimas do primeiro grande genocídio do século XX (Barichello & Araújo, 2015). Nesta fase inicial, refugiado definia-se de acordo com a nacionalidade ou grupo étnico, como o caso dos refugiados russos e arménios, e não devido a uma condição individual do sujeito (Hirose, 2021).

Através da criação do passaporte Nansen, por parte do norueguês Fridtojf Nansen, concedeu-se aos refugiados russos o estatuto de “pessoa de origem russa que não adquiriu outra nacionalidade” (Hirose, 2021). Foi-lhes permitido a transferência dos lugares onde se encontravam ilegalmente para outros países signatários da Sociedade das Nações e, mais tarde, este documento foi ampliado aos refugiados arménios vítimas do extermínio por parte do Império Otomano (Hirose, 2021).

Em 1933, aprovou-se a Convenção Relativa ao Estatuto Internacional dos Refugiados, na qual “uma série de direitos que os refugiados receberam foram especificados, incluindo educação, emprego no país recetor e documentos de viagem” (Loescher, 1993 *apud* Barichello & Araújo, 2015: 68), de maneira que os refugiados tivessem um sistema de proteção mais permanente (Hirose, 2021).

Em 1936, devido às perseguições que os judeus sofriam na Alemanha às mãos do governo nazista de Adolf Hitler, criou-se o Alto Comissariado para os Refugiados da Alemanha, que defendia que “os refugiados não deveriam ser devolvidos à fronteira do Reich” (League of Nations, 1936 *apud* Barichello & Araújo, 2015: 68), estabelecendo a proibição da devolução dos refugiados (*non-refoulement*) a um território onde a sua vida se encontrava em perigo ou ameaçada (Barichello & Araújo, 2015: 68).

Na última das fases enunciadas por Hathaway (1990), a partir de 1938 e influenciada pela ascensão do nazismo na Alemanha, a definição jurídica do conceito de refugiado passa para o indivíduo e o seu caso pessoal. A pessoa tem de demonstrar que está a ser perseguida, focando-se na análise individual de

cada caso e nas motivações que levaram à deslocação (Barichello & Araújo, 2015: 69). “No longer was it enough to be a member of a group of displaced or stateless persons; rather, a particularized analysis of each claimant's motives for flight was requisite to recognition as a refugee”<sup>2</sup> (Hathaway, 1990: 139).

Durante a Segunda Guerra Mundial, os acontecimentos ocorridos na Alemanha nazista culminaram na extinção da Sociedade das Nações, incapaz de assegurar a paz mundial e, em 1945, foi criada a Organização das Nações Unidas (Hirose, 2021), cujos objetivos principais eram “assegurar a paz e a segurança internacionais, bem como promover a cooperação internacional a fim de atingir o desenvolvimento socioeconómico e o respeito aos direitos humanos” (Barichello & Araújo, 2015: 70).

Através da ONU e com a crescente preocupação com os refugiados, criou-se a Organização Internacional para Refugiados, com vista a solucionar a problemática da deslocação dos refugiados através do “repatriamento; identificação, registo e classificação; cuidados e assistência; proteção política e jurídica; reassentamento e restabelecimento das pessoas refugiadas” (Hirose, 2021). Em 1951, a OIR extinguiu-se para dar origem ao Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), que atua para proteger os direitos dos refugiados a nível mundial (Hirose, 2021; UNHCR, 2005).

As duas grandes guerras foram impulsionadoras para a preocupação da comunidade internacional com a dignidade humana e para o reconhecimento internacional do estatuto de refugiado (Barichello & Araújo, 2015).

O sofrimento inenarrável vivenciado por milhões de criaturas humanas que sobreviveram à grande catástrofe do século XX, a Segunda Guerra Mundial (que ceifou a vida de mais de quarenta milhões de pessoas), levou as Nações Unidas a elaborar uma das mais importantes convenções internacionais, que regula a situação jurídica dos refugiados (Dolinger, 1996: 209 *apud* Barichello & Araújo, 2015).

---

<sup>2</sup> Tradução livre da autora: “Já não bastava ser membro de um grupo de pessoas deslocadas ou apátridas; em vez disso, uma análise particularizada dos motivos de fuga de cada requerente era necessária para o reconhecimento como refugiado” (Hathaway, 1990: 139)

### **1.1.2. Refugiado segundo a Convenção da Organização das Nações Unidas de Genebra de 1951 e o protocolo adicional à Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1967**

A Convenção da Organização das Nações Unidas de Genebra de 1951, onde se elaborou o estatuto dos refugiados e a sua definição e direitos básicos, é o eixo central da proteção internacional dos refugiados e adota um único significado deste mesmo conceito (UNHCR, 2010). Segundo a Convenção, um refugiado é:

Qualquer pessoa que, em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, encontra-se fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade encontra-se fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele (ACNUR, 1951).

A Convenção de Genebra de 1951 identifica quatro elementos que definem esta mesma condição: é necessário que o refugiado esteja fora do seu país de origem; o seu Estado de origem tem de estar incapaz de oferecer proteção ou facilitar o seu retorno; essa incapacidade ou falta de vontade deve estar relacionada com um fundamentado medo de perseguição que leva ao deslocamento; a perseguição é temida devido a razões de raça, nacionalidade, religião, opinião política ou pertença a um determinado grupo social (ACNUR, 1951).

Esta Convenção, para além de apresentar uma definição do conceito de refugiado até então não elaborada, sustenta-se a partir de vários princípios fundamentais, sendo os principais o da não discriminação, não penalização e não devolução (Barichello & Araújo, 2015: 73). Determina que nenhum indivíduo protegido por este estatuto deve ser expulso ou devolvido contra a sua vontade a qualquer local onde o mesmo se sinta inseguro ou ameaçado (UNHCR, 2010).

A Convenção estipula ainda que nenhum refugiado deve ser penalizado ao entrar ou manter-se de forma ilegal num país (Artigo 31, ACNUR, 1951), reconhecendo que a procura de asilo pode levar os refugiados a quebrar as leis de entrada e permanência de estrangeiros (UNHCR, 2010).

Em relação ao protocolo adicional à Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1967, procurou eliminar as limitações geográficas e temporais abrangidas pela frase “em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951”, retirando a mesma. Deste modo, refugiado define-se como:

Qualquer pessoa que se enquadre na definição dada no artigo primeiro da Convenção, como se as palavras «em decorrência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e...» e as palavras «...como consequência de tais acontecimentos» não figurassem do §2 da seção A do artigo primeiro (Nações Unidas, 1967).

A proteção de pessoas com este estatuto tem vários encargos, desde a proibição da expulsão ou devolução das pessoas ao país de origem, caso o mesmo não seja seguro, o acesso a um processo de pedido de asilo justo, o acesso à assistência dos estados e do ACNUR, e a garantia de que sejam assegurados os seus direitos básicos como o acesso à educação, a um emprego remunerado, documentação, habitação e liberdade de circulação (Edwards, 2015; Nações Unidas, 2004). Um refugiado tem também vários deveres e obrigações para com o país de acolhimento, nomeadamente cumprir com as normas e leis nacionais para preservação da ordem pública (UNHCR, 2010).

A Convenção de 1951 e o seu protocolo adicional não se aplicam, no entanto, aos indivíduos que se considerem culpados de crimes de guerra, crimes contra a humanidade, crimes graves de delito comum, crimes não políticos graves ou com atos contrários aos princípios das Nações Unidas (Artigo 1, ACNUR, 1995).

Este conceito, ao ser bastante restritivo, exclui dos direitos abrangidos pela Convenção os indivíduos que foram forçados a deixar o seu país por questões que não sejam a perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas. Deste modo, pessoas que abandonaram o país de

origem por outros motivos como conflitos armados, violência e desastres naturais e não se encontram ao abrigo da Convenção “must make do with whatever protection and assistance states and international institutions are prepared to offer”<sup>3</sup> (Hathaway, 1990: 134).

### 1.1.3. Proteção Internacional

A proteção internacional inicia-se com a admissão dos refugiados num país seguro de asilo e o respeito pelos seus direitos humanos fundamentais, pelo que o direito internacional dos refugiados se encontra estreitamente ligado ao direito internacional dos direitos humanos (UNHCR, 2005: 30). Proteção internacional pode ser definida como:

All actions aimed at ensuring the equal access to and enjoyment of the rights of women, men, girls and boys of concern to UNHCR, in accordance with the relevant bodies of law (including international humanitarian, human rights and refugee law)<sup>4</sup> (UNHCR, 2005: 5).

Segundo o artigo 14 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (UNESCO, 1998), “toda a pessoa, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de beneficiar de asilo em outros países”. Apesar da norma se focar nas vítimas de perseguição, ou seja, nos refugiados cujo estatuto é reconhecido pela Convenção de Genebra de 1951, o direito à procura e benefício de asilo abrange qualquer pessoa que se deslocou para escapar de conflitos armados, guerras, perseguições étnicas, religiosas, violência, violação de direitos humanos ou também desastres naturais (OIM, 2009; UNHCR, 2005: 30), “since human rights law applies to everyone, including refugees, regardless of their legal status”<sup>5</sup> (UNHCR, 2005: 31). Grande parte das vezes, a situação destes indivíduos é de

---

<sup>3</sup> Tradução livre da autora: “deve contentar-se com qualquer proteção e assistência que os estados e as instituições internacionais estejam preparados para oferecer” (Hathaway, 1990: 134).

<sup>4</sup> Tradução livre da autora: Todas as ações destinadas a garantir a igualdade de acesso e gozo dos direitos das mulheres, homens, meninas e meninos sob alçada do ACNUR, de acordo com os órgãos jurídicos relevantes (incluindo o direito internacional humanitário, os direitos humanos e os direitos dos refugiados). (UNHCR, 2005: 5).

<sup>5</sup> Tradução livre da autora: “uma vez que a legislação em matéria de direitos humanos se aplica a todos, incluindo os refugiados, independentemente do seu estatuto jurídico” (UNHCR, 2005: 31).

tal modo insustentável que os obriga a sair do seu país de origem e cruzar fronteiras à procura de proteção internacional (UNHCR, 2005).

O Glossário sobre Migração (OIM, 2009: 62) define estes indivíduos como “refugiado de facto”, ou seja:

    pessoa a quem não é reconhecido o estatuto de refugiado tal como é definido na Convenção da ONU relativa ao Estatuto dos Refugiados, de 1951, e no Protocolo relativo ao Estatuto dos Refugiados, de 1967, e que não pode ou (por razões tidas como válidas) não quer regressar ao país da sua nacionalidade ou, se não tiver nacionalidade, ao país da sua residência habitual.

Os indivíduos devem beneficiar das liberdades e direitos reconhecidos no domínio dos direitos humanos, tais como o direito à vida, à proteção contra tortura e violência, o direito à liberdade de circulação e o direito a não ser forçado a regressar a um país onde se sinta ameaçado (princípio do *non-refoulement*) (Nações Unidas, 2004: 15). Devem também ser dadas a estas pessoas as condições mínimas de dignidade, das quais muitas das vezes se viram forçadas a abdicar aquando do abandono dos países ou locais de origem (Nações Unidas, 2004; UNHCR, 2005).

Os deslocados internos são outra preocupação da comunidade internacional. São indivíduos que foram obrigados a abandonar o seu local de origem também por razões de conflito armado, violência, perseguições ou desastres naturais como secas, terremotos ou furacões, mas que não atravessaram nenhuma fronteira internacional reconhecida e se mantiveram no seu país (Nações Unidas, 2004: 4). Isto exclui estas pessoas do sistema de proteção garantido aos refugiados reconhecidos pela Convenção de Genebra ou de qualquer outro sistema de proteção internacional, o que as torna um grupo extremamente vulnerável (Nações Unidas, 2004: 4).

Estas deslocações de pessoas, internas ou externas, são sempre involuntárias, “ninguém é refugiado por gosto ou opção” (Nações Unidas, 2004: 3).

Nos casos de fluxos massivos, alguns Estados providenciam estatutos de proteção subsidiária ou temporária, de acordo com os padrões mínimos baseados

na Convenção de Genebra, adiando a determinação dos estatutos de refugiado, o que dificulta a possibilidade de construção de uma nova vida para estas pessoas (UNHCR, 2005: 112). Caso as condições no país de origem se alterem e possam regressar de forma segura, estes estatutos podem ser levantados, possibilitando o seu retorno (UNHCR, 2005: 112). Estes estatutos são dados ao nacional de um país terceiro que não preencha os critérios para o estatuto de refugiado, mas havendo motivos significativos de vir a sofrer ofensas graves caso regresse ao país de origem (AIDA, 2022b: 23).

O regime de proteção temporária é um mecanismo de urgência que, no caso de um influxo massivo de pessoas deslocadas impossibilitadas de regressar ao país de origem, lhes assegura proteção temporária imediata e lhes permite beneficiar de uma série de direitos (direito de residência, acesso ao mercado de trabalho, habitação, assistência social e cuidados de saúde) (OIM, 2009: 58).

É da responsabilidade dos Estados em que os indivíduos pediram asilo providenciar proteção internacional e assegurar que os seus direitos fundamentais são respeitados (UNHCR, 2005: 13). O ACNUR partilha da mesma responsabilidade de assistência humanitária, como “the only international organization with a specific mandate to protect refugees at the global level”<sup>6</sup> (UNHCR, 2005: 12).

No entanto, com a preocupação em deter os fluxos massivos de refugiados e requerentes de asilo, são por vezes aplicadas por alguns Estados medidas restritivas que não respeitam os direitos básicos destes indivíduos, seja durante a análise do processo de asilo ou mesmo após se conceder o estatuto necessário (Nações Unidas, 2004: 22). Isto pode levar ao aumento da discriminação e xenofobia e provocar tensões entre estes grupos minoritários e os nacionais do país de acolhimento. Ainda em diversos casos é violado o princípio do *non-refoulement*, nomeadamente nas fronteiras internacionais, e os requerentes de asilo são forçosamente enviados para os países de origem, onde as suas vidas e liberdade se encontram ameaçadas (Nações Unidas, 2004: 22).

---

<sup>6</sup> Tradução livre da autora: “a única organização internacional com um mandato específico para proteger os refugiados a nível global” (UNHCR, 2005: 12).

## 1.2. Soluções duradouras do ACNUR para os refugiados

Segundo o ACNUR (UNHCR, 2005: 137), uma solução duradoura é aquela que encerra o ciclo de deslocação e permite aos refugiados terem uma nova vida. As três soluções duradouras para os refugiados apresentadas pelo ACNUR são: o repatriamento voluntário, no qual os refugiados regressam de forma segura ao seu país de origem; a reinstalação, em que os indivíduos são transferidos para um terceiro país que aceita admiti-los de forma permanente; e a integração local, um processo complexo e gradual no qual os refugiados escolhem integrar-se localmente no país e na sociedade de acolhimento (UNHCR, 2005: 137).

O repatriamento voluntário é a solução que mais agrada aos refugiados, mas difícil de se conseguir, pois, o retorno seguro e digno aos países de origem apresenta muitas das vezes grandes obstáculos, tais como condições de segurança, a reconstrução de infraestruturas e a reestruturação da esfera económica, política e social do país de origem (UNHCR, 2005: 83). “Although most refugees would prefer to return to their countries of origin, there are often huge obstacles to achieving this durable solution, including insecure conditions in the country of origin”<sup>7</sup> (UNHCR, 2005: 83).

A reinstalação permite que os refugiados sejam permanentemente movimentados para um terceiro país que aceite o seu pedido de asilo, como forma de se partilhar responsabilidades entre os vários Estados e evitar sobrecargas dos mesmos (UNHCR, 2005: 143).

Not only would resettlement address the long-term protection needs of the individuals concerned, it could also improve the integration prospects of those allowed to stay permanently in the country of asylum, thus facilitating a sustainable solution for all those in the refugee population<sup>8</sup> (UNHCR, 2005: 143).

---

<sup>7</sup> Tradução livre da autora: “Embora a maioria dos refugiados prefira regressar aos seus países de origem, existem frequentemente enormes obstáculos para alcançar esta solução duradoura, incluindo condições inseguras no país de origem” (UNHCR, 2005: 83).

<sup>8</sup> Tradução livre da autora: A reinstalação não só responderia às necessidades de proteção a longo prazo dos indivíduos em causa, mas também poderia melhorar as perspetivas de integração daqueles que foram autorizados a permanecer permanentemente no país de asilo, facilitando assim uma solução sustentável para todos os membros da população refugiada. (UNHCR, 2005: 143).

Na integração local, o país de asilo providencia aos refugiados residência permanente, possibilitando a obtenção de cidadania, o que permite aos indivíduos dar início a uma nova vida (UNHCR, 2005: 141). Este é um processo gradual que decorre em três esferas: a legal, em que são garantidos ao refugiado direitos equivalentes aos dos nacionais, levando à obtenção de residência permanente; a económica, na qual os refugiados passam a ter menos dependência de ajuda humanitária e se tornam autossuficientes, contribuindo para a economia local; e a social e cultural, na qual a interação entre os indivíduos e a comunidade do país de acolhimento lhes permite que participem ativamente na vida social do novo país sem receio de serem discriminados (UNHCR, 2005: 142; Crisp, 2004). Este processo ocorre também aquando da reinstalação de refugiados num país terceiro, pois, o indivíduo passa por estas fases para estar totalmente integrado na nova sociedade de acolhimento.

Em qualquer das três soluções duradouras do ACNUR para os refugiados, integração social é algo que vem sempre inerente, seja pela necessidade de reintegração no país de origem e à sua nova realidade no caso do repatriamento voluntário, pois, muitas das vezes este se encontra em fase de reconstrução, seja na reinstalação e na integração local, em que os refugiados têm de se familiarizar com a cultura, língua e modo de vida do novo país de acolhimento (UNHCR, 2005: 141). A integração social ocorre através de ações que estimulem o contacto entre o indivíduo e a sociedade de acolhimento e ao usufruir de direitos relacionados com o acesso a documentação, liberdade de movimentação, emprego, habitação, educação, segurança social, cuidados de saúde, etc. (UNHCR, 2010).

### **1.3. Integração social**

Com o aumento dos fluxos migratórios e as cidades e países cada vez mais multiculturais, crescem as preocupações dos governos e das sociedades de acolhimento com os diferentes grupos populacionais, migrantes e refugiados que nestes lugares procuram novas oportunidades e melhores condições de vida. Isto levanta uma discussão em torno do conceito de integração social e do seu significado, tanto para os indivíduos como para as sociedades de acolhimento.

### 1.3.1. Conceito

Do ponto de vista sociológico, integração designa, num plano micro, a maneira como os indivíduos se incorporam num mesmo espaço social e, num plano macro, a forma como se conciliam os diferentes subsistemas sociais (Pires, 1999).

Este é um conceito que abrange não só migrantes e refugiados aquando da chegada ao país de acolhimento, mas qualquer indivíduo que se encontre numa situação vulnerável ou com comportamentos desviantes das normas sociais estabelecidas (em estado de pobreza, sem abrigos, toxicodependentes, comunidade cigana, etc.) e, deste modo, necessite de se integrar e viver em coesão com a sociedade, seja pela partilha de valores comuns, seja pelas interações sociais (Magano, 2010).

Integração social consiste num processo de incorporação em várias dimensões sociais, sendo que se espera a participação na dimensão económica (trabalho, produtividade e consumo), na dimensão social (serem mantidas interações sociais com a preservação de laços simbólicos e culturais), na sociedade global (pressupondo-se uma participação cívica efetiva na vida pública) e na dimensão simbólica, que consiste na partilha e adesão a normas e a valores comuns (Magano, 2010: 68).

A integração social é um processo dinâmico e cuja definição tem em conta diversos fatores e dimensões sociais, sendo possível que os indivíduos se encontrem integrados em certos sistemas e em outros não (Magano, 2010: 69).

Os fatores que influenciam a integração social de um indivíduo na sociedade e que podem levar à exclusão vão desde a falta de rede de contactos, fatores de origem legal no caso da imigração ilegal, situações de racismo e xenofobia, comportamentos autodestrutivos como o alcoolismo ou toxicodependência, falta de emprego e situações de pobreza, entre outros (Carmo, 2009).

Aquando da deslocação de indivíduos, forçada ou por decisão do próprio na busca de melhores condições de vida, há uma necessidade de adaptação à sociedade de acolhimento, à nova cultura, novas rotinas, ao novo contexto social, económico e político em que se encontra (Sousa et al., 2021: 23). Aborda-se

então o conceito de integração social para designar este processo de ajuste às novas condições em que o sujeito se encontra (Sousa et al., 2021: 23).

Apesar de cada vez mais serem discutidos programas para facilitar a integração dos migrantes e refugiados e, deste modo, promover a dignidade dos mesmos e a coesão social com a sociedade de acolhimento, o termo integração continua sem ter uma definição formal no contexto migratório, nem no Direito Internacional dos Refugiados (UNHCR, 2013). Segundo Castles et al. (2001: 12), “there is no single generally accepted definition, theory or model of immigrant and refugee integration. The concept continues to be controversial and hotly debated”<sup>9</sup>.

No entanto, o Glossário sobre Migração (OIM, 2009: 34) define integração como o “processo através do qual o imigrante é aceite na sociedade, quer na sua qualidade de indivíduo quer de membro de um grupo”, referindo ainda que a responsabilidade pela integração se deve a diversos atores - o indivíduo, o governo e instituições do país de acolhimento e a comunidade local.

Akar & Erdoğan (2018) complementam esta ideia, definindo integração como o processo no qual pessoas de diferentes grupos étnicos participam na sociedade, havendo sempre duas partes envolvidas: os imigrantes e a sociedade de acolhimento. “Integration is a two-way process: it requires adaptation on the part of the newcomer but also by the host society”<sup>10</sup> (Castles et al., 2001: 143).

Para Stubbs (1996 *apud* Şimşek & Çorabatır, 2016: 22) e Magano (2010: 74), os fatores determinantes para o sucesso da integração são a facilitação na partilha de recursos (económicos ou sociais), a igualdade nos direitos (semelhantes aos concedidos aos nacionais do país de acolhimento) e o desenvolvimento de trocas culturais entre os migrantes e os membros da sociedade local, desenvolvendo-se sentimentos de ligação com a mesma.

Integração social acaba por ser um fenómeno multidimensional, com uma interligação entre a esfera individual e a esfera social, e em que é necessário um processo de adaptação e de gestão de expectativas de todos os envolvidos para que os indivíduos se possam tornar parte integrante da sociedade de

---

<sup>9</sup> Tradução livre da autora: “não existe uma definição, teoria ou modelo único geralmente aceite de integração de imigrantes e refugiados. O conceito continua a ser controverso e calorosamente debatido” (Castles et al. 2001: 12).

<sup>10</sup> Tradução livre da autora: “A integração é um processo bidirecional: requer adaptação por parte do recém-chegado, mas também por parte da sociedade anfitriã” (Castles et al., 2001: 143).

acolhimento, sem perderem a sua identidade cultural (Castles et al., 2001: 116; Hynes, 2011 *apud* Sousa et al, 2021: 23; Kuhlman, 1990 *apud* Akar & Erdoğan, 2018: 929; Ager & Strang, 2008).

Integration is understood as the end product of a dynamic and multifaceted two-way process with three interrelated dimensions: a legal, an economic and a social-cultural dimension. Integration requires efforts by all parties concerned, including preparedness on the part of refugees to adapt to the host society without having to forego their own cultural identity, and a corresponding readiness on the part of host communities and public institutions to welcome refugees and to meet the needs of a diverse population<sup>11</sup> (UNHCR, 2013).

Da perspectiva do país de acolhimento, integração social requer uma adaptação das instituições e acesso a recursos consoante o perfil da população, e a aceitação dos refugiados como parte integrante da comunidade (European Council on Refugees and Exile, 1999: 29). “A combination of dimensions and processes – namely legal, economic, social and cultural – that gives refugees the opportunity to attain rights and achieve self-reliance in the host country is a vital strategy for refugee integration”<sup>12</sup> (Şimşek & Çorabatır, 2016: 14).

É importante ter em conta que a complexidade do processo de integração se deve muito ao facto de haver uma grande diversidade de atores envolvidos que interagem entre si - o Estado, o grupo no qual se inserem os indivíduos e os indivíduos em si (Costa, 2015: 57).

A falta de uma definição única deste conceito, e sendo este muito vago reflete a sua complexidade, e a possibilidade de um indivíduo se integrar numa esfera da sociedade e não em outras, possibilitando também ao indivíduo manter

---

<sup>11</sup> Tradução livre da autora: A integração é entendida como o produto final de um processo bidirecional, dinâmico e multifacetado, com três dimensões inter-relacionadas: uma dimensão jurídica, uma dimensão económica e uma dimensão sociocultural. A integração exige esforços por parte de todas as partes envolvidas, incluindo a preparação por parte dos refugiados para se adaptarem à sociedade de acolhimento sem terem de renunciar à sua própria identidade cultural, e uma disponibilidade correspondente por parte das comunidades de acolhimento e das instituições públicas para acolher os refugiados e satisfazer as necessidades de uma população diversificada. (UNHCR, 2013).

<sup>12</sup> Tradução livre da autora: “Uma combinação de dimensões e processos – nomeadamente legais, económicos, sociais e culturais – que dá aos refugiados a oportunidade de obter direitos e alcançar a autossuficiência no país anfitrião é uma estratégia vital para a integração dos refugiados” (Şimşek & Çorabatır, 2016: 14).

laços fortes com a cultura e comunidade do país de origem (UNHCR, 2013). Isto pode ser visto como falta de compromisso para com a sociedade de acolhimento, mas para o indivíduo “may simply be a way of living which allows him or her to span geographic space and retain or create multiple belongings and affiliations which may actually assist integration by offering emotional or even financial security”<sup>13</sup> (UNHCR, 2013: 13).

### **1.3.2. Diferentes modelos de integração social**

Segundo Costa (2015: 57), é possível abordar dois modelos de integração: o modelo multiculturalista e o assimilacionista.

#### **1.3.2.1. Multiculturalismo**

O modelo do multiculturalismo supõe que, no processo de integração, “ninguém pode ser obrigado a renunciar à sua cultura de origem, pois esta serve de referencial para que cada um perceba o seu lugar no mundo e escolha o modo como pretende viver a sua vida” (Costa, 2015: 57). Num mundo em que diferentes indivíduos e culturas convivem no mesmo espaço, o multiculturalismo designa esta coexistência de grupos e modelos culturais diferentes numa mesma sociedade, privilegiando a heterogeneidade cultural (Santos, 2001), reconhecendo os grupos minoritários e a “preservação dos seus princípios e práticas na esfera pública” (Costa, 2015: 57).

Castles et al. (2001: 143) aborda a importância de, numa sociedade multicultural, integração social ser associada aos direitos civis, sociais, humanos e culturais adquiridos, que se traduzem numa maior igualdade entre todos, e em que os grupos minoritários têm o direito de manter as suas identidades culturais como um direito intrínseco à democracia.

---

<sup>13</sup> Tradução livre da autora: “pode ser simplesmente um modo de vida que lhe permite abranger o espaço geográfico e reter ou criar múltiplos pertences e afiliações que podem ajudar a integração, oferecendo segurança emocional ou mesmo financeira” (UNHCR, 2013: 13).

### **1.3.2.2. Assimilação**

Devido às múltiplas dimensões que o conceito apresenta, integração pode ainda ser usado de forma normativa, implicando o processo de adaptação apenas dos migrantes à sociedade de acolhimento (Castles et al., 2001: 114). Desta forma, os migrantes encaixam na cultura dominante do país de acolhimento sem se reconhecer a diversidade cultural existente nos diferentes grupos étnicos, sendo uma forma de assimilação (Castles et al., 2001: 114).

Na perspetiva da assimilação como forma de integração é esperado que os migrantes abandonem os seus valores culturais, tradições, idioma, adotando os valores e práticas do grupo dominante e integrando-se na sociedade de acolhimento sem qualquer retorno por parte da mesma (Castles et al., 2001: 116).

Procura promover a aquisição pelo imigrante das práticas e dos valores que caracterizam a comunidade na qual ingressa, com as quais poderá ter uma maior ou menor identificação, mas que lhe permitirão o estabelecimento das relações sociais necessárias para a obtenção de um trabalho e da subsequente ascensão social (Costa, 2015: 57).

Para além de ser uma perspetiva que se baseia num modelo individualista, é ainda uma perspetiva que contraria e desvaloriza a diversidade e liberdade de escolha, ao impor aos grupos minoritários uma nova identidade cultural (Castles et al., 2001: 116).

Segundo a OIM (2009: 10), assimilação é a:

Adaptação de um grupo étnico ou social geralmente uma minoria a outro grupo. A assimilação corresponde a uma subordinação à língua, às tradições, aos valores e aos comportamentos ou mesmo aos interesses vitais fundamentais e a uma alteração no sentimento de pertença.

### **1.3.3. Fatores influenciadores na integração social de refugiados**

No decorrer de uma migração há diversos fatores que impactam e influenciam o sucesso da integração no país de acolhimento, desde a origem social do indivíduo, as circunstâncias da migração, o acolhimento no país a que

chega, a existência de uma rede de contactos nesse país e a flexibilidade do indivíduo na adaptação ao meio social e profissional (Sousa, 1999: 54).

Um dos primeiros investigadores da temática da integração de refugiados foi Paul Stein (Joly, 1996 *apud* Sousa et al, 2021: 24), que divide a integração dos mesmos em quatro períodos: o período de chegada, no qual os refugiados se confrontam com o que perderam; os primeiros anos, nos quais procuram reconstruir e recomeçar as suas vidas no país de acolhimento; após quatro ou cinco anos, em que já alcançaram grande parte da adaptação; e após dez anos, em que, finalmente, atingem estabilidade e integração.

Este é um processo que decorre durante um longo período da vida do refugiado, sendo algo que apenas se considera como concluído quando o indivíduo se converte num membro ativo da sociedade de acolhimento de uma perspetiva legal, social, económica, política e cultural, usufrui dos mesmos direitos e oportunidades que os nacionais de tal país, com acesso digno ao mercado de trabalho, educação, habitação e cuidados de saúde e não se encontra sob perigo físico ou ameaças (European Council on Refugees and Exile, 1999: 29; Jacobsen, 2001).

Para Ager e Strang (2008: 170), os fatores chave da integração de refugiados dividem-se em quatro domínios: *markers and means* (emprego, habitação, educação e saúde); *social connection* (laços e relações com a sociedade de acolhimento); *facilitators* (conhecimento cultural e da linguagem, segurança e estabilidade); e *foundation* (direitos e cidadania).

Quando se fala das diferentes etapas existentes no processo de integração de refugiados, fala-se também de fatores que variam desde os direitos de cidadania dos mesmos no país de acolhimento, às motivações da fuga e os traumas psicológicos que a mesma provocou (Sousa, 1999: 55).

A chegada a um novo país com uma diferente cultura, língua e onde muitas das vezes os migrantes não têm qualquer rede de suporte, pode provocar no indivíduo o chamado “choque de culturas”, caracterizado como “(...) the anxiety that results from losing all our familiar signs and the symbols of social intercourse”<sup>14</sup> (Oberg, 1960 *apud* Sousa, 1999: 55). A perda de contacto com o país de origem e

---

<sup>14</sup> Tradução livre da autora: “(...) a ansiedade que resulta da perda de todos os nossos sinais familiares e dos símbolos do convívio social” (Oberg, 1960 *apud* Sousa, 1999).

com os símbolos a ele associados pode gerar um confronto identitário na pessoa, que se vê obrigada a lidar com uma nova realidade que difere da sua conhecida (Sousa, 1999: 55).

Visto que os refugiados não têm qualquer controlo sobre os fatores que os levam a deixar o país de origem e acontecendo isto maioritariamente sem grande planeamento ou preparação prévia, há um sentimento de rutura temporal e espacial associado à mudança, o que intensifica a necessidade de iniciarem um trajeto de interação com a nova sociedade, enquanto ocorre a reconstrução da sua identidade (Alcalá et al., 2008 *apud* Sousa et al, 2021: 25).

Ser um processo demorado e intenso impacta fortemente os indivíduos, pois, na grande parte das migrações forçadas há uma diminuição do estatuto económico e social da pessoa e a necessidade de adaptação à nova realidade em que se encontra, diferente da realidade do país de origem (European Council on Refugees and Exile, 1999: 29).

Alguns dos fatores que podem também dificultar a integração de refugiados aquando da sua chegada ao país de acolhimento estão relacionados com a falta de clarificação do seu estatuto e os longos períodos de espera para obtenção de residência (Pennix 2003 *apud* Akar & Erdoğan, 2018: 930).

Castles et al. (2001) indica que “integration processes of migrants and refugees may vary in relation to their circumstances in the receiving society”<sup>15</sup>. Em relação a estas circunstâncias, ou seja, os parâmetros considerados fundamentais para o sucesso do processo de integração do refugiado, o ACNUR identifica três dimensões específicas: o processo legal, o económico e o social e cultural (UNHCR, 2013).

Como processo legal, os refugiados devem usufruir de direitos equivalentes aos dos cidadãos do país, tais como a liberdade de movimentos, o acesso ao mercado de trabalho, educação, cuidados de saúde, assistência social, a obtenção de documentos de viagem e de identidade válidos, o direito à reunificação familiar e, mais tarde, à residência permanente (UNHCR, 2013).

Segundo o ACNUR (UNHCR, 2013), na dimensão económica estes indivíduos devem alcançar um nível de autossuficiência no qual procuram eles

---

<sup>15</sup> Tradução livre da autora: “os processos de integração de migrantes e refugiados podem variar em relação às suas circunstâncias na sociedade de acolhimento” Castles et al. (2001).

próprios os seus meios de subsistência e contribuem para a economia do país de acolhimento. Quanto à dimensão social e cultural, os refugiados encontram-se adaptados à sociedade local quando vivem em harmonia com a mesma, sem situações de discriminação ou exploração e contribuem para a sua esfera social e cultural (UNHCR, 2013).

Kuhlman (1990 *apud* Akar & Erdoğan, 2018: 930) e o seu modelo de integração de refugiados sugere que há dois tipos gerais de instituições que determinam a integração – as instituições públicas da sociedade de acolhimento responsáveis pelas leis e regulações, como por exemplo, o sistema educativo ou o mercado de trabalho; e as instituições culturais ou religiosas, que criam oportunidades para os indivíduos e eventualmente ajudam na integração social na comunidade. Refere também a intervenção das duas partes no processo de integração, os refugiados com as suas características individuais ou de grupo, e a sociedade de acolhimento juntamente com as suas instituições e políticas de integração (Kuhlman, 1990 *apud* Akar & Erdoğan, 2018: 930).

O facto de haver um grande número de refugiados estabelecidos nos centros urbanos, mais do que em campos de refugiados, torna inevitável o contacto e convivência entre eles e a comunidade local (Kirişci et al., 2018). Jacobsen (2001: 11) afirma que “two of the main reasons for host governments’ resistance to refugee settlement amongst the host community are security problems and resource burdens”<sup>16</sup>, sendo os refugiados na maioria das vezes culpabilizados por problemas já existentes anteriormente. “One security problem that particularly affects self-settled refugees is clashes between refugees and local people”<sup>17</sup> (Jacobsen, 2011: 14).

A simpatia e apoio iniciais por parte da sociedade de acolhimento para com os refugiados pode converter-se em hostilidade quando os mesmos passam a ser vistos como agravadores dos problemas económicos e sociais do país, acontecendo principalmente quando os números de refugiados aumentam

---

<sup>16</sup> Tradução livre da autora: “duas das principais razões para a resistência dos governos anfitriões ao assentamento de refugiados entre a comunidade anfitriã são problemas de segurança e encargos de recursos” (Jacobsen, 2001: 11).

<sup>17</sup> Tradução livre da autora: “Um problema de segurança que afeta particularmente os refugiados autoestabelecidos são os confrontos entre refugiados e populações locais” (Jacobsen, 2011: 14).

significativamente ou com a chegada de novos fluxos massivos (Jacobsen, 2001: 11).

“Os refugiados, enquanto grupo de estrangeiros particularmente vulnerável, são com muita frequência os alvos principais do ódio racista” (Nações Unidas, 2004: 24). O facto de os refugiados e imigrantes serem muitas das vezes considerados como “o outro” ou “o diferente”, devido à sua aparência física, língua, diferença de cultura, religião ou estatuto social tem também uma forte influência na sua integração (Jacobsen, 2001: 11), assim como a ideia de que este grupo tem mais benefícios do que os nacionais do país de acolhimento (Akar & Erdoğan, 2018: 933). “Feeling that refugees seem to have more benefits than locals can increase the tension and hostility between the two communities and turn immigration into a social/political issue where racism is used to exploit feelings of the local population”<sup>18</sup> (Akar & Erdoğan, 2018: 933).

Os refugiados que estão bem integrados na sociedade de acolhimento têm menos probabilidade de estarem sujeitos a tensões e hostilidades com a comunidade local, pois são considerados como parte integrante da mesma (Akar & Erdoğan, 2018: 933).

A intervenção do Estado e a articulação com diversas estruturas locais são fundamentais na solidificação do processo de integração de migrantes e refugiados (Jacobsen, 2001: 15). “When refugees are permitted to participate in the local economy, they contribute with their skills, labor and resources”<sup>19</sup> (Jacobsen, 2001: 15). A preocupação dos governos deve implicar uma integração a longo prazo focada nas especificidades deste grupo, que reflita a diversidade de experiências e com uma adaptação a casos concretos - “Access to immigrants to institutions, as well as to public and private goods and services, on a basis equal to national citizens and in a non-discriminatory way is a critical foundation for better integration”<sup>20</sup> (Şimşek & Çorabatır, 2016: 51).

---

<sup>18</sup> Tradução livre da autora: “Sentir que os refugiados parecem ter mais benefícios do que os locais pode aumentar a tensão e a hostilidade entre as duas comunidades e transformar a imigração numa questão social/política onde o racismo é usado para explorar os sentimentos da população local” (Akar & Erdoğan, 2018: 933).

<sup>19</sup> Tradução livre da autora: “Quando os refugiados são autorizados a participar na economia local, eles contribuem com as suas competências, trabalho e recursos” (Jacobsen, 2001: 15).

<sup>20</sup> Tradução livre da autora: “O acesso dos imigrantes às instituições, bem como aos bens e serviços públicos e privados, numa base de igualdade com os cidadãos nacionais e de forma

De acordo com a Convenção da Organização das Nações Unidas de Genebra de 1951, o eixo central da proteção internacional dos refugiados, os estados signatários da mesma deverão facilitar a integração de refugiados, de forma que estes possam levar a cabo uma vida independente nos países de acolhimento (UNHCR, 2010). “The Contracting States shall as far as possible facilitate the assimilation and naturalization of refugees. They shall in particular make every effort to expedite naturalization proceedings”<sup>21</sup> (UNHCR, 2010).

### 1.3.3.1. Estatuto de residência

Um dos fatores considerados fundamentais aquando da integração de refugiados na sociedade de acolhimento é o estatuto de residência que lhes é atribuído e a clarificação do mesmo, pois, sendo ele de longa duração, facilita e promove uma integração de sucesso (UNHCR, 2005). No entanto, “the type of legal residency status to be granted to recognized refugees does not benefit from an explicit provision in the 1951 Convention or any other international instrument”<sup>22</sup> (Şimşek & Çorabatır, 2016: 27).

Uma das medidas mais eficazes na facilitação da integração de refugiados é a cedência de residência permanente, pois, a clarificação das suas situações legais permite que os indivíduos beneficiem de uma integração de sucesso, por ser uma solução prolongada e garantir segurança e direitos fundamentais (Şimşek & Çorabatır, 2016: 28).

A streamlined and durable residency status may have a beneficial psychological impact on refugee integration, by potentially reducing the stigma often associated to refugee status and providing refugees a sense

---

não discriminatória, é uma base crítica para uma melhor integração” (Şimşek & Çorabatır, 2016: 51).

<sup>21</sup> Tradução livre da autora: “Os Estados Contratantes facilitarão, na medida do possível, a assimilação e a naturalização dos refugiados. Deverão, em particular, fazer todos os esforços para agilizar os processos de naturalização” (ACNUR, 2010).

<sup>22</sup> Tradução livre da autora: “o tipo de estatuto de residência legal a ser concedido aos refugiados reconhecidos não beneficia de uma disposição explícita na Convenção de 1951 ou em qualquer outro instrumento internacional” (Şimşek & Çorabatır, 2016: 27).

of long-term security, which encourages the establishment of durable ties in the host country<sup>23</sup> (Şimşek & Çorabatır, 2016: 27).

O estatuto de residência concedido também em forma de documentos que identificam o mesmo permite que os refugiados possam aceder a vários direitos, tais como o direito ao trabalho e assistência social (Şimşek & Çorabatır, 2016: 28).

### **1.3.3.2. Habitação**

Em relação às condições de acesso à habitação, o artigo 21 da Convenção de Genebra (ACNUR, 1951) indica que estas devem ser equivalentes às concedidas a outros cidadãos estrangeiros residentes no país. No entanto, os governos não têm qualquer obrigação de garantir habitação adequada para os refugiados, baseando-se apenas no dever de receberem o tratamento mais favorável e na premissa da não discriminação por nacionalidade, religião ou género (Şimşek & Çorabatır, 2016: 50).

O ACNUR, em conjunto com o país de acolhimento, é responsável por fornecer alojamento adequado aos requerentes de asilo, seja em centros de acolhimento ou habitação pública (UNHCR, 2005: 106). É importante para o sucesso da integração que haja mecanismos para a inclusão dos refugiados nas políticas de habitação, nos acessos a direitos de propriedade e também que tenham liberdade de movimentos e possibilidade de escolha do local de residência dentro do país de acolhimento (UNHCR, 2005: 106).

### **1.3.3.3. Educação**

O direito à educação é um dos direitos fundamentais enunciados na Declaração Universal dos Direitos Humanos, pois, “todo o ser humano tem direito à instrução” (UNESCO, 1998), fundamental para os indivíduos serem cidadãos bem-sucedidos e ativos na sociedade.

---

<sup>23</sup> Tradução livre da autora: Um estatuto de residência simplificado e duradouro pode ter um impacto psicológico benéfico na integração dos refugiados, ao reduzir potencialmente o estigma frequentemente associado ao estatuto de refugiado e proporcionar aos refugiados uma sensação de segurança a longo prazo, o que incentiva o estabelecimento de laços duradouros no país de acolhimento. (Şimşek & Çorabatır, 2016: 27).

É fundamental para os refugiados, principalmente crianças e jovens, que usufruam do direito à educação, de maneira a serem bem integrados na sociedade do país de acolhimento, e onde possa ocorrer também a aprendizagem do idioma desse país, um dos fatores que pode criar barreiras entre os refugiados e a comunidade local (Şimşek & Çorabatır, 2016: 55). “All refugee children should benefit from primary education of a satisfactory quality, respectful of their cultural identity and oriented towards an understanding of the country of asylum”<sup>24</sup> (Şimşek & Çorabatır, 2016: 55).

A Convenção de 1951 aborda o direito ao acesso à escolaridade no ensino público, ao reconhecimento de certificados e diplomas escolares estrangeiros, ao não pagamento de propinas e à atribuição de bolsas de estudos (UNHCR, 2010). Em relação à educação secundária e superior, a Convenção menciona o respeito ao acesso baseado no princípio da não discriminação (Şimşek & Çorabatır, 2016: 60).

#### **1.3.3.4. Emprego**

O artigo 23 da Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma que “todo ser humano tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego” (UNESCO, 1998).

Employment has consistently been identified as a factor influencing many relevant issues, including promoting economic independence, planning for the future, meeting members of the host society, providing opportunity to develop language skills, restoring self-esteem and encouraging self-reliance<sup>25</sup> (Ager & Strang, 2008: 170).

Segundo o artigo 17 da Convenção de Genebra de 1951, o país de acolhimento deve conceder aos refugiados reconhecidos o mesmo tratamento

---

<sup>24</sup> Tradução livre da autora: “Todas as crianças refugiadas deveriam beneficiar de um ensino primário de qualidade satisfatória, respeitador da sua identidade cultural e orientado para a compreensão do país de asilo” (Şimşek & Çorabatır, 2016: 55).

<sup>25</sup> Tradução livre da autora: O emprego tem sido consistentemente identificado como um fator que influencia muitas questões relevantes, incluindo a promoção da independência económica, o planeamento para o futuro, o encontro com membros da sociedade de acolhimento, a oportunidade de desenvolver competências linguísticas, a restauração da autoestima e o incentivo à autossuficiência. (Ager & Strang, 2008: 170).

que os seus nacionais no que diz respeito às formas de emprego legal (Şimşek & Çorabatır, 2016: 39).

Artigo 17: Os Estados Contratantes darão a todo refugiado que resida regularmente no seu território o tratamento mais favorável dado, nas mesmas circunstâncias, aos nacionais de um país estrangeiro no que concerne ao exercício de uma atividade profissional assalariada (ACNUR, 1951).

Caso haja medidas restritivas impostas aos estrangeiros para proteção do mercado laboral nacional, estas não devem ser aplicadas ao refugiado cuja data de entrada no país anteceda a data em que as medidas foram colocadas em vigor, assim como aquele que conta com três anos de residência no país e que é casado com um indivíduo ou tem filhos com a nacionalidade do país de acolhimento (Artigo 17, ACNUR, 1951).

Condições estáveis e dignas no acesso ao emprego são fatores fundamentais na integração de um refugiado, pois permitem que o indivíduo se torne autossuficiente e conseqüentemente tenha melhores condições de vida, não estando sujeito a exploração ou a uma remuneração desadequada (Ager & Strang, 2008: 170).

Migration Policy Group Refugee Integration Tool identifies that employment is a key part of the integration process and is central to the participation of refugees, to the contributions refugees make to the host society, and to making such contributions visible<sup>26</sup> (Şimşek & Çorabatır, 2016: 43).

### **1.3.3.5. Cuidados de saúde e assistência social**

Em relação ao acesso a cuidados de saúde, segundo o artigo 24 da Convenção de Genebra de 1951, estes devem ser garantidos aos refugiados, tal como o acesso a assistência social, da mesma forma que são garantidos aos nacionais do país (UNHCR, 2010). “This Article includes, inter alia, relief and

---

<sup>26</sup> Tradução livre da autora: A Ferramenta de Integração de Refugiados do Grupo de Políticas Migratórias identifica que o emprego é uma parte fundamental do processo de integração e é fundamental para a participação dos refugiados, para as contribuições que os refugiados fazem à sociedade anfitriã e para tornar essas contribuições visíveis. (Şimşek & Çorabatır, 2016: 43).

assistance to persons in need due to illness, age, physical or mental impairment, or other circumstances, as well as medical care”<sup>27</sup> (Şimşek & Çorabatır, 2016: 64).

No entanto, a Convenção não apresenta uma definição única de assistência social ou das condições a serem garantidas, pelo que a assistência dada aos refugiados depende dos estados signatários (Şimşek & Çorabatır, 2016: 64).

### **1.3.3.6. Reunificação familiar**

A reunificação familiar é considerada fundamental para o sucesso da integração de refugiados no país de acolhimento, devendo ser parte integrante das políticas de integração. “Em termos tanto psicológicos como sociais, a separação familiar é considerada uma das experiências mais traumáticas por que um indivíduo pode passar” (Fonseca et al., 2005). A reunificação familiar é essencial, por facilitar o bem-estar mental dos indivíduos devido à rede social de apoio que se encontra assegurada e possibilitar a distribuição de tarefas e encargos, proporcionando apoio financeiro, social e emocional e constituir ainda um fator de mediação entre o país de origem e o país de acolhimento (Fonseca et al., 2005; UNHCR, 2005).

A Convenção de Genebra de 1951 não contém, no entanto, nenhuma referência particular sobre a proteção de famílias de refugiados ou o direito à reunificação familiar, apesar de mencionar o direito à vida familiar, o que se torna a base para os pedidos de reagrupamento (Şimşek & Çorabatır, 2016: 71). “States should grant close family members joining the recognized refugee the same legal status and facilities in order to encourage the rapid integration of refugee families in their country of asylum”<sup>28</sup> (Şimşek & Çorabatır, 2016: 71).

---

<sup>27</sup> Tradução livre da autora: “Este artigo inclui, entre outros, alívio e assistência a pessoas necessitadas devido a doença, idade, deficiência física ou mental, ou outras circunstâncias, bem como cuidados médicos” (Şimşek & Çorabatır, 2016: 64).

<sup>28</sup> Tradução livre da autora: “Os Estados devem conceder aos familiares próximos que se juntem ao refugiado reconhecido o mesmo estatuto jurídico e facilidades, a fim de encorajar a rápida integração das famílias refugiadas no seu país de asilo” (Şimşek & Çorabatır, 2016: 71).

### **1.3.3.7. Documentos de identificação**

Os documentos de identificação, aquando da chegada dos refugiados ao país de acolhimento, são importantes para que se possa identificar o indivíduo e o seu estatuto, clarificando os seus direitos, como o acesso ao emprego ou assistência social e auxiliando a integração (Şimşek & Çorabatır, 2016: 75).

“Os Estados Contratantes entregarão documentos de identidade a qualquer refugiado que se encontre no seu território e que não possua documento de viagem válido” (Artigo 27, ACNUR, 1951). A qualquer refugiado que não apresente passaporte, tenha entrado legal ou ilegalmente no país, devem ser concedidos documentos que comprovem a sua identidade, podendo estes servir ainda como prova de residência legal no país (Şimşek & Çorabatır, 2016: 75).

### **1.3.4. Integração social dos jovens refugiados**

O processo migratório dos refugiados ocorre maioritariamente devido a situações de guerras, violência e conflitos étnicos ou religiosos nos países de origem, o que afeta o desenvolvimento do indivíduo, a sua saúde mental, a adaptação cultural, acesso à educação e mercado de trabalho (UNHCR, 2005). Sendo a adolescência e a juventude idades fulcrais no desenvolvimento da personalidade e vida de um indivíduo, os jovens acabam por ser dos grupos mais afetados pelas adversidades inerentes a uma migração forçada (Özerim & Telli, 2020).

De acordo com Özerim & Telli (2020: 1), “«refugees» and the «youth» are already listed amongst vulnerable groups by several prominent actors, and when talking about “young refugees” as a group, we make a mention of even a considerably higher vulnerability”<sup>29</sup>.

Num contexto de guerra ou conflito são também os jovens os mais vulneráveis e sujeitos a exploração, sendo estes os primeiros a serem capturados por grupos armados ou a serem vítimas de violência sexual (Maguire, 2012).

---

<sup>29</sup> Tradução livre da autora: “Os «refugiados» e os «jovens» já estão na lista dos grupos vulneráveis por vários atores proeminentes, e quando falamos de “jovens refugiados” como um grupo, fazemos uma menção a uma vulnerabilidade ainda consideravelmente maior” (Özerim & Telli, 2020).

Os jovens refugiados chegam aos países de acolhimento com uma série de desafios, como o rompimento dos laços familiares e cultura do país de origem, a educação formal interrompida, competências de alfabetização limitadas, traumas do passado e pessimismo em relação ao futuro, dificuldades financeiras e falta de conhecimento sobre as dinâmicas sociais, culturais e económicas do país de acolhimento (Couldrey & Herson, 2012: 2). “Families are divided, social relations are broken, education is disrupted and access to social spaces and work opportunities can no longer be relied on at a time when young people face important changes”<sup>30</sup> (Couldrey & Herson, 2012: 2).

Uma migração forçada que ocorre durante estas idades acaba por influenciar negativamente o percurso do jovem, por exemplo, com o término da formação escolar, pois, muitos dos jovens são forçados a adotar responsabilidades de adulto e integrar o mercado de trabalho para sustentar a família, ou devido também à falta de oportunidades no acesso à educação na chegada ao país de acolhimento (Maguire, 2012: 4). “As refugee children grow older, just when they should be taking wing as learners, they face intense economic pressures to support their families by finding work or fulfilling domestic duties”<sup>31</sup> (Green, 2021: 44).

A integração de jovens refugiados na sociedade de acolhimento requer estratégias de integração no que diz respeito ao acesso à educação, emprego, saúde e coesão social, focadas nas suas especificidades e nos traumas que os jovens podem ter. “The young people represent the chance for a more sustainable livelihood for their families, and their integration and social cohesion is essential for the stability and security of both their home and their host countries”<sup>32</sup> (Dereli, 2018: 7).

---

<sup>30</sup> Tradução livre da autora: “As famílias são divididas, as relações sociais são rompidas, a educação é interrompida e o acesso a espaços sociais e oportunidades de trabalho já não pode ser garantido numa altura em que os jovens enfrentam mudanças importantes” (Couldrey & Herson, 2012: 2).

<sup>31</sup> Tradução livre da autora: “À medida que as crianças refugiadas crescem, precisamente quando deveriam começar a aprender, enfrentam intensas pressões económicas para sustentar as famílias, encontrando trabalho ou a cumprir tarefas domésticas” (Green, 2021: 44).

<sup>32</sup> Tradução livre da autora: “Os jovens representam a oportunidade de uma vida mais sustentável para as suas famílias, e a sua integração e coesão social são essenciais para a estabilidade e segurança tanto do seu país de origem como dos países de acolhimento” (Dereli, 2018: 7).

Com a adaptação a duas culturas distintas há ainda um sentimento muito forte de não pertença que cresce nos jovens refugiados (Kocak et al., 2021: 1). É ao longo destes anos na vida de um indivíduo que a sua personalidade se desenvolve e, ao crescer entre dois (ou vários) países, o sentimento de não pertencer nem ao país de origem nem ao país de acolhimento provoca nos jovens crises identitárias, stress e ansiedade que dificultam o processo de integração, a comunicação com a sociedade local, a criação de relações com os nacionais do país de acolhimento e a adaptação ao mesmo (Cerna, 2019: 18). “Immigrant and refugee teens can also be faced with a crisis of identity as they try to meet the cultural demands of their parents and of their peers”<sup>33</sup> (McBrien, 2005 *apud* Cerna, 2019: 18)

O acesso à educação é apontado como um dos fatores principais que contribui para o sucesso da integração dos jovens refugiados e para o seu bem-estar social e emocional, ao promover a aprendizagem da língua, o contacto com a sociedade de acolhimento, empoderar os jovens de maneira a mudar a perceção negativa da sociedade para com eles, proteger os mesmos de formas de exploração e obter melhores oportunidades de emprego e perspetivas de futuro (Dereli, 2018: 2, 17). “The prolonged displaced refugee situation and high proportion of young population are of concern, making education more important for the integration of refugee youths as well as for the stability of the region”<sup>34</sup> (Dereli, 2018: 2).

No entanto, as oportunidades no acesso à educação dos jovens refugiados são inadequadas. “Young migrants (18-24) born outside the EU were much more likely (21%) than natives (12.5%) to be ‘neither in employment nor in education and training’, especially migrant girls and young women (25.9%)”<sup>35</sup> (European Commission, 2020).

---

<sup>33</sup> Tradução livre da autora: “Os adolescentes imigrantes e refugiados também podem enfrentar uma crise de identidade à medida que tentam satisfazer as exigências culturais dos seus pais e dos seus pares” (McBrien, 2005 *apud* Cerna, 2019: 18).

<sup>34</sup> Tradução livre da autora: “A prolongada situação de refugiados deslocados e a elevada proporção de população jovem são preocupantes, tornando a educação mais importante para a integração dos jovens refugiados, bem como para a estabilidade da região” (Dereli, 2018: 2).

<sup>35</sup> Tradução livre da autora: “Os jovens migrantes (18-24) nascidos fora da UE tinham muito mais probabilidades (21%) do que os nativos (12,5%) de não estar “nem empregados, nem em educação ou formação”, especialmente raparigas e mulheres jovens migrantes (25,9%)” (European Commission, 2020).

Segundo dados do ACNUR (2021), apenas 34% dos jovens refugiados se encontram matriculados no ensino escolar. Em relação ao ensino superior, a percentagem de jovens refugiados integrados desce para apenas 1%, pois, à medida que a idade dos jovens aumenta, as desistências do meio académico aumentam também, muito devido à necessidade de integrarem o mercado laboral (Dereli, 2018: 1). “The lack of education for school-age refugees would mean missed opportunities for peaceful and fruitful integration”<sup>36</sup> (Akar & Erdoğan 2018: 33).

É importante que os jovens refugiados tenham acesso à educação formal, por lhes permitir manter uma rotina e devolver-lhes a sensação de normalidade e segurança que lhes tinha sido retirada, auxiliando-os na preparação do seu futuro e procura de melhores oportunidades (Dereli, 2018:17). “The loss of feelings of safety and security is deepened by the loss of daily routine and lack of future orientation in refugee situations, and schooling provides the feeling of safety and the hope for a positive future for many refugee students”<sup>37</sup> (Dereli, 2018: 17).

Em relação ao mercado laboral, os jovens estão sujeitos a exploração por parte dos empregadores, devido às difíceis condições no acesso ao mesmo e às vulnerabilidades que este grupo apresenta (Cerna, 2019: 24). “Refugees are more likely than natives to have low skill levels, which make them vulnerable to being excluded and affects their potential to integrate into the labour market and society”<sup>38</sup> (Cerna, 2019: 24).

A perceção da sociedade de acolhimento para com os jovens refugiados impactua também o sucesso da sua integração, pois, muitas das vezes, os jovens refugiados são associados a comportamentos violentos e são vítimas de situações de xenofobia e discriminação, assim como são vistos como competição no mercado laboral ou como responsáveis pelo deteriorar das condições

---

<sup>36</sup> Tradução livre da autora: “A falta de educação para os refugiados em idade escolar significaria oportunidades perdidas para uma integração pacífica e frutífera” (Akar & Erdoğan 2018: 33).

<sup>37</sup> Tradução livre da autora: “A perda de sentimentos de segurança e proteção é aprofundada pela perda da rotina diária e pela falta de orientação futura em situações de refugiados, e a escolaridade proporciona a sensação de segurança e a esperança de um futuro positivo para muitos estudantes refugiados” (Dereli, 2018: 17).

<sup>38</sup> Tradução livre da autora: “Os refugiados têm mais probabilidades do que os nativos de terem baixos níveis de competências, o que os torna vulneráveis à exclusão e afeta o seu potencial de integração no mercado de trabalho e na sociedade” (Cerna, 2019: 24).

económicas do país, o que causa segregação entre os refugiados e a sociedade local (Dereli, 2018: 10).

Cerna (2019: 18) afirma que “refugees might be affected by several layers of disadvantage, linked to their forced displacement and low socio-economic status, and harmed by the (often) negative attitudes of the host population towards refugees”<sup>39</sup>.

As migrações forçadas podem ainda provocar nos jovens traumas e problemas de saúde mental que dificultam o processo de integração – “high prevalence of mental health problems among refugee and asylum-seeking children and youth due to a series of factors related to forced migration”<sup>40</sup> (Cerna, 2019: 26). Momentos violentos vividos no país de origem, stress e medo constantes durante a travessia, e o choque e constante necessidade de adaptação à realidade do novo país contribuem para o aumento de problemas relacionados com a saúde mental (Cerna, 2019: 26).

É importante ter em conta as especificidades dos jovens refugiados aquando da implementação de políticas de integração, para que o processo decorra da forma mais facilitada possível para todas as partes - “Today the idea of young refugees as a social group with particular needs, including differences between women and men, is increasingly taken into account when designing policy recommendations”<sup>41</sup> (Dereli, 2018: 3).

---

<sup>39</sup> Tradução livre da autora: “Os refugiados podem ser afetados por vários níveis de desvantagem, ligados ao seu deslocamento forçado e ao seu baixo estatuto socioeconómico, e prejudicados pelas atitudes (frequentemente) negativas da população anfitriã em relação aos refugiados” (Cerna, 2019: 18).

<sup>40</sup> Tradução livre da autora: “alta prevalência de problemas de saúde mental entre crianças e jovens refugiados e requerentes de asilo devido a uma série de fatores relacionados com a migração forçada” (Cerna, 2019: 26).

<sup>41</sup> Tradução livre da autora: “Hoje em dia, a ideia dos jovens refugiados como um grupo social com necessidades específicas, incluindo diferenças entre mulheres e homens, é cada vez mais tida em conta na elaboração de recomendações políticas” (Dereli, 2018: 3).

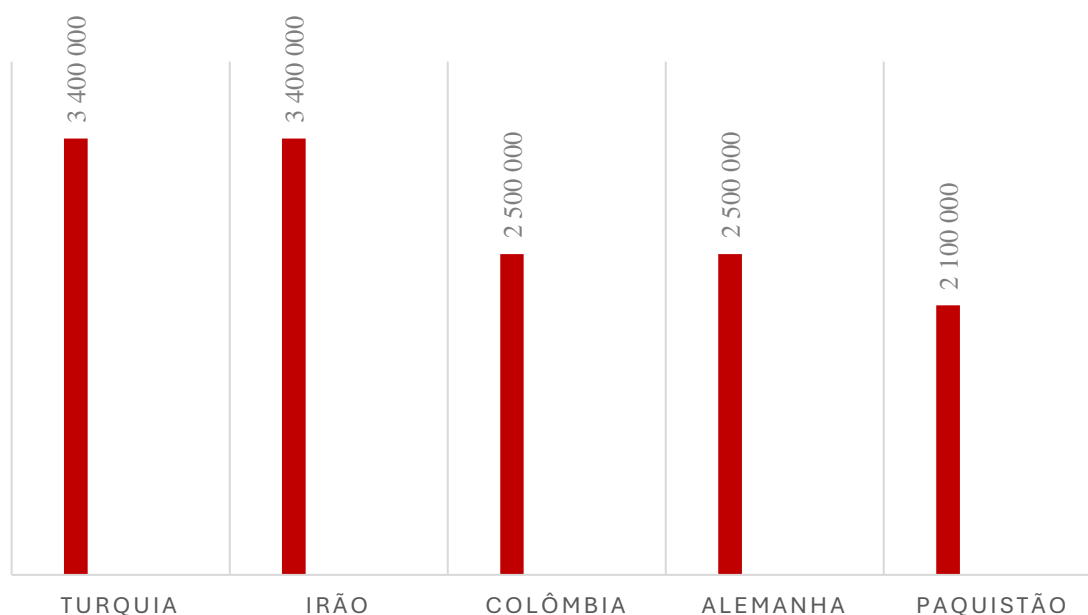
## 2. CONTEXTO HISTÓRICO

Ao longo da última década, o número de refugiados pelo mundo tem vindo a aumentar, consequência de guerras, catástrofes e conflitos ocorridos, sendo a Turquia o país do mundo que acolhe o maior número de refugiados (UNHCR, 2021: 11).

### 2.1. Receção de refugiados na Turquia

A Turquia, talvez por ser ponto de passagem para o tão falado “sonho europeu”, é o país que, desde 2014, abriga o maior número de refugiados (UNHCR, 2022), com 1 em cada 5 refugiados do mundo ali a viver (UNHCR, 2021). No final de 2023, o Irão igualou a Turquia, ambos acolhendo 3.4 milhões de refugiados, seguidos da Colômbia, Alemanha e Paquistão (UNHCR, 2023).

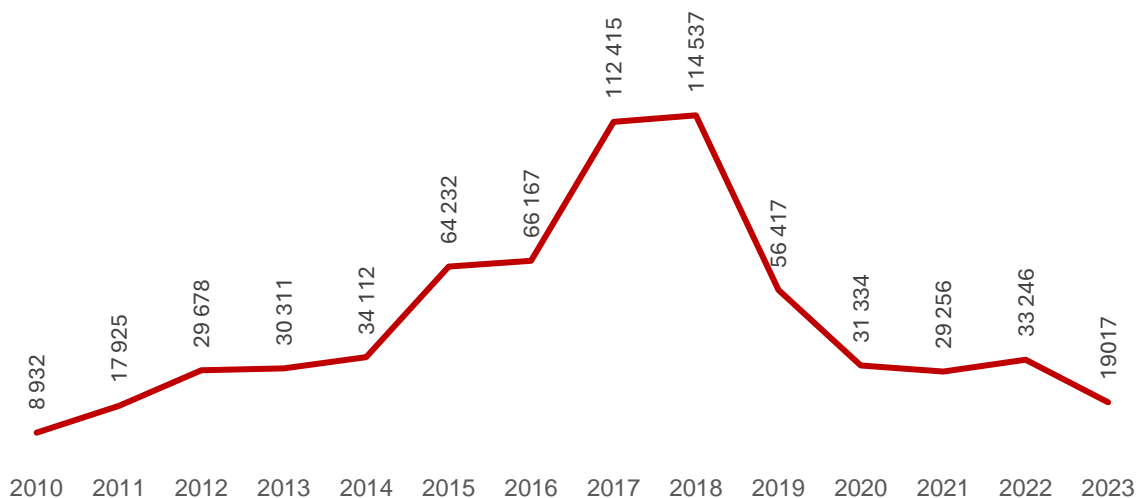
**Gráfico 1** - Principais países de acolhimento de refugiados, em 2023



Fonte: UNHCR, 24 de outubro de 2023: <https://www.unhcr.org/refugee-statistics>

Para além do grande número de refugiados sírios no país, a Turquia acolhe também requerentes de asilo sob proteção internacional de outras nacionalidades, cujo pico de pedidos ocorreu em 2017 e 2018 e tem vindo a diminuir desde então.

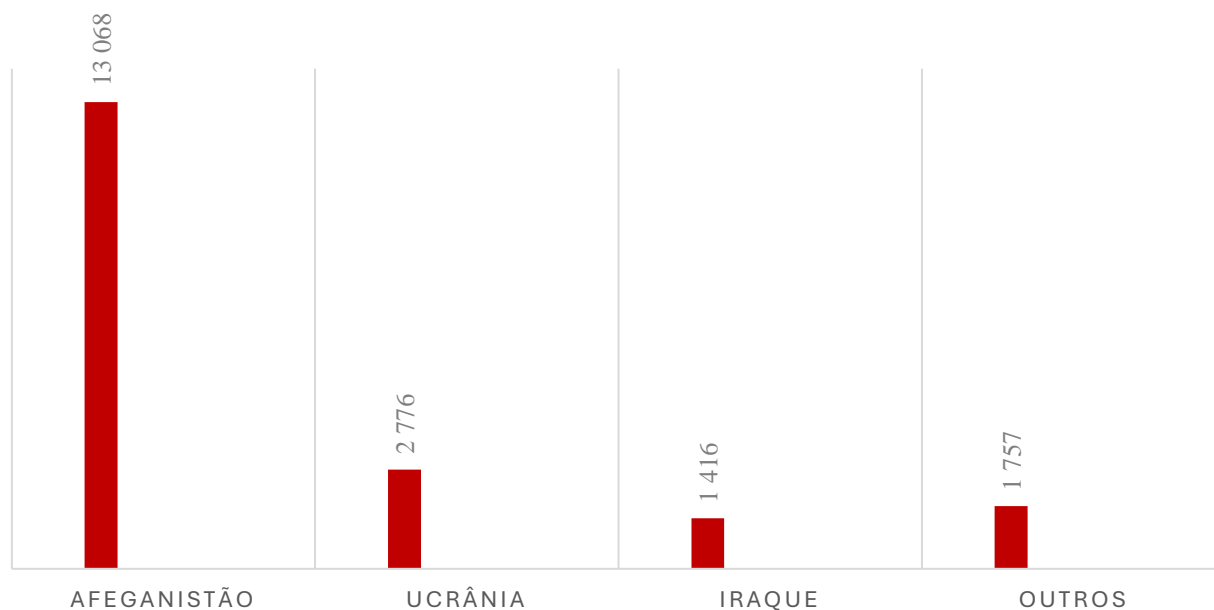
**Gráfico 2 - Pedidos de proteção internacional na Turquia por ano**



Fonte: PMM, final de 2023 <https://en.goc.gov.tr/international-protection17>

A maioria dos requerentes de asilo sob proteção internacional são do Afeganistão, Ucrânia e Iraque (Republic of Türkiye Ministry of Interior, 2022).

**Gráfico 3 - Top 3 nacionalidades de pedidos de proteção internacional na Turquia, em 2023**



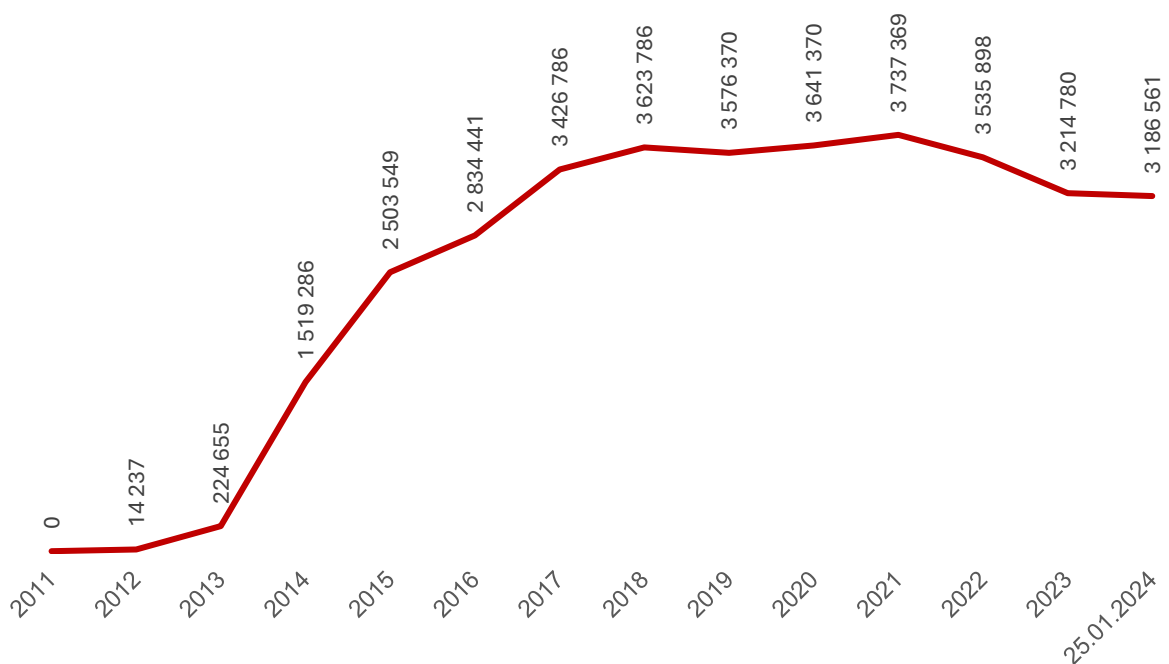
Fonte: PMM, final de 2023 <https://en.goc.gov.tr/international-protection17>

A grande parte dos refugiados que residem na Turquia são provenientes do país vizinho, Síria (UNHCR, 2024). O primeiro grupo de 252 refugiados sírios chegaram ao país em abril de 2011, após o início dos conflitos na Síria, numa altura em que os sírios podiam entrar na Turquia sem a necessidade de um visto, em que o governo turco declarou uma política de portas abertas para os mesmos (Makovsky, 2019). No final do mesmo ano, já 8000 refugiados se encontravam no país, e o governo turco anunciou que lhes daria o estatuto de proteção temporária (Makovsky, 2019).

Ano após ano, o influxo de refugiados sírios foi aumentando, havendo um grande pico entre 2013 e 2015, quando os conflitos na Síria se agravaram (Republic of Türkiye Ministry of Interior, 2022; Simões, 2021).

Em 2016, após ataques terroristas na zona fronteiriça, o governo turco decidiu fechar a fronteira Turquia-Síria, ao construir um muro de 764km na fronteira com a Síria, Iraque e Irão, numa tentativa de combater o terrorismo e evitar a imigração ilegal (Erdoğan, 2019: 3). Após este fecho, o número de novas entradas de refugiados sírios na Turquia diminuiu, mantendo-se em números mais estáveis nos anos seguintes (Republic of Türkiye Ministry of Interior, 2022).

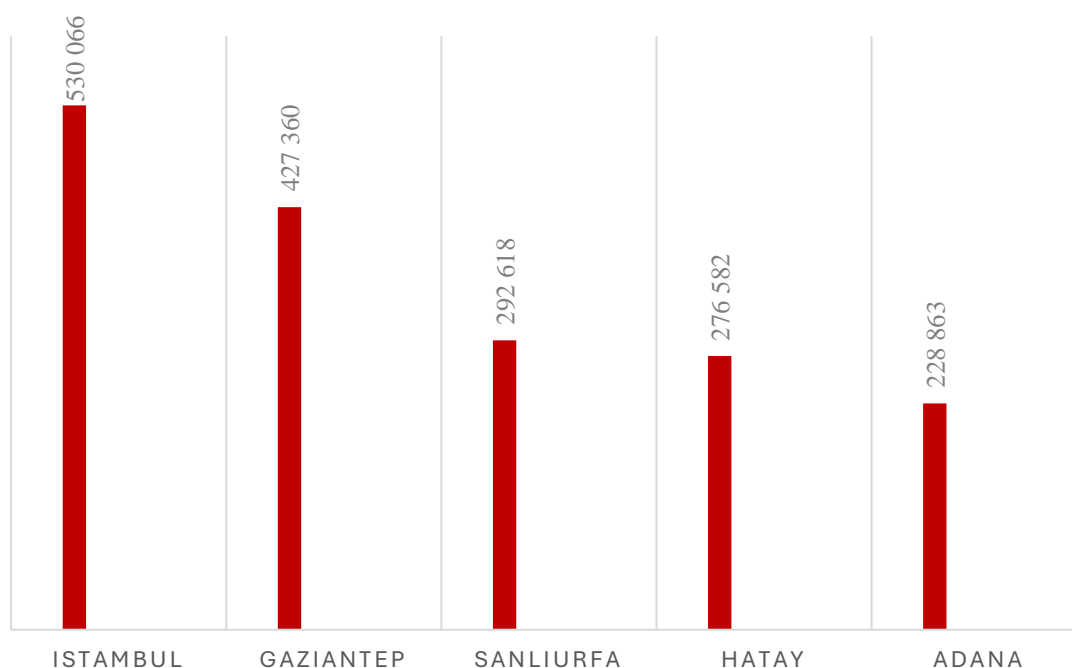
**Gráfico 4 - Sírios sob proteção temporária por ano**



Fonte: PMM, 25 de janeiro de 2024 <https://en.goc.gov.tr/temporary-protection27>

Segundo dados do ACNUR (UNHCR, 2023), em janeiro de 2024 havia um total de 3 194 185 refugiados sírios registrados na Turquia, e ainda provavelmente mais centenas de milhares de sírios não registrados, o que daria um total de cerca de 4 milhões de refugiados sírios no país (Makovsky, 2019). Destes quatro milhões, cerca de 50% encontra-se instalado nas províncias vizinhas à fronteira com a Síria e também na cidade transcontinental de Istambul, sendo esta a cidade com o maior número de habitantes sírios (Erdoğan, 2019: 6; UNHCR, 2018).

**Gráfico 5** - Sírios sob proteção temporária pelas 5 principais províncias, em 2024



Fonte: PMM, 25 de janeiro de 2024 <https://en.goc.gov.tr/temporary-protection27>

Aquando do início da deslocação dos sírios à Turquia, o governo turco instalou campos de refugiados nas áreas próximas à fronteira com a Síria (Içduygu & Osseiran, 2022). Quando os campos começaram a atingir a sua capacidade máxima, as pessoas foram-se instalando nas cidades mais próximas no sudeste da Anatólia como Gaziantep, Sanliurfa, Hatay e Adana, aumentando a população das mesmas e trazendo novas interações e dinâmicas sociais (Içduygu & Osseiran, 2022; Gultekin, 2018: 675). Cerca de 95% dos sírios na Turquia vivem em centros urbanos e grandes cidades (Kirişci et al., 2018), com apenas

1.8% nos sete campos de refugiados instalados nas províncias de Hatay, Kilis, Adana, Kahramanmaraş e Osmaniye (Erdoğan, 2019: 7).

A massiva deslocação de refugiados sírios na última década para outras partes do mundo, nomeadamente para os países vizinhos Turquia, Jordânia e Líbano (UNHCR, 2024), teve origem nos conflitos que iniciaram em 2011 no país, pelo que é importante compreender o que incitou os mesmos e de que forma vieram a alterar as condições de vida no país e, por consequência, a deslocação de milhões de pessoas a outros locais.

## **2.2. Guerra civil na Síria**

O êxodo sírio é tão antigo quanto a guerra civil síria (Garcia, 2017). Em março de 2011, tiveram início na Síria os primeiros protestos pacíficos, com uma pequena reunião de pessoas na capital, Damasco, que exigiam a libertação de estudantes que tinham sido presos e torturados após terem escrito *grafittis* contra o governo na cidade de Daraa (Garcia, 2017: 89).

As ações destes estudantes foram incentivadas pela chamada Primavera Árabe, em que um vendedor de rua tunisiano, no final de 2010, se autoimolou em frente à sede do governo local como protesto face ao desemprego e corrupção na Tunísia (Simões, 2021). Este ato depressa despoletou revoluções em outros países do Médio Oriente e Norte de África (MENA), e foi através das redes sociais que estes protestos rapidamente chegaram aos restantes países MENA, nos quais os cidadãos acreditavam ser possível derrubar regimes autoritários com protestos pacíficos, numa luta pela democracia e liberdade (Simões, 2021).

Os protestos, que numa fase inicial apenas decorriam em Damasco, foram alastrando a outras zonas do país, como as cidades de Homs e Hama, chegando a Aleppo, a segunda maior cidade do país (Simões, 2021). A população exigia mais direitos e liberdade, reformas democráticas, eleições multipartidárias e a queda do regime (Davis et al., 2014).

Numa tentativa de acabar com os protestos que até então eram pacíficos, o governo de Bashar al-Assad respondeu às manifestações com crimes, prisões, interrogatórios, espancamentos pelas forças militares, tortura e uso de armas e franco-atiradores para matar e assustar os civis (Davis et al, 2014). Em junho de

2011, apenas meses após o início dos protestos, já 1400 pessoas tinham sido mortas pelo regime e cerca de 10 000 pessoas tinham sido presas (Davis et al, 2014).

A instabilidade que se vivia no país com os inúmeros protestos e o agravamento dos conflitos levou ao aparecimento e intervenção de diversos grupos de oposição ao regime, tais como o Exército Sírio Livre, as Forças Democráticas Sírias, a comunidade internacional como os Estados Unidos e a Rússia e outros grupos de rebeldes, como a Frente Al-Nusra ou o Estado Islâmico (EI) (Garcia, 2017: 76). Beneficiando do caos armado que ocorria por todo o país, os grupos terroristas (como Al-Nusra ou EI) rapidamente foram avançando e expandindo o seu território pelo país (Garcia, 2017: 76).

O EI tomou a cidade histórica de Palmira, da qual foi mais tarde expulso em 2016, e também a cidade de Raqqa, autodenominada como a sua capital (Garcia, 2017: 76). Em 2017, as Forças Democráticas Sírias com a ajuda da Unidade de Proteção das Mulheres (YPG), uma organização militar do Curdistão Sírio, conseguiram expulsar o EI da cidade de Raqqa (Garcia, 2017: 76). Com foco na luta contra os grupos terroristas extremamente violentos, a preocupação com a queda do regime de Bashar al-Assad pelas forças da oposição diminuiu, e o mesmo recuperou o controlo de cidades importantes como Homs e Aleppo, mantendo até hoje a sua posição no governo (Simões, 2021).

Estes anos de conflitos tiveram um impacto devastador no país, destruindo grande parte das suas cidades e infraestruturas, matando cerca de 307 000 civis entre 1 de março de 2011 e 31 de março de 2021 e colocando a grande parte da população do país num estado de grande pobreza (Office of the High Commissioner for Human Rights, 2022; Davis et al, 2014). Em 2021, mais de 2 milhões de pessoas no país residiam em acampamentos e assentamentos informais, em tendas e abrigos desapropriados e com um acesso muito limitado a serviços básicos (UNHCR, 2021c). Em março de 2023, no 12º aniversário do início dos conflitos, 12.1 milhões de pessoas (55% da população do país) encontravam-se numa situação de insegurança alimentar e dependentes de ajuda humanitária (World Food Programme, 2023).

As más condições económicas ao longo dos anos de guerra civil, o aumento dos preços dos bens essenciais, o desemprego, o pouco ou nenhum acesso a assistência médica, a destruição de infraestruturas hospitalares e escolares, e os constantes ataques de guerra às populações civis (Davis et al., 2014) forçaram a deslocação de cerca de 13 milhões de pessoas (Syria Refugee Crisis Explained, 2021). De estes 13 milhões de pessoas, 6.8 milhões foram para outros países (UNHCR, 2022b) e outros 6.9 milhões deslocaram-se internamente (Syria Refugee Crisis Explained, 2021).

Dos 6.8 milhões de sírios fora do país, 62.3% encontra-se na Turquia, 15.6% no Líbano e 12.7% na Jordânia (UNHCR, 2024). Isto provocou uma enorme pressão na economia e serviços públicos destes países, o aumento de preços dos bens e alojamento, e a subida dos níveis de desemprego (David et al., 2014).

Mais de 70% dos refugiados sírios vivem na pobreza, com acesso limitado a serviços básicos como alimentação, água potável, medicamentos, eletricidade, oportunidades de trabalho, educação e com poucas perspetivas de regressarem ao país de origem (UNHCR, 2022b).

Segundo Erdoğan (2019: 2), “the chaotic environment in Syria has resulted in the most serious refugee exodus in the world’s history”<sup>42</sup>.

### **2.3. O caso de Gaziantep**

Gaziantep é uma das cidades mais antigas da Turquia, localizada na antiga Mesopotâmia e em tempos parte da famosa rota da seda, utilizada para comércio de seda e outras mercadorias entre o Oriente e a Europa (Turgut, 2015: 694). Atualmente, é uma das mais importantes cidades comerciais da Turquia, devido à indústria têxtil, de maquinaria e ao setor alimentar (Turgut, 2015: 694).

A cidade de Gaziantep, depois de Istambul, é uma das mais afetadas pelo massivo influxo de refugiados sírios no país, desde 2011 (UNHCR, 2018). Isto acontece principalmente pela proximidade da cidade com a fronteira do país

---

<sup>42</sup> Tradução livre da autora: “O ambiente caótico na Síria resultou no mais grave êxodo de refugiados da história mundial” (Erdoğan, 2019: 2).

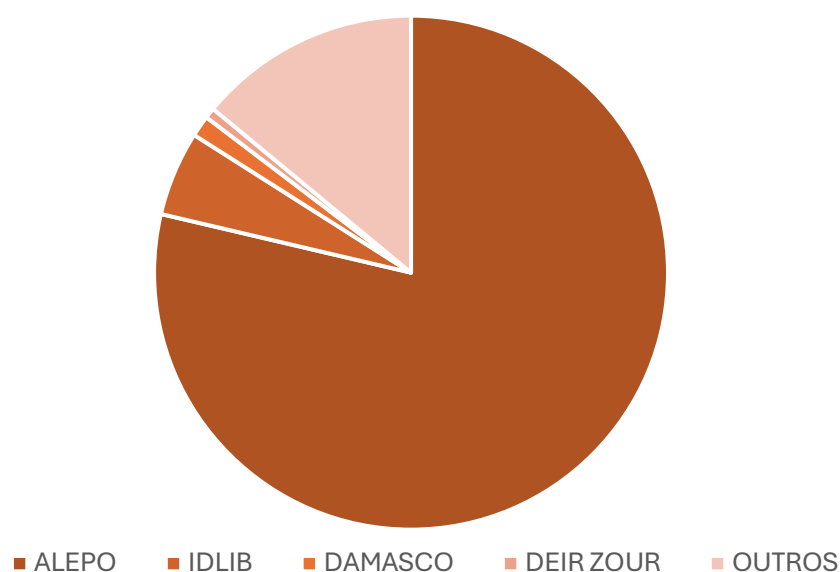
vizinho, situando-se a cerca de 120km de Aleppo, a maior cidade da Síria e uma das mais afetadas pelos conflitos no país (Najjar, 2018).

As duas cidades apresentam um centro antigo com uma arquitetura similar, Aleppo com a famosa cidadela e Gaziantep com o seu castelo, ambas com ruas estreitas e bazares onde os locais fazem as suas compras (D'Ignoti & Jarroud, 2022). É comum em Gaziantep as lojas e restaurantes terem sinais em turco e em árabe, tal como os idiomas que se escutam nas ruas, principalmente no distrito de Şahinbey, onde a maior parte dos sírios se instalaram (Turgut, 2015: 695).

Tanto Gaziantep como Aleppo faziam parte do antigo Império Otomano e, devido à sua proximidade geográfica, sempre mantiveram fortes laços comerciais e culturas similares (Içduygu & Osseiran, 2022). Antes da guerra, era comum para os sírios do norte do país deslocarem-se regularmente à cidade para comprarem bens ou visitarem familiares (Içduygu & Osseiran, 2022).

A maior parte dos refugiados sírios que vivem em Gaziantep são provenientes de Aleppo, e a proximidade geográfica e parecenças culturais entre as duas cidades, a rede de contactos, familiares ou amigos, e o conhecimento prévio da cidade são alguns dos motivos para que os sírios que aí habitam sejam maioritariamente provenientes desta região (Içduygu & Osseiran, 2022; Gultekin, 2018: 681).

**Gráfico 6** - Sírios em Gaziantep de acordo com a cidade de origem, em 2022



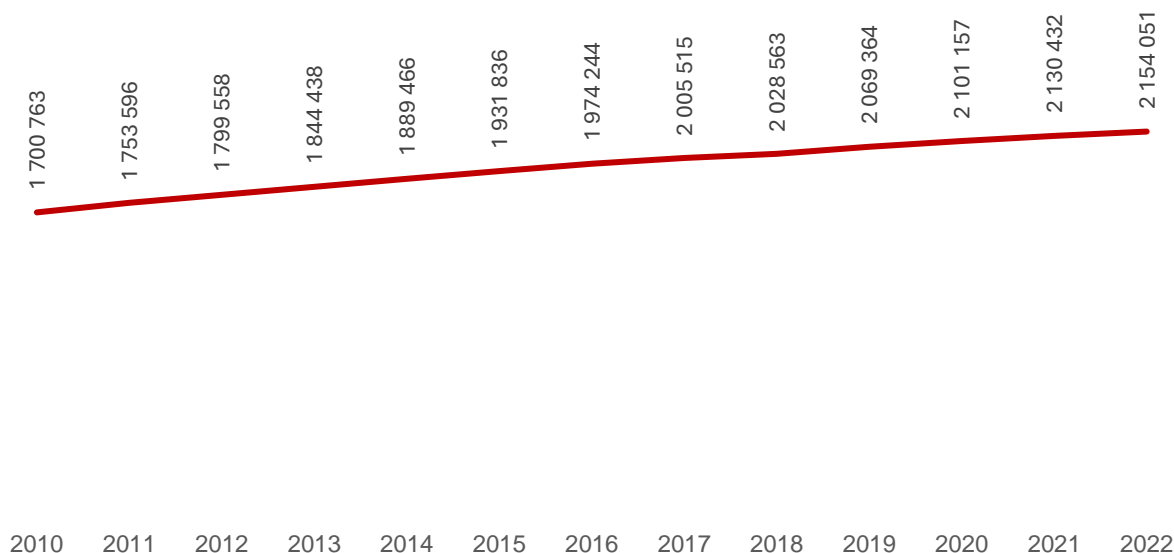
Fonte: Içduygu & Osseiran, 2022

Segundo Memişoğlu (2018: 16), “as for Gaziantep, the city’s geographical proximity to Syria, long-standing family and business ties, similar climate, and similar cultural habits were cited among factors making Syrians feel at home”<sup>43</sup>.

Gaziantep era uma das cidades que, previamente a 2011, não tinha qualquer infraestrutura direcionada ao apoio e receção de refugiados, tendo havido desde então um crescente papel do município na implementação de políticas para os refugiados, assim como a instalação de diversas Organizações Não Governamentais direcionadas para o trabalho com os mesmos (Içduygu & Osseiran, 2022).

De acordo com dados do Asylum Information Database (2022: 9), a província de Gaziantep tem atualmente uma população de aproximadamente 2.5 milhões, e encontram-se registados sob proteção temporária cerca de 444 000 refugiados sírios. Os sírios beneficiários do estatuto de proteção temporária correspondem a 17.09% da população da província (AIDA, 2022: 9).

**Gráfico 7 - População de Gaziantep, em 2022**



Fonte: Turkish Statistical Institute, 6 de fevereiro de 2023: <https://data.tuik.gov.tr/>

<sup>43</sup> Tradução livre da autora: “Quanto a Gaziantep, a proximidade geográfica da cidade com a Síria, os laços familiares e empresariais de longa data, o clima semelhante e os hábitos culturais semelhantes foram citados entre os fatores que fazem os sírios sentirem-se em casa” (Memişoğlu, 2018: 16).

Desde abril de 2011, a cidade sofreu um grande crescimento populacional, devido principalmente à deslocação de refugiados sírios, o que trouxe novos desafios relativamente às dimensões legais, sociais, económicas e de segurança às populações locais e aos recém-chegados (Turgut, 2015; Gultekin, 2018: 689).

Gaziantep has the second highest number of displaced Syrians in Turkey, and the city has, to some extent, recently developed an infrastructure with their arrival and the consequent life increase in its economic relations with the Syrian city of Aleppo<sup>44</sup> (Şimşek, 2021: 57).

A presença de sírios contribuiu para o crescimento económico da cidade e do país, assim como reforçou a mão de obra existente em setores que enfrentavam escassez, apesar de a grande maioria trabalhar no setor informal (Şimşek, 2021: 58, 60). Há também um grande número de negócios e empresas implementados por empresários sírios, nomeadamente na indústria, setor têxtil, restauração e comércio (Şimşek, 2021: 60). As empresas sírias registadas na Câmara de Comércio de Gaziantep têm também vindo a aumentar desde 2011 (ORSAM, 2015: 17). “With their arrival, Gaziantep’s economy has grown even more as they brought resources and skills to our city”<sup>45</sup> (Şimşek, 2021: 66).

Com a chegada dos sírios a Gaziantep houve ainda um aumento do trabalho ativo de ONG’s locais, tais como a ASAM (*Association for Solidarity with Asylum Seekers and Migrants*) e Organizações Internacionais Não Governamentais destinadas a dar apoio humanitário e ajudar na integração dos refugiados sírios (Şimşek, 2021: 60).

“The transformation of the city with the arrival of Syrians is not only limited to economic aspects but also related to urban development”<sup>46</sup> (Şimşek, 2021: 66). Devido ao grande número de refugiados na cidade e aumento da procura por habitação, houve um aumento nos preços das rendas, assim como no custo de

---

<sup>44</sup> Tradução livre da autora: Gaziantep tem o segundo maior número de sírios deslocados na Turquia, e a cidade desenvolveu, até certo ponto, recentemente uma infraestrutura com a sua chegada e o consequente aumento de vida nas suas relações económicas com a cidade síria de Alepo. (Şimşek, 2021: 57).

<sup>45</sup> Tradução livre da autora: “Com a sua chegada, a economia de Gaziantep cresceu ainda mais à medida que trouxeram recursos e competências para a nossa cidade” (Şimşek, 2021: 66).

<sup>46</sup> Tradução livre da autora: “A transformação da cidade com a chegada dos sírios não se limita apenas aos aspetos económicos, mas também está relacionada com o desenvolvimento urbano” (Şimşek, 2021: 66).

bens essenciais (ORSAM, 2015: 17). “Kilis and Gaziantep showed the highest inflation rates in the country”<sup>47</sup> (ORSAM, 2015: 22).

Em Gaziantep, a média do número de elementos de uma família refugiada síria é de 6,6 pessoas, e a maior parte das famílias, apesar de numerosas, habita num único apartamento alugado (Gultekin, 2018: 675). Cada família síria tem uma média de quatro filhos, o dobro da média turca de apenas dois (Gultekin, 2018: 675).

Cerca de 79% dos sírios em Gaziantep têm um ou mais familiares que vivem na cidade, o que auxilia nas suas relações e vida social e, conseqüentemente, na integração dos mesmos (Gultekin, 2018: 675).

#### **2.4. Estrangeiros e Proteção Internacional na Turquia**

A Turquia, desde o início da década de 1920, teve várias ondas de imigração, maioritariamente de indivíduos com descendência e cultura turcas (Içduygu, 2015: 3). No entanto, ao longo das últimas três décadas, as ondas migratórias no país têm vindo a ser caracterizadas por grandes fluxos de requerentes de asilo e refugiados de diversos países de África e do Médio Oriente (Içduygu, 2015: 3).

Um dos estudos que nos permite compreender todo o contexto e processos inerentes aos estrangeiros e proteção internacional na Turquia é do Asylum Information Database (AIDA), coordenado pelo European Council on Refugees and Exiles (ECRE). Publica anualmente relatórios relativos a cada país em que refere, neste caso, o contexto do asilo na Turquia, os procedimentos para pedido do mesmo, de admissibilidade, do estatuto de proteção temporária, as garantias e direitos para este grupo vulnerável, assim como as condições de acolhimento no acesso a alojamento, mercado de trabalho, educação, cuidados de saúde e centros de acolhimento.

Até ao ano de 1994, o ACNUR era o único responsável pelos pedidos de asilo de refugiados na Turquia e por recolocá-los em países terceiros (Sari & Dincer, 2017: 62). “Accordingly, Turkey started to grant temporary asylum statuses

---

<sup>47</sup> Tradução livre da autora: “Kilis e Gaziantep apresentaram as maiores taxas de inflação do país” (ORSAM, 2015: 22).

to non-European refugees until the UNHCR would resettle them into a third country willing to receive them”<sup>48</sup> (Içduygu & Yüksek 2010 *apud* Sari & Dincer, 2017: 62). Este regime foi apenas alterado após um grande influxo de refugiados iraquianos chegarem ao país, em 1994, e ter sido aprovada pelo Ministério do Interior a primeira legislação nacional relativa aos requerentes de asilo (Sari & Dincer, 2017: 62).

Apesar da Turquia ser signatária da Convenção de Genebra de 1951 e do seu protocolo adicional, o país estabeleceu restrições de ordem geográfica, limitando as suas obrigações em conceder proteção a qualquer pessoa que chegue ao país (Şimşek & Çorabatır, 2016: 15). Segundo esta mesma Convenção, são os próprios estados signatários que restringem as suas obrigações para com os refugiados, de acordo com a sua data de chegada e o seu país de origem (Şimşek & Çorabatır, 2016: 107).

Os requerentes de asilo não são enviados de volta a um lugar onde a sua vida esteja ameaçada, mas também não é fornecido o estatuto de refugiado aos cidadãos provenientes de um país não europeu (Şimşek & Çorabatır, 2016: 15). Sendo assim, os cidadãos não europeus que chegam à Turquia com o intuito de obter proteção internacional são apenas protegidos de forma temporária até encontrarem um terceiro país onde possam ser recolocados, não podendo usufruir dos direitos plenos de refugiado como os enunciados na Convenção de Genebra (Şimşek & Çorabatır, 2016; AIDA, 2022).

Em 2013, Ancara formalizou a Lei de Estrangeiros e Proteção Internacional (LFPI – *Law on Foreigners and International Protection*), base da legislação da imigração e asilo na Turquia, em conformidade com as leis de migração e asilo da União Europeia, durante o seu processo de admissão à UE (Şimşek & Çorabatır, 2016: 110). Esta lei clarificou as condições de apresentação de um pedido de asilo na Turquia (Içduygu, 2015: 5), assim como reforçou o princípio da não devolução (Şimşek & Çorabatır, 2016: 111):

No one within the scope of this Law shall be returned to a place where he or she may be subjected to torture, inhuman or degrading punishment or

---

<sup>48</sup> Tradução livre da autora: “De acordo, a Turquia começou a conceder estatutos de asilo temporário a refugiados não europeus até que a UNHCR os reassentasse num país terceiro disposto a recebê-los” (Içduygu & Yüksek 2010 *apud* Sari & Dincer, 2017: 62).

treatment or, where his/her life or freedom would be threatened on account of his/her race, religion, nationality, membership of a particular social group or political opinion<sup>49</sup> (Artigo 4, Law on Foreigners and International Protection, 2013).

Com a formalização desta lei, o governo criou ainda uma instituição especializada, o *Göç İdaresi Başkanlığı* (Directorate General of Migration Management), cuja função é lidar com os assuntos relacionados com os estrangeiros na Turquia e requerentes de proteção internacional e onde os pedidos de proteção internacional devem ser processados a nível distrital (Şimşek & Çorabatır, 2016: 112).

Desde maio de 2022, proibiu-se que qualquer região da Turquia tenha uma percentagem de população estrangeira superior a um quarto da população local (AIDA, 2022).

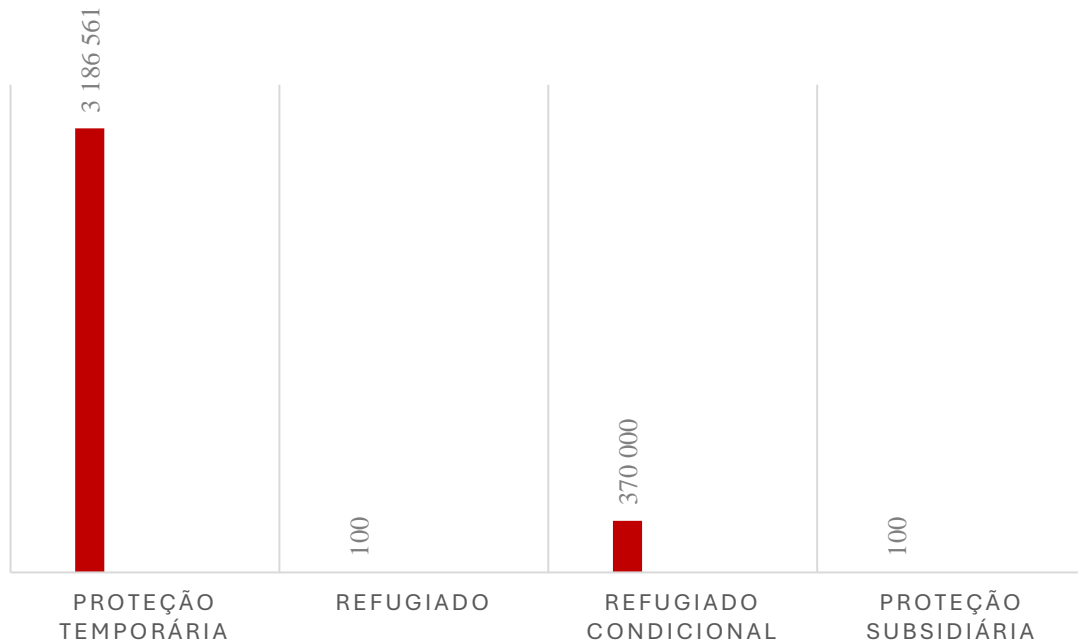
A Lei de Estrangeiros e Proteção Internacional categoriza os requerentes de asilo de acordo com o seu país de origem - europeus e não europeus - e a forma como chegam à Turquia – individualmente, em pequenos grupos ou em massa - estabelecendo quatro categorias de proteção internacional: refugiado, refugiado condicional, proteção subsidiária e proteção temporária (Law on Foreigners and International Protection, 2013).

Segundo dados da Norwegian Organization for Asylum Seekers (Skribeland, 2018: 10), estima-se que, em 2018, havia cerca de 3.2 milhões de sírios sob proteção temporária, apenas 370 000 beneficiários do estatuto de refugiado condicional e menos de 100 pessoas beneficiárias, quer do estatuto de refugiado, quer de proteção subsidiária. Dados concretos sobre o número de pessoas com estatuto de refugiado, refugiado condicional e proteção subsidiária não foram divulgados pelo Presidency of Migration Management (PMM) (Skribeland, 2018).

---

<sup>49</sup> Tradução livre da autora: Ninguém no âmbito desta Lei será devolvido a um local onde possa ser submetido a tortura, castigo ou tratamento desumano ou degradante ou onde a sua vida ou liberdade sejam ameaçadas por causa da sua raça, religião, nacionalidade, pertença a um determinado grupo social ou opinião política. (Artigo 4 Law on Foreigners and International Protection, 2013).

**Gráfico 8 - Beneficiários de proteção internacional na Turquia, em 2018**



Fontes: Skribeland, 2018: 10; PMM, 25 de janeiro de 2024 <https://en.goc.gov.tr/temporary-protection27>

Aos cidadãos não europeus é concedido não o estatuto de refugiado, mas um dos outros três estatutos possíveis, segundo a LFPI: o de refugiado condicional, o de beneficiário do regime de proteção subsidiária ou beneficiário do estatuto de proteção temporária (Şimşek & Çorabatır, 2016: 15).

Estes indivíduos beneficiam destes estatutos de proteção apenas temporariamente, pelo que devem encontrar uma solução duradoura noutro país, visto não ser possível que sejam integrados totalmente na sociedade turca (Şimşek & Çorabatır, 2016: 110). Aos refugiados sírios que chegam atualmente ao país é-lhes concedido o estatuto de proteção temporária (Erdoğan, 2019). “Turkey grants only «temporary asylum» to non-European refugees until the United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR) resettles them to a third country”<sup>50</sup> (Sari & Dincer, 2017: 59).

<sup>50</sup> Tradução livre da autora: “A Turquia concede apenas «asilo temporário» a refugiados não europeus até que o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) os reinstale num país terceiro” (Sari & Dincer, 2017: 59).

### 2.4.1. Refugiado

Os indivíduos aos quais lhes é atribuído o estatuto de refugiado têm direito a um documento de identificação de titular do estatuto com a validade de três anos, com acesso aos direitos enunciados na Convenção de Genebra de 1951 (AIDA, 2022b: 123).

Em 2013, com a Lei dos Estrangeiros e Proteção Internacional, a Turquia manteve as restrições de ordem geográfica, não concedendo o estatuto de refugiado enunciado pela Convenção aos cidadãos não-europeus: “Although international law defines them as «refugees», Turkey does not officially consider those coming from outside of Europe to Turkey as «refugees» regardless of their condition”<sup>51</sup> (Erdoğan, 2017: 17).

### 2.4.2. Refugiado condicional

Tendo em conta a limitação geográfica que a Turquia mantém, as autoridades turcas concedem aos requerentes de asilo não europeus o estatuto de refugiado condicional, que possibilita a sua estadia no país de forma temporária (Sari & Dincer, 2017: 59). Refugiado condicional apresenta as mesmas características que a definição de refugiado abrangida pela Convenção de Genebra, com a diferença de ser “a person who as a result of events occurring outside European countries”<sup>52</sup> (Artigo 62, Law on Foreigners and International Protection, 2013).

Um refugiado condicional deve ter o direito de residir na Turquia temporariamente até ser reinstalado num país terceiro (Artigo 62, Law on Foreigners and International Protection, 2013). O documento de identidade que é atribuído é determinado pelo Ministério do Interior e tem uma validade de um ano, não sendo garantida a estes indivíduos uma perspetiva de integração a longo prazo e estando excluídos do direito à reunificação familiar (AIDA, 2022b: 122).

---

<sup>51</sup> Tradução livre da autora: “Embora o direito internacional os defina como «refugiados», a Turquia não considera oficialmente aqueles que vêm de fora da Europa para a Turquia como «refugiados», independentemente da sua condição” (Erdoğan, 2017: 17).

<sup>52</sup> Tradução livre da autora: “uma pessoa cujo resultado de eventos ocorridos fora dos países europeus” (Artigo 62, Law on Foreigners and International Protection, 2013).

Tanto os beneficiários do estatuto de refugiado condicional como os de proteção subsidiária e temporária têm a sua liberdade de movimentos limitada, sendo necessário um pedido ao governo para obterem um documento de viagem e se moverem livremente entre cidades (AIDA, 2022b: 130).

No que diz respeito ao mercado de trabalho, os beneficiários do estatuto de refugiado condicional devem ainda solicitar uma autorização de trabalho, seis meses após lhes ser concedida a proteção (AIDA, 2022b: 132), podendo apenas trabalhar na província onde se encontram registados (Skribeland, 2023: 37).

PMM (Presidency of Migration Management) may restrict the residence of conditional refugees and subsidiary protection beneficiaries within a specific province and impose reporting requirements, for reasons of public security and public order<sup>53</sup> (Artigo 82, Law on Foreigners and International Protection, 2013).

Each applicant is assigned to a province, where he or she shall register with the PDMM (Provincial Directorates of Migration Management), secure private accommodation by their own means and stay there as long as they are subject to international protection, including after obtaining status<sup>54</sup> (AIDA, 2022b: 81).

A estes indivíduos é-lhes atribuída para residir uma chamada “cidade satélite” (em 62 das 81 províncias do país), que exclui os grandes centros urbanos como Istambul, Esmirna e Antália, cidades com uma maior oferta de emprego (Skribeland, 2023: 37). As “cidades satélite” são atribuídas aos requerentes de proteção internacional pelo Provincial Directorates of Migration Management (PDMM), e os beneficiários são obrigados a residir nas mesmas (AIDA, 2021: 90).

The regulation of the “satellite city” system is not based on publicly available criteria, nor is there an official decision taken in respect of each

---

<sup>53</sup> Tradução livre da autora: A PMM pode restringir a residência de refugiados condicionais e beneficiários de proteção subsidiária dentro de uma província específica e impor requisitos de apresentação de relatórios, por razões de segurança pública e ordem pública. (Artigo 82, Law on Foreigners and International Protection, 2013).

<sup>54</sup> Tradução livre da autora: Cada requerente é atribuído a uma província, onde deverá registar-se no PDMM, assegurar alojamento privado pelos seus próprios meios e aí permanecer enquanto estiver sujeito a proteção internacional, inclusive após obter o estatuto. (AIDA, 2022b: 81).

applicant. In general, metropolises and border cities do not usually figure among satellite cities<sup>55</sup> (AIDA, 2021: 90).

### **2.4.3. Proteção Subsidiária**

O regime de proteção subsidiária aplica-se aos indivíduos que não podem ser abrangidos pela proteção internacional estipulada na Convenção de Genebra, mas que se encontram em perigo no país de origem:

Be sentenced to death or face the execution of the death penalty; face torture or inhuman or degrading treatment or punishment; face serious threat to himself or herself by reason of indiscriminate violence in situations of international or nationwide armed conflict<sup>56</sup> (Artigo 63, Law on Foreigners and International Protection, 2013).

O documento emitido aos beneficiários de proteção subsidiária tem validade de um ano (AIDA, 2022b: 123). Estes indivíduos devem dispor de acesso a educação primária e secundária, assistência social, cuidados de saúde, respeito no acesso ao mercado de trabalho, podendo trabalhar após obterem o estatuto (Artigo 89, Law on Foreigners and International Protection, 2013). Qualquer restrição imposta aos beneficiários do estatuto de proteção subsidiária no acesso ao mercado laboral deve ser levantada a beneficiários deste estatuto que tenham residido no país por pelo menos três anos (AIDA, 2022b).

Similar to the conditional refugee status holders, subsidiary protection beneficiaries receive a lesser set of rights and entitlements as compared to refugee status holders and are barred from long-term legal integration in Türkiye. Notably however, unlike conditional refugees, subsidiary protection

---

<sup>55</sup> Tradução livre da autora: A regulamentação do sistema de “cidades satélites” não se baseia em critérios publicamente disponíveis, nem existe uma decisão oficial tomada em relação a cada candidato. Em geral, metrópoles e cidades fronteiriças não costumam figurar entre as cidades satélites. (AIDA, 2021: 90)

<sup>56</sup> Tradução livre da autora: Ser condenado à morte ou enfrentar a execução da pena de morte; enfrentar tortura ou tratamento ou punição desumana ou degradante; enfrentar séria ameaça para si mesmo devido à violência indiscriminada em situações de conflito armado internacional ou nacional. (Artigo 63, Law on Foreigners and International Protection, 2013).

beneficiaries are granted family reunification rights in Türkiye<sup>57</sup> (AIDA, 2022b: 122).

#### **2.4.4. Proteção Temporária**

O estatuto de proteção temporária é o estatuto concedido aos sírios que chegaram à Turquia após o início da guerra civil síria (Erdoğan, 2019).

Syrian refugees are neither registered by UNHCR nor offered «conditional refugee» status by Turkey. Instead, the Turkish state grants them «temporary protection» which provides them access to public services such as education and health care<sup>58</sup> (Sari & Dincer, 2017: 60).

O estatuto de proteção temporária foi concedido inicialmente em outubro de 2011, consequência da política de portas abertas do governo turco aos sírios que escapavam da guerra, dando “protection against forcible returns and assistance for all Syrians, Palestinians from Syria, and stateless people from Syria. It also guaranteed unlimited stay and access to reception arrangements”<sup>59</sup> (Memişoğlu, 2018: 8).

Temporary protection may be provided for foreigners who have been forced to leave their country, cannot return to the country that they have left, and have arrived at or crossed the borders of Turkey in a mass influx situation seeking immediate and temporary protection<sup>60</sup> (Artigo 91, Law on Foreigners and International Protection, 2013).

---

<sup>57</sup> Tradução livre da autora: Semelhante aos titulares do estatuto de refugiado condicional, os beneficiários de proteção subsidiária recebem um conjunto menor de direitos e prerrogativas em comparação com os titulares do estatuto de refugiado e são impedidos de integração legal a longo prazo na Turquia. No entanto, nomeadamente, ao contrário dos refugiados condicionais, os beneficiários de proteção subsidiária recebem direitos de reagrupamento familiar na Turquia. (AIDA, 2022b: 122).

<sup>58</sup> Tradução livre da autora: Os refugiados sírios não são registados pela UNHCR nem recebem o estatuto de «refugiado condicional» da Turquia. Em vez disso, o Estado turco concede-lhes «proteção temporária» que lhes proporciona acesso a serviços públicos como educação e cuidados de saúde. (Sari & Dincer, 2017: 60).

<sup>59</sup> Tradução livre da autora: “proteção contra regressos forçados e assistência a todos os sírios, palestinianos da Síria e apátridas da Síria. Também garantiu estadia ilimitada e acesso a modalidades de acolhimento” (Memişoğlu, 2018: 8).

<sup>60</sup> Tradução livre da autora: Pode ser concedida proteção temporária a estrangeiros que tenham sido forçados a deixar o seu país, não possam regressar ao país de onde partiram e que tenham chegado ou atravessado as fronteiras da Turquia numa situação de afluxo maciço que procurem proteção imediata e temporária. (Artigo 91, Law on Foreigners and International Protection, 2013).

O artigo provisório 1 da Regulação de Proteção Temporária menciona especificamente o caso dos sírios que se deslocaram à Turquia numa movimentação em massa, após o início dos conflitos no país:

The citizens of the Syrian Arab Republic, stateless persons and refugees who have arrived at or crossed our borders coming from Syrian Arab Republic as part of a mass influx or individually for temporary protection purposes due to the events that have taken place in Syrian Arab Republic since 28 April 2011 shall be covered under temporary protection, even if they have filed an application for international protection. Individual applications for international protection shall not be processed during the implementation of temporary protection<sup>61</sup> (Artigo provisório 1, Temporary Protection Regulation *apud* Erdoğan, 2017).

Aquando da sua chegada ao país, os sírios devem fazer o seu registo junto do Director General of Migration Management da cidade de chegada, não podendo sair da mesma sem autorização (Sari & Dincer, 2017: 65).

Os beneficiários do estatuto de proteção temporária residentes na Turquia não têm liberdade de circulação, sendo necessário obter “a travel permission document from the Provincial Directorate of Migration Management (PDMM) if you wish to travel outside of your province of registration”<sup>62</sup> (UNHCR, 2018b), o que acaba por limitar as oportunidades no acesso ao mercado de trabalho. Segundo o artigo 33 da Regulação de Proteção Temporária (AIDA, 2021), estes “may request a travel authorisation document in order to travel outside the province in which they are registered”<sup>63</sup>, sendo este documento difícil de obter, impedindo os indivíduos de sair da cidade onde se encontram registados (AIDA, 2021).

---

<sup>61</sup> Tradução livre da autora: Os cidadãos da República Árabe Síria, os apátridas e os refugiados que chegaram ou cruzaram as nossas fronteiras provenientes da República Árabe Síria como parte de um influxo em massa ou individualmente para fins de proteção temporária devido aos acontecimentos ocorridos na República Árabe Síria desde 28 de abril de 2011 estarão abrangidos pela proteção temporária, mesmo que tenham apresentado um pedido de proteção internacional. Os pedidos individuais de proteção internacional não serão processados durante a aplicação da proteção temporária. (Artigo provisório 1, Regulamento de Proteção Temporária *apud* Erdoğan, 2017).

<sup>62</sup> Tradução livre da autora: “um documento de autorização de viagem da PDMM se desejar viajar para fora da sua província de registo” (UNHCR, 2018b).

<sup>63</sup> Tradução livre da autora: “devem solicitar documento de autorização de viagem para viajar para fora da província em que estão registados” (AIDA, 2021).

O registo é feito através da recolha de impressões digitais e dados biométricos, sendo posteriormente emitido o Documento de Identificação de Proteção Temporária (Temporary Protection Identification Documents) e atribuído um número de identificação (AIDA, 2021). Após o pedido de asilo ser feito diretamente com o Provincial Directorate of Migration Management e não com o ACNUR, como se realizava até 2018, o Regime de Proteção Temporária (TPR) providencia o Temporary Protection Identification Documents aos beneficiários após o seu registo, de maneira a identificar o estatuto do indivíduo (Artigo 2 TPR *apud* AIDA, 2021).

Apesar de este documento garantir aos sírios o direito de permanecer na Turquia, não é uma autorização de residência, não permitindo a candidatura a residência permanente ou autorização de longa duração (Içduygu & Millet, 2016), e excluindo os seus beneficiários de uma integração a longo prazo (AIDA, 2022b). “The ID cards for Temporary Protection is not equivalent to the residence permit and does not allow the bearer long term residence in Turkey”<sup>64</sup> (Artigo 25, Temporary Protection Regulation *apud* Şimşek & Çorabatır, 2016: 142).

Segundo o artigo 91 da Law on Foreigners and International Protection, este estatuto garante aos indivíduos o direito à saúde, à educação e assistência social, mas necessitam de licenças concedidas pelo empregador e pelo governo para trabalhar legalmente no país, difíceis de conseguir, o que leva à exploração dos mesmos no mercado de trabalho (Makovsky, 2019). Para um sírio na Turquia conseguir trabalhar de forma livre, este deve residir no país há um mínimo de cinco anos (Akar & Erdoğan, 2018: 933). “Rather than a general right to work, these two groups (refugiados condicionais e beneficiários de proteção temporária) have only a right to apply for a work permit”<sup>65</sup> (Skribeland, 2023: 36).

As autorizações de trabalho concedidas são inicialmente válidas por um período de um ano, após o qual é necessário solicitar uma prorrogação de até dois anos (isto se se mantiver com o mesmo empregador), o que torna os

---

<sup>64</sup> Tradução livre da autora: “Os bilhetes de identidade para proteção temporária não equivalem à autorização de residência e não permitem ao titular residência de longa duração na Turquia” (Artigo 25, Temporary Protection Regulation *apud* Şimşek & Çorabatır, 2016: 142).

<sup>65</sup> Tradução livre da autora: “Em vez de um direito geral ao trabalho, estes dois grupos (refugiados condicionais e beneficiários de proteção temporária) têm apenas o direito de solicitar uma autorização de trabalho” (Skribeland, 2023: 36).

beneficiários deste estatuto extremamente dependentes dos empregadores e sujeitos a exploração por parte dos mesmos (Skribeland, 2023: 36). Para além disso, “the number of temporary protection beneficiaries employed in a workplace may not exceed 10% of the Turkish citizens employed there”<sup>66</sup> (Skribeland, 2023: 37).

Apesar do Regulamento de Proteção Temporária estabelecer o princípio da não-devolução, segundo o artigo 11 do Regulamento de Proteção Temporária da Law on Foreigners and International Protection (LFIP), este estatuto pode ser terminado a qualquer momento, facilitando a deportação de indivíduos (Makovsky, 2019). “It remains the government’s discretion to decide when the temporary protection expires. There are no guarantees or legal safeguards to stop deportation actions that might be taken by the administration”<sup>67</sup> (Şimşek & Çorabatır, 2016: 116).

## 2.5. Integração social na Turquia

Após o grande influxo de refugiados sírios na Turquia, principalmente nos anos de 2013 a 2015, e com a pouca possibilidade de regresso destes indivíduos ao seu país de origem, “perspectives have shifted from short-term protection and humanitarian assistance to longer-term social and economic integration of the refugees”<sup>68</sup> (Akar & Erdoğan, 2018: 926).

Em 2016, o Research Centre on Asylum and Migration (IGAM) publicou o estudo *Challenges and Opportunities of Refugee Integration in Turkey* (Şimşek & Çorabatır, 2016), que não só aborda o quadro teórico do termo “integração”, mas identifica as suas lacunas no sistema de asilo temporário turco. Segundo o

---

<sup>66</sup> Tradução livre da autora: “o número de beneficiários de proteção temporária empregados num local de trabalho não pode exceder 10% dos cidadãos turcos aí empregados” (Skribeland, 2023: 37).

<sup>67</sup> Tradução livre da autora: “Continua a ser critério do governo decidir quando a proteção temporária expira. Não existem garantias ou salvaguardas legais para impedir ações de deportação que possam ser tomadas pela administração” (Şimşek & Çorabatır, 2016: 116).

<sup>68</sup> Tradução livre da autora: “as perspetivas mudaram da proteção a curto prazo e da assistência humanitária para a integração social e económica dos refugiados a longo prazo” (Akar & Erdoğan, 2018: 926).

estudo, “refugee integration is a missing expression in Turkish literature”<sup>69</sup> (Şimşek & Çorabatır, 2016).

O termo “integração” não é utilizado na Turquia, sendo considerado tóxico no discurso público, devido à falta de popularidade dos refugiados sírios entre a comunidade local (Makovsky, 2019). “The term «integration» is not officially used in the Turkish asylum system. The Law of Foreigners and International Protection rather employs «harmonization» as a term to replace «integration»”<sup>70</sup> (Şimşek & Çorabatır, 2016: 18).

Os refugiados sírios na Turquia não se encontram abrangidos pelo estatuto de refugiado da Convenção de Genebra, pelo que a sua integração nunca foi uma preocupação para o governo turco, e o Regime de Proteção Temporária não contém qualquer indicação acerca da obrigação do Estado em facilitar esta mesma integração (Şimşek & Çorabatır, 2016: 18). “Refugee Law does not contain any provision stating the general obligation of the state to facilitate the integration of refugees”<sup>71</sup> (Şimşek & Çorabatır, 2016).

Para além disso, o regime de proteção temporária “explicitly excludes temporary protection beneficiaries from the possibility of long-term legal integration in Turkey”<sup>72</sup> (AIDA, 2021).

O rótulo “guests” (convidados), utilizado por funcionários do governo para mencionar os sírios na Turquia, evidencia também o carácter temporário da sua estadia no país, para além de retirar responsabilidades ao governo, quase como se os indivíduos dependessem apenas da boa vontade dos “hosts” (anfitriões) (Abdelaaty, 2019: 2831). “The guest label sidesteps concerns about the ‘guest’s’ deservingness or the legitimacy of their rights claims, emphasizing the host’s

---

<sup>69</sup> Tradução livre da autora: “a integração de refugiados é uma expressão que falta na literatura turca” (Şimşek & Çorabatır, 2016).

<sup>70</sup> Tradução livre da autora: “O termo «integração» não é oficialmente utilizado no sistema de asilo turco. A Lei dos Estrangeiros e da Proteção Internacional utiliza antes «harmonização» como um termo para substituir «integração»” (Şimşek & Çorabatır, 2016: 18).

<sup>71</sup> Tradução livre da autora: “A Lei dos Refugiados não contém qualquer provisão que estabeleça a obrigação geral do Estado em facilitar a integração dos refugiados” (Şimşek & Çorabatır, 2016).

<sup>72</sup> Tradução livre da autora: “exclui explicitamente os beneficiários de proteção temporária da possibilidade de integração legal a longo prazo na Turquia” (AIDA, 2021).

charity and hospitality rather than that host's legal obligations"<sup>73</sup> (Abdelaaty, 2019: 2831).

No entanto, com o passar dos anos e face à pouca possibilidade de retorno dos sírios ao seu país de origem, o governo turco tomou iniciativas promotoras da integração (Makovsky, 2019).

Estas iniciativas decorreram não só devido ao facto de os sírios no país não terem qualquer perspetiva de regresso à Síria, mas por serem também considerados uma potencial fonte de apoio político futuro pelo então e atual presidente Recep Tayyip Erdoğan (Makovsky, 2019). O governo considerava também fundamental integrar e garantir a cidadania aos sírios altamente qualificados, para que viessem a beneficiar a economia turca – “his government has focused on providing citizenship, in limited numbers, for Syrians with educational, business, or professional qualifications of value to Turkish society”<sup>74</sup> (Makovsky, 2019).

De maneira a promover a interação e coesão social com a sociedade de acolhimento, o governo optou por eliminar gradualmente os TECs (Temporary Education Centers), onde a língua de instrução era o árabe, e os estudantes sírios foram transferidos para o ensino público turco (Makovsky, 2019). Reduziram-se também os campos de refugiados, para que houvesse uma maior coesão social com a comunidade local, havendo atualmente apenas cerca de 4% dos sírios na Turquia a viver nos mesmos (Makovsky, 2019).

Outra das medidas adotadas pela Turquia e incentivada pela UE, para promover a integração social dos refugiados sírios, provém do apoio financeiro providenciado após a assinatura do acordo com a UE, em março de 2016, cujo objetivo era reduzir a chegada de grandes números de refugiados à Europa através da Turquia (Erdoğan, 2019: 18; Makovsky, 2019). A partir deste acordo, criou-se o Emergency Social Safety Net Program, através do qual se dá um valor monetário mensal aos refugiados sírios para ajudar nos custos básicos de vida, e

---

<sup>73</sup> Tradução livre da autora: “O rótulo de convidado evita preocupações sobre o merecimento do ‘convidado’ ou a legitimidade das suas reivindicações de direitos, enfatizando a caridade e a hospitalidade do anfitrião, em vez das obrigações legais desse anfitrião” (Abdelaaty, 2019: 2831).

<sup>74</sup> Tradução livre da autora: “o seu governo concentrou-se em fornecer cidadania, em números limitados, aos sírios com qualificações educacionais, empresariais ou profissionais de valor para a sociedade turca” (Makovsky, 2019).

ainda o Conditional Cash Transfer for Education Program, que financia as famílias que colocam os seus filhos no sistema educativo turco (Makovsky, 2019).

Em relação aos cuidados de saúde, todos os residentes na Turquia, independentemente do seu estatuto, têm acesso a cuidados de saúde primários e de emergência (MIPEX, 2020). Os beneficiários do estatuto de proteção temporária encontram-se abrangidos pelo Turkey's General Health Insurance, podendo aceder aos serviços públicos da cidade onde se encontram registados, mas tendo de pagar uma taxa para usufruir dos serviços (AIDA, 2021). “Poor health negatively affects migrants’ ability to find a job, learn the local language, interact with public institutions, and perform well in school. All this is essential for successful integration”<sup>75</sup> (Akar & Erdoğan, 2018).

No entanto, a coesão social e acolhimento de refugiados ainda são áreas vistas como complexas no país (AIDA, 2022b). Segundo dados do MIPEX (Migrant Integration Policies Index, 2020), as áreas mais problemáticas das políticas de integração na Turquia são o acesso à educação e ao mercado de trabalho, assim como o sentimento antirrefugiados dominante na população de acolhimento. “MIPEX classified its approach as «Immigration without Integration» as legal residents were denied basic rights and opportunities and the public was encouraged to see immigrants as subordinates and strangers”<sup>76</sup> (MIPEX, 2020).

Segundo os autores Akar & Erdoğan (2018), no seu estudo “Syrian Refugees in Turkey and Integration Problem Ahead”, “most refugees are hampered by language skills, cultural shocks, and a low level of education”<sup>77</sup>, pelo que é importante um papel ativo das instituições públicas para uma integração bem-sucedida. Para Şimşek e Çorabatır (2016), alguns dos problemas na integração de refugiados na Turquia são a falta de envolvimento da sociedade de acolhimento, a falta de políticas e iniciativas promotoras de coesão social, a falta

---

<sup>75</sup> Tradução livre da autora: “A saúde precária afeta negativamente a capacidade dos migrantes de encontrar um emprego, aprender a língua local, interagir com instituições públicas e ter uma boa performance escolar. Tudo isto é essencial para uma integração bem-sucedida” (Akar & Erdoğan, 2018).

<sup>76</sup> Tradução livre da autora: “O MIPEX classificou a sua abordagem como «Imigração sem Integração», uma vez que foram negados aos residentes legais direitos e oportunidades básicas e o público foi encorajado a ver os imigrantes como subordinados e estranhos” (MIPEX, 2020).

<sup>77</sup> Tradução livre da autora: “a maior parte dos refugiados é prejudicada por competências linguísticas, choques culturais e um nível baixo de educação” (Akar & Erdoğan, 2018)

de fundos às ONG's que trabalham com refugiados e a pouca orientação aos mesmos no que toca aos seus direitos e acesso aos serviços.

Segundo o MIPEX (2020), “Turkey has a long way to go to achieve «harmonization», as immigrants face more obstacles than opportunities to participate and settle in Turkey”<sup>78</sup>.

### 2.5.1. Educação

Um dos principais fatores que contribui para o sucesso da integração social aquando de uma migração forçada, principalmente junto das crianças e jovens em idade escolar, é o acesso à educação (Dereli, 2018).

The marginal benefits of schooling could be higher for refugee children because education allows them to acquire host-country-specific human capital (such as language skills and familiarity with the environment) faster than natives<sup>79</sup> (Kirdar et al., 2022: 12).

O acesso à educação é fundamental, pois, promove a aprendizagem da língua, o contacto com a sociedade de acolhimento e a coesão social com a mesma, empodera os jovens de maneira a alterar a perceção negativa da sociedade para com eles, promove um ambiente estável e ainda os protege de formas de exploração (Dereli, 2018). “Education restores in refugee youth a sense of hope for the future and increases their capability to find solutions for themselves and their host and home communities”<sup>80</sup> (Dereli, 2018).

No entanto, a educação é apontada como uma das áreas mais problemáticas das políticas de integração, de acordo com dados do MIPEX (2020). Na Turquia, o número de crianças e jovens sírios em idade escolar, com idades entre os cinco e os vinte e quatro anos, é de cerca de 1.69 milhões

---

<sup>78</sup> Tradução livre da autora: “A Turquia tem um longo caminho a percorrer para alcançar a «harmonização», uma vez que os imigrantes enfrentam mais obstáculos do que oportunidades para participar e estabelecer-se na Turquia” (MIPEX, 2020).

<sup>79</sup> Tradução livre da autora: Os benefícios marginais da escolaridade poderiam ser maiores para as crianças refugiadas porque a educação permite-lhes adquirir capital humano específico do país de acolhimento (como competências linguísticas e familiaridade com o ambiente) mais rapidamente do que os nativos. (Kirdar et al., 2022: 12).

<sup>80</sup> Tradução livre da autora: “A educação restaura nos jovens refugiados um sentimento de esperança para o futuro e aumenta a sua capacidade de encontrar soluções para si próprios e para as suas comunidades de acolhimento e de origem” (Dereli, 2018).

(Memişoğlu, 2018). Apesar das iniciativas do governo turco em fechar os TECs, destinados aos refugiados sírios, e integrá-los no sistema de ensino público turco, há ainda um grande número de crianças e jovens sírios que não vão à escola (Erdoğan, 2019: 8). “Syrians have a lower education level than the average in Turkey, and almost half are either illiterate or never attended school”<sup>81</sup> (Erdoğan, 2019: 8).

O acesso ao ensino nas escolas públicas é garantido às crianças sob o Regime de Proteção Temporária, onde se leciona em turco, o que causa constrangimentos às crianças e jovens que não falam o idioma (AIDA, 2021). Em relação ao ensino superior, o seu acesso varia de acordo com os processos de admissão de cada universidade, assim como os requisitos adicionais para jovens sírios (AIDA, 2021).

Alguns dos fatores que mais impactam os baixos números de crianças e jovens a frequentar a escola são a percepção por parte dos refugiados sírios de que a sua estadia na Turquia é temporária, a barreira linguística, as dificuldades financeiras das famílias necessitando que os rapazes trabalhem para ajudar no sustento, custos relacionados com o transporte, fatores culturais que não permitem às mulheres frequentarem a escola, e ainda preocupações dos pais relacionadas com a assimilação da cultura turca (Erdoğan, 2019: 10). Para além disso, muitas das crianças e jovens refugiados experienciaram eventos traumáticos, que podem ter tido efeito na sua saúde física e mental e vivem em condições de pobreza, o que influencia tanto a sua integração, como o seu sucesso escolar (Kirdar et al., 2022: 3).

No entanto, o número de crianças e jovens a frequentar o sistema de ensino turco tem vindo a aumentar ao longo dos anos: “The most significant improvement was at primary and middle school levels, where the enrollment rate reached nearly 80 percent; however, enrollment remained low at 39 percent at the high school level”<sup>82</sup> (Kirdar et al., 2022: 4). Em relação ao ensino superior, tem também havido um aumento gradual desde 2012, em que havia apenas 608

---

<sup>81</sup> Tradução livre da autora: “Os sírios têm um nível de escolaridade inferior à média da Turquia e quase metade são analfabetos ou nunca frequentaram a escola” (Erdoğan, 2019: 8).

<sup>82</sup> Tradução livre da autora: “A melhoria mais significativa ocorreu nos níveis do ensino primário e secundário, onde a taxa de matrícula atingiu quase 80 por cento; no entanto, as matrículas permaneceram baixas, em 39 por cento, no nível do ensino secundário” (Kirdar et al., 2022: 4).

estudantes sírios na universidade, comparativamente a 27 696 no ano letivo de 2018-2019 (Erdoğan, 2019: 11).

Segundo Erdoğan (2019: 9), “education is vitally important for minimizing the extent to which young Syrians will become a ‘lost generation’, and for ensuring humane living conditions and future planning for peaceful co-existence”<sup>83</sup>.

Para as crianças sírias, é importante que iniciem o seu percurso escolar no sistema de ensino turco desde tenra idade, para que possam aprender o idioma e criar laços com a comunidade local (Dereli, 2018). “Education has a significant effect on increasing opportunities for employment, for social connection, and for language learning”<sup>84</sup> (Dereli, 2018).

Em relação aos jovens refugiados sírios, a possibilidade de frequentarem cursos avançados para a aprendizagem da língua ou cursos vocacionais permitiria que recuperassem os anos escolares que perderam durante os conflitos e criassem boas relações com a sociedade de acolhimento (Kirdar et al., 2022: 12). “A lack of integration could drive these children into harmful coping strategies and generate social tension between the local population and refugees”<sup>85</sup> (Kirdar et al., 2022: 31).

### **2.5.2. Emprego**

Juntamente com o acesso à educação, a entrada no mercado de trabalho é um dos fatores cruciais na integração social de refugiados (Ager & Strang, 2008: 170). “The refugees communicate more interactively with the people of the host country through education and employment. In this way, it was observed that they learned the foreign language quickly and gained their economic independence thanks to the wages they received”<sup>86</sup> (Kocak et al., 2021).

---

<sup>83</sup> Tradução livre da autora: “A educação é de vital importância para minimizar a medida em que os jovens sírios se tornarão uma ‘geração perdida’ e para garantir condições de vida humanas e planeamento futuro para a coexistência pacífica” (Erdoğan, 2019: 9).

<sup>84</sup> Tradução livre da autora: “a educação tem um efeito significativo no aumento das oportunidades de emprego, de conexão social e de aprendizagem da língua” (Dereli, 2018).

<sup>85</sup> Tradução livre da autora: “A falta de integração pode levar estas crianças a estratégias de sobrevivência prejudiciais e gerar tensão social entre a população local e os refugiados” (Kirdar et al., 2022: 31).

<sup>86</sup> Tradução livre da autora: “Os refugiados comunicam de forma mais interativa com a população do país de acolhimento através da educação e do emprego. Dessa forma, observou-se que

Os beneficiários do estatuto de proteção temporária têm o direito de solicitar uma autorização de trabalho, mas continuam a existir lacunas na obtenção da mesma (AIDA, 2021). “Beneficiaries receive little or no information on the work permit system”<sup>87</sup> (AIDA, 2021), o que instiga o trabalho ilegal, exploração e más condições laborais (Skribeland, 2023: 36).

Devido à preocupação com o crescimento do número de sírios que trabalhavam no setor informal, por não lhes ser permitido o acesso ao mercado de trabalho, o governo turco alterou a lei em 2016 (Kirdar et al., 2022: 11). Passou a ser permitido aos beneficiários do estatuto de proteção temporária registados na Turquia por um período mínimo de 6 meses, o direito de trabalhar na província onde estão registados, na proporção de 1 sírio para 10 turcos no local de trabalho, e sob a condição de que receberiam pelo menos o salário mínimo (Erdoğan, 2019: 12). O governo deu ainda às empresas um incentivo para contratarem sírios, ao cobrir 20% do seguro de saúde do empregado, caso este seja sírio (Baban et al., 2016: 11).

Apesar desta alteração no acesso ao mercado de trabalho, “more than 95% of the Syrians working at present are working informally”<sup>88</sup> (Erdoğan, 2019: 12), em setores como a construção, agricultura e fabricação de têxteis (Kirdar et al., 2022: 11). Alguns dos grupos mais vulneráveis, principalmente crianças, sobrevivem ao vender lenços e garrafas de água nas ruas, ou na recolha de lixo (Baban et al., 2016: 13).

As dificuldades associadas à obtenção de licenças de trabalho de empregadores turcos e a exploração por parte dos mesmos, o facto de os refugiados sírios apenas poderem trabalhar no distrito onde inicialmente foram registados, normalmente coincidente com locais onde não há muita oferta de emprego, e o fim da assistência dada pelo Emergency Social Safety Net Program aos trabalhadores legais são alguns dos fatores que mantêm altos os números dos refugiados sírios a trabalhar no setor informal (Makovsky, 2019). Estes

---

aprenderam rapidamente a língua estrangeira e conquistaram sua independência económica graças aos salários que recebiam” (Kocak et al., 2021).

<sup>87</sup> Tradução livre da autora: “Os beneficiários recebem pouca ou nenhuma informação sobre o sistema de autorização de trabalho” (AIDA, 2021).

<sup>88</sup> Tradução livre da autora: “mais de 95% dos sírios que trabalham atualmente trabalham informalmente” (Erdoğan, 2019: 12).

indivíduos não só necessitam de licenças concedidas pelo governo e pelo empregador, como são também obrigados ao recebimento do salário mínimo e benefícios da segurança social, algo que os empregadores preferem evitar, mantendo os beneficiários a trabalhar ilegalmente por um custo mais reduzido (Memişoğlu, 2018: 20). Para além disso, o número de beneficiários do estatuto de proteção temporária num local de trabalho não pode ultrapassar os 10%, o que em cidades com um grande número de refugiados dificulta o acesso ao mercado de trabalho legal (Skribeland, 2023: 37).

Employers may not legally employ Syrians to avoid paying minimum wages and social security benefits. In most of these cases, Syrians feel they cannot complain due to fear of losing their jobs and hence, continue working informally in order to sustain their livelihoods<sup>89</sup> (Memişoğlu, 2018: 20).

Há também uma ideia já intrínseca na sociedade local de que os refugiados retiram ofertas de emprego aos restantes indivíduos, por serem mão de obra mais barata (Erdoğan, 2019: 11), o que influencia negativamente a opinião pública da sociedade de acolhimento em relação aos refugiados sírios (Makovsky, 2019).

### **2.5.3. Opinião pública**

Apesar de diversas tentativas de melhorar a integração dos refugiados na Turquia e promover a coesão social entre ambas as sociedades por parte do governo, a opinião pública em relação aos sírios tem vindo a ser negativa (Makovsky, 2019). A população local apresenta uma ideia estereotipada dos refugiados sírios vendo-os como selvagens, sem educação, conservadores e como aproveitadores das ajudas financeiras do governo turco (Memişoğlu, 2018: 18; Makovsky, 2019).

Syrians further believe that their presence is negatively perceived by the host community, affecting the latter's lives socially and economically. As a

---

<sup>89</sup> Tradução livre da autora: Os empregadores podem não empregar legalmente sírios para evitar o pagamento de salários mínimos e benefícios de segurança social. Na maioria destes casos, os sírios sentem que não podem reclamar devido ao medo de perder os seus empregos e, portanto, continuam a trabalhar informalmente para sustentar os seus meios de subsistência. (Memişoğlu, 2018: 20).

result, Syrian respondents think they are stereotyped in the public sphere, hindering progress towards their social inclusion<sup>90</sup> (Memişoğlu, 2018: 18).

Um inquérito de 2012 da Metropoll, uma empresa turca de estudos estratégicos e sociais, afirma que 52% dos turcos discordaram com a decisão inicial de permitir a entrada de sírios no país, e 66% afirmaram que a entrada de mais refugiados deveria ser rejeitada (Makovsky, 2019). Também 70% da população local das localidades do sudeste da Turquia, onde há uma grande percentagem de refugiados sírios, afirma que estes indivíduos são uma ameaça à segurança, que cometeram crimes e desestabilizaram a ordem pública (Içduygu, 2015).

They are viewed as a burden, and blamed for deteriorating public services, price increases, and rising unemployment. Although the Turkish government has emphasized cultural and religious affinities with Syrian refugees, the public perceives a surprisingly large cultural and social distance<sup>91</sup> (Kirişci et al., 2018).

Em 2014, surgiram protestos nas cidades fronteiriças de Gaziantep, Antáquia e Sanliurfa contra os sírios no país, afirmando que estes contribuíram para “low wages and dire working conditions, drastic increases in rent prices, and an increase in petty crime in urban areas where the asylum seekers had settled intensively”<sup>92</sup> (Makovsky, 2019). Em 2018, um inquérito do Center for America Progress mostrou que 83% dos turcos tinham uma visão negativa dos sírios e 80% desejava que estes regressassem à Síria (Makovsky, 2019).

---

<sup>90</sup> Tradução livre da autora: Os sírios acreditam ainda que a sua presença é percebida negativamente pela comunidade anfitriã, afetando a vida desta última social e economicamente. Como resultado, os entrevistados sírios pensam que são estereotipados na esfera pública, dificultando o progresso no sentido da sua inclusão social. (Memişoğlu, 2018: 18).

<sup>91</sup> Tradução livre da autora: São vistos como um fardo e responsabilizados pela deterioração dos serviços públicos, pelos aumentos de preços e pelo aumento do desemprego. Embora o governo turco tenha enfatizado as afinidades culturais e religiosas com os refugiados sírios, o público percebe uma distância cultural e social surpreendentemente grande. (Kirişci et al., 2018).

<sup>92</sup> Tradução livre da autora: “salários baixos e condições de trabalho terríveis, aumentos drásticos nos preços das rendas e um aumento da pequena criminalidade nas áreas urbanas onde os requerentes de asilo se instalaram intensamente” (Makovsky, 2019).

Segundo Nielsen (2016), “syrians were no longer viewed as the victims of a horrible civil war, but as people who disturbed the peace and harmony of communities and were taking advantage of the Turkish government”<sup>93</sup>.

A atitude da sociedade de acolhimento para com os refugiados é influenciada por diversos fatores, tais como fatores económicos (taxas de empregabilidade e o salário médio) e fatores sociais (presença ou não de um sentimento anti-imigrante), tendo uma grande influência no sucesso da integração dos refugiados (Içduygu, 2015).

Apesar da inicial receção calorosa aos refugiados sírios aquando das primeiras chegadas à Turquia, devido também à política de portas abertas adotada pelo governo, as atitudes da sociedade de acolhimento para com os refugiados alteraram-se com o grande influxo, convertendo uma compaixão inicial em atual discriminação e xenofobia (Makovsky, 2019; Nielsen, 2016). A maioria das atuais tensões ocorrem devido à grande barreira linguística entre as comunidades, às políticas xenófobas, competição por postos de trabalho e ataques violentos que foram ocorrendo e que intensificaram o sentimento anti sírio na população (Simon, 2021).

Segundo Memişoğlu (2018: 13), “in cases where they become subject to arbitrary practices and discrimination, some respondents said they refrain from speaking up and defending themselves, because their legal status is «not firm enough»”<sup>94</sup>, o que fomenta episódios de discriminação da sociedade de acolhimento para com os sírios no país.

Em 2022, viu-se um agravar dos discursos de ódio e racismo para com os refugiados, devido às eleições que se avizinhavam, e onde os líderes políticos nas suas campanhas prometiam enviá-los de volta ao seu país de origem, para conseguirem mais votos da população local (AIDA 2022c: 75). “81% of Turkish citizens support the repatriation of Syrian refugees”<sup>95</sup> (AIDA, 2022b: 15).

---

<sup>93</sup> Tradução livre da autora: “Os sírios já não eram vistos como vítimas de uma horrível guerra civil, mas como pessoas que perturbavam a paz e a harmonia das comunidades e se aproveitavam do governo turco” (Nielsen, 2016).

<sup>94</sup> Tradução livre da autora: “Nos casos em que ficam sujeitos a práticas arbitrárias e discriminatórias, alguns entrevistados disseram que se abstêm de se manifestar e de se defenderem, porque o seu estatuto jurídico «não é suficientemente firme»” (Memişoğlu, 2018).

<sup>95</sup> Tradução livre da autora: “81% dos cidadãos turcos apoiam a repatriação de refugiados sírios” (AIDA, 2022b: 15).

#### 2.5.4. Perspetivas dos refugiados sírios sobre a integração na Turquia

Os refugiados sírios na Turquia consideram de extrema importância a aprendizagem da língua como fator essencial para a integração na sociedade de acolhimento – “The Turkish government also needs to make Turkish language learning compulsory for us [Syrians]. We need to have at least a basic knowledge of Turkish; that is the only way to bring Turkish and Syrian societies closer together”<sup>96</sup> (Memişoğlu, 2018: 19). Estima-se que apenas 15% dos beneficiários de proteção temporária e internacional falam turco fluentemente (UNHCR, 2023b: 4).

Para além da linguagem ser a barreira mais apontada ao sucesso da integração dos refugiados sírios, os problemas no acesso ao mercado de trabalho legal são também referidos, nomeadamente, o pagamento de salários abaixo do salário mínimo nacional e as horas de trabalho excessivas (Memişoğlu, 2018: 19). “Difficulties relating to employment are the most commonly cited problem for Syrians”<sup>97</sup> (Aslan & Yilmaz, 2019: 35).

A falta de informação sobre o seu estatuto e os seus direitos, e o facto de a sua situação ser considerada como algo temporário, são outros dos fatores apontados como negativos pelos sírios - “The common labeling of Syrians as ‘guests’ has nurtured their sense of uncertainty, making it difficult for refugees to comprehend the scope of their actual legal rights and obligations”<sup>98</sup> (Memişoğlu, 2018: 13).

Apesar de algumas tentativas do governo turco em promover a integração social dos refugiados sírios e a coesão com a sociedade de acolhimento, ao por exemplo fechar os campos de refugiados e os TEC’s (Makovsky, 2019), as medidas impostas estão longe de satisfazer as necessidades destes indivíduos, que se sentem inseguros em relação aos seus direitos e obrigações (Memişoğlu,

---

<sup>96</sup> Tradução livre da autora: “O governo turco também precisa de tornar a aprendizagem da língua turca obrigatória para nós [sírios]. Precisamos de ter pelo menos um conhecimento básico de turco; essa é a única forma de aproximar as sociedades turca e síria” (Memişoğlu, 2018: 19).

<sup>97</sup> Tradução livre da autora: “As dificuldades relacionadas com o emprego são o problema mais frequentemente citado pelos sírios” (Aslan & Yilmaz, 2019: 35).

<sup>98</sup> Tradução livre da autora: “O rótulo comum dos sírios como ‘convidados’ alimentou o seu sentimento de incerteza, tornando difícil para os refugiados compreenderem o âmbito dos seus direitos e obrigações legais” (Memişoğlu, 2018: 13).

2018). Segundo Akar & Erdoğan (2018: 928), “dealing with refugees in Turkey at present is not a question of halting the influx of refugees and reversing their movement but requires practical measures aimed at providing them with better settlement and integration opportunities”<sup>99</sup>.

De acordo com os beneficiários do estatuto de proteção temporária, o facto de não terem o direito de se deslocarem livremente e escolher a cidade onde querem residir constringe o seu processo de integração e limita as suas oportunidades no mercado de trabalho (Makovsky, 2019). Para além disso, a necessidade de obterem vistos de trabalho para que o possam fazer legalmente faz com que estejam dependentes dos empregadores (Makovsky, 2019).

Retirar a obrigatoriedade dos vistos de trabalho iria reduzir o número de indivíduos a trabalhar no setor informal e, conseqüentemente, balançar os salários entre sírios e turcos, reduzindo também as hostilidades entre ambas as comunidades (Içduygu, 2015: 10; Akar & Erdoğan, 2018: 933). “Lifting the internal freedom of movement restrictions on these two groups as well lifting or changing the 10% quota could therefore also considerably improve access to legal employment”<sup>100</sup> (Skribeland, 2013: 37).

É importante também a adoção de um discurso antirracista quer por parte dos *media* e do governo, quer pela comunidade local, e promover medidas incentivadoras da coesão social que unam as comunidades e facilitem a integração dos sírios no país.

On one side, Turkey is a country that took them in, gave them space to earn a living, and which might formally absorb them through naturalization. On the other, Turkish society mostly doesn't want them, and there is no certainty that they will ever graduate from unwelcome guests to full-blown citizens<sup>101</sup> (Simon, 2021).

---

<sup>99</sup> Tradução livre da autora: “Atualmente, lidar com refugiados na Turquia não é uma questão de travar o fluxo de refugiados e reverter o seu movimento, mas requer medidas práticas destinadas a proporcionar-lhes melhores oportunidades de assentamento e integração” (Akar & Erdoğan, 2018: 928).

<sup>100</sup> Tradução livre da autora: “O levantamento das restrições internas à liberdade de circulação impostas a estes dois grupos, bem como o levantamento ou alteração da quota de 10%, poderia, portanto, também melhorar consideravelmente o acesso ao emprego legal” (Skribeland, 2013: 37).

<sup>101</sup> Tradução livre da autora: Por um lado, a Turquia é um país que os acolheu, deu-lhes espaço para ganhar a vida e que poderá absorvê-los formalmente através da naturalização. Por outro

## 2.6. Jovens refugiados sírios na Turquia

Os jovens refugiados sírios na Turquia “may turn into a completely vulnerable population because of the high numbers and the strategical needs they already have in several areas of life”<sup>102</sup> (Özerim & Telli, 2020), o que requer estratégias de integração focadas nas suas especificidades, principalmente no que diz respeito à educação, emprego, saúde e coesão social.

Some Syrian youth face serious difficulties because they are unregistered, do not attend a school, or drop out of formal education, cannot receive psycho-social support, and their current poverty situation is poor. Also, it increases the tension between Turks and Syrian youth in the cities due to the current economic problems like high unemployment rates and the abuse of this in daily politics<sup>103</sup> (Ahmadzadeh, H. et al., 2014).

A discriminação e racismo, exploração no mercado de trabalho, traumas psicológicos e a falta de suporte na aquisição de competências educacionais e laborais são fatores que aumentam a vulnerabilidade dos jovens sírios na Turquia e os expõe à criminalidade, redes de tráfico de pessoas e drogas ou recrutamento por parte de grupos terroristas (ICG, 2019). Em relação ao sexo feminino, as jovens sírias estão ainda mais vulneráveis a casamentos forçados e exploração sexual como forma de sobrevivência, sujeitas a abusos e maus-tratos (ICG, 2019: 11).

Uma das grandes ameaças à integração dos jovens refugiados sírios é o recrutamento por parte de grupos terroristas que, muitas das vezes, acontece disfarçado no trabalho de ONG's ou em programas de reabilitação para jovens toxicodependentes, doutrinando-os com ideologias militantes e ódio para com outros grupos (ICG, 2019: 10). “Many Syrian youths’ personal histories of trauma

---

lado, a maioria da sociedade turca não os quer, e não há certeza de que algum dia passarão de convidados indesejáveis a cidadãos de pleno direito. (Simão, 2021).

<sup>102</sup> Tradução livre da autora: “podem transformar-se numa população completamente vulnerável devido aos elevados números e às necessidades estratégicas que já possuem em diversas áreas da vida” (Özerim & Telli, 2020)

<sup>103</sup> Tradução livre da autora: Alguns jovens sírios enfrentam sérias dificuldades porque não estão registados, não frequentam a escola ou abandonam a educação formal, não podem receber apoio psicossocial e a sua atual situação de pobreza é grave. Além disso, aumenta a tensão entre os jovens turcos e sírios nas cidades devido aos atuais problemas económicos, como as elevadas taxas de desemprego e o abuso disto na política diária. (Ahmadzadeh, H. et al., 2014).

could make them susceptible to hostility toward groups that they are told are the cause of their loss and displacement”<sup>104</sup> (ICG, 2019: 10).

Também o facto de alguns dos jovens sírios não se encontrarem registados para a proteção temporária aumenta a possibilidade de serem recrutados para atividades ilícitas, como por exemplo o tráfico humano na fronteira com a Síria, e dificulta o controlo das autoridades sobre eles (ICG, 2019: 12).

Os jovens sírios são também particularmente vulneráveis devido aos traumas que sofreram na sua infância ou adolescência, e os sentimentos de perda, dor e violência, consequências da guerra e bombardeamentos a que assistiram, que os deixou extremamente necessitados de apoio psicológico (ICG, 2019: 15). “Trauma can also make it difficult for Syrians aged 12-24 in particular to stay in school or hold down jobs, forcing them into illicit or exploitative work and life situations”<sup>105</sup> (ICG, 2019: 16).

Tal como para os refugiados sírios adultos, o acesso à educação e ao mercado de trabalho são dois dos fatores fundamentais aquando da integração dos jovens refugiados sírios na sociedade de acolhimento (Özerim & Telli, 2020; Kocak et al., 2021). No entanto, 46% dos jovens refugiados sírios não se encontram integrados nem no sistema educativo, nem no mercado de trabalho na Turquia (Özerim & Telli, 2020: 62).

It is of paramount importance that in case of failing to provide inclusion of young refugees into these fields, then they can be subject to the risk of breaking ties with the society and getting encircled by different types of danger<sup>106</sup> (Özerim & Telli, 2020: 62).

Fatores que levam os jovens a desistir da escola são a pressão familiar para iniciarem no mercado de trabalho, normalmente de forma informal para auxiliarem economicamente a família, os casamentos precoces no caso das

---

<sup>104</sup> Tradução livre da autora: “As histórias pessoais de trauma de muitos jovens sírios podem torná-los suscetíveis à hostilidade em relação a grupos que lhes dizem ser a causa da sua perda e deslocamento” (ICG, 2019: 10).

<sup>105</sup> Tradução livre da autora: “O trauma também pode dificultar, em particular, aos sírios com idades compreendidas entre os 12 e os 24 anos, a permanência na escola ou a manutenção de empregos, forçando-os a situações de trabalho e de vida ilícitas ou exploradoras” (ICG, 2019: 16).

<sup>106</sup> Tradução livre da autora: É de suma importância que, caso não consigam proporcionar a inclusão de jovens refugiados nestes campos, eles possam estar sujeitos ao risco de romperem os laços com a sociedade e serem cercados por diversos tipos de perigos. (Özerim & Telli, 2020: 62).

jovens do sexo feminino, a barreira linguística, e o *bullying* que sofrem nas escolas por parte dos colegas e dos professores (ICG, 2019: 15). “Those not in school tend not to learn Turkish or other basic skills, are more likely to be recruited into criminal networks, work under precarious conditions in the informal market or marry into exploitative arrangements”<sup>107</sup> (ICG, 2019: 12).

Apesar de ter havido um aumento significativo de jovens sírios no acesso ao ensino superior desde 2012 (Erdoğan, 2019: 11), o número continua a ser bastante reduzido comparando com os jovens turcos (Dereli, 2018: 1). Há apenas 2.6% de estudantes internacionais nas universidades turcas, dos quais 21% são sírios, ou seja, apenas 1 em cada 5 estudantes internacionais é sírio (Esen, 2022). Os jovens sírios são admitidos a estudar nas universidades turcas como estudantes internacionais, mas a percentagem de alunos estrangeiros admitidos é determinada pelas próprias universidades, assim como os critérios do processo de admissão (Esen, 2022).

São apontadas como experiências positivas pelos estudantes sírios no ensino superior as propinas gratuitas e facilidade de obtenção de bolsas de estudo, a possibilidade de aprenderem a língua, o sistema de ensino ser considerado mais prático comparativamente ao sistema de ensino sírio, e ser algo que contribui para o seu desenvolvimento pessoal e lhes permite melhores oportunidades futuras (Dereli, 2018: 10). Quanto aos desafios, quem já se encontra inserido no ensino superior na Turquia enfrenta vários – “The main challenge that young refugees face in the higher education system is the language, while the second challenge is prejudice and negative stereotypes that they experience in their daily interaction with local students”<sup>108</sup> (Dereli, 2018: 10). Problemas financeiros e de deslocação, e questões burocráticas relacionadas com o processo de candidatura são também apontados como desafios no acesso ao ensino superior (Dereli, 2018: 10).

---

<sup>107</sup> Tradução livre da autora: “Aqueles que não estão na escola tendem a não aprender turco ou outras competências básicas, são mais propensos a serem recrutados para redes criminosas, a trabalhar em condições precárias no mercado informal ou a casar em acordos de exploração” (ICG, 2019: 12).

<sup>108</sup> Tradução livre da autora: “O principal desafio que os jovens refugiados enfrentam no sistema de ensino superior é a língua, enquanto o segundo desafio é o preconceito e os estereótipos negativos que experimentam na sua interação diária com os estudantes locais” (Dereli, 2018: 10).

Outro dos principais fatores no sucesso da integração de jovens sírios é o acesso ao mercado de trabalho (Kocak et al.,2021). No entanto, “regular employment level is generally low for refugees in Turkey, and young refugees are also adversely affected by this situation”<sup>109</sup> (Özerim & Telli, 2020). Isto acontece devido às poucas oportunidades existentes para refugiados sírios, e também à dificuldade de estes indivíduos em aceder às mesmas, quer por questões linguísticas, de falta de educação ou pela necessidade de um visto de trabalho (Özerim & Telli, 2020: 7). Quando já integrados no mercado de trabalho, os jovens sírios encontram-se insatisfeitos pelo facto de haver uma discrepância nos salários em relação a colegas turcos, e pelo excesso de horas de trabalho (Özerim & Telli, 2020).

Um dos sentimentos preponderantes nestes jovens que influencia a sua integração é ainda o sentimento de responsabilidade que decai sobre eles, devido à necessidade de ajuda no sustento das famílias, que os empurra desde cedo para o mercado de trabalho (Özerim & Telli, 2020). “«Responsibility» is the most striking concept that is considered to be best fitting by young refugees for themselves related to their lives, and specifically to the current period of their lives”<sup>110</sup> (Özerim & Telli, 2020).

Segundo vários estudos (Dereli, 2018; Özerim & Telli, 2020; Kocak et al., 2021), a barreira linguística é o maior obstáculo à integração dos jovens refugiados sírios na Turquia e o motivo mais apontado para a falta de relações com a comunidade turca.

Segue-se como grande obstáculo a perceção pública negativa dos refugiados, que inevitavelmente influencia a sua integração na educação, mercado de trabalho, cuidados de saúde, e as relações sociais com a sociedade de acolhimento (Özerim & Telli, 2020: 39).

Among the most expressed negative factors, it is possible to list "being unevenly treated while renting an apartment and seeking a job", "job-wage

---

<sup>109</sup> Tradução livre da autora: “o nível regular de emprego é geralmente baixo para os refugiados na Turquia, e os jovens refugiados também são afetados negativamente por esta situação” (Özerim & Telli, 2020).

<sup>110</sup> Tradução livre da autora: “«Responsabilidade» é o conceito mais marcante que é considerado mais adequado pelos jovens refugiados para si próprios em relação às suas vidas, e especificamente ao período atual das suas vidas” (Özerim & Telli, 2020).

imbalance”, “total dependence of work permit processes to the employer” and “unwillingness of employer for providing insurance coverage”, “obstacles caused by insufficient language skills”, “challenges with regard to certification”, and accordingly “lacking the opportunity to be employed in their own professional fields”, “bureaucracy”, “prejudices” and “generalizations about Syrians”<sup>111</sup> (Özerim & Telli, 2020: 53).

Em relação à percepção da sociedade de acolhimento para com os jovens refugiados sírios, estes constantemente enfrentam discursos negativos, influenciados também pela imagem marginalizada dos sírios que é passada pelos meios de comunicação social (Dereli, 2018). “It is understood that Syrian Youth sometimes face exclusion and negative discourses in their daily lives in family, friends, education, and other fields”<sup>112</sup> (Kocak et al., 2021). Isto conseqüentemente tem uma influência negativa na integração dos jovens, que acabam por lidar com situações discriminatórias no seu dia-a-dia, dificultando a coesão social entre ambas as sociedades (Dereli, 2018).

Syrian refugees are subject to social exclusion and continuously feel that they should go to their home countries. These feelings put more burden on Syrian, trauma and psychological distress, stigmatizes them, and prevents them from integrating into the society they live in<sup>113</sup> (Kocak et al., 2021: 1).

No entanto, os fatores que, segundo jovens refugiados sírios, facilitam a integração na Turquia são as semelhanças entre a religião, educação, cultura, além do facto de serem jovens e, desse modo, mais flexíveis à adaptação ao novo país (Özerim & Telli, 2020). São apontados também como aspetos positivos da sociedade de acolhimento o acesso aos cuidados de saúde, os direitos das

---

<sup>111</sup> Tradução livre da autora: Entre os fatores negativos mais expressados, é possível elencar “ser tratado de forma desigual no aluguer de apartamento e na procura de emprego”, “desequilíbrio trabalho-salário”, “total dependência dos processos de autorização de trabalho ao empregador” e “relutância do empregador em fornecimento de cobertura de seguro”, “obstáculos causados por competências linguísticas insuficientes”, “desafios no que diz respeito à certificação” e, conseqüentemente, “falta de oportunidade de emprego nas suas próprias áreas profissionais”, “burocracia”, “preconceitos” e “generalizações sobre os sírios”. (Özerim & Telli, 2020: 53).

<sup>112</sup> Tradução livre da autora: “Compreende-se que a juventude síria por vezes enfrenta exclusão e discursos negativos na sua vida quotidiana na família, nos amigos, na educação e noutros campos” (Kocak et al., 2021).

<sup>113</sup> Tradução livre da autora: Os refugiados sírios estão sujeitos à exclusão social e sentem continuamente que deveriam ir para os seus países de origem. Estes sentimentos colocam mais peso nos sírios, traumas e sofrimento psicológico, estigmatizam-nos e impedem-nos de se integrarem na sociedade em que vivem. (Kocak et al., 2021: 1).

mulheres, como a proibição do casamento antes dos 18 anos, a menor pressão social e familiar e as oportunidades de treinos vocacionais (Özerim & Telli, 2020: 53). “Syrian Youth integrated into Turkish Society by learning Turkish and adapting some things such as working life, culture, lifestyle, and Turkish people’s friendships”<sup>114</sup> (Kocak et al., 2021: 5).

---

<sup>114</sup> Tradução livre da autora: “A juventude síria integrou-se na sociedade turca, aprendendo turco e adaptando algumas coisas como a vida profissional, a cultura, o estilo de vida e as amizades da população turca” (Kocak et al., 2021: 5).

### 3. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

#### 3.1. Metodologia

Para elaboração da investigação em questão optou-se pela utilização de uma metodologia qualitativa de investigação social, recorrendo a narrativas autobiográficas para posterior construção de histórias de vida.

A escolha da metodologia qualitativa ocorre por permitir ao investigador uma maior aproximação entre o próprio e os indivíduos, que são parte integrante e desenvolvem o objeto de estudo, ao estudar os significados que estes atribuem aos comportamentos que decorrem nos ambientes e contextos em que estão inseridos (Bogdan & Biklen, 1994; Silva, 2013).

Partindo da “perspetiva dos sujeitos da investigação, estando interessado no modo como as pessoas dão significado às coisas e às suas vidas” (Bogdan & Biklen, 1994), dá-se importância ao estudo das relações sociais e vivências, de forma a compreender a realidade dos sujeitos em interação, num específico contexto social (Martins, 2004). A metodologia qualitativa enfatiza a “compreensão interpretativa da ação social a partir do relato pormenorizado da vida quotidiana e na base de uma interação prolongada com os sujeitos no seu meio natural” (Silva, 2013), valorizando o elemento subjetivo do comportamento social dos indivíduos (Bogdan & Biklen, 1994: 54).

Esta metodologia permite ao investigador o contacto direto com os sujeitos, ao ser ele o principal instrumento de recolha de dados, através de trabalho de campo e da realização de entrevistas (Bogdan & Biklen, 1994).

O investigador deve conhecer o contexto em que os sujeitos estão inseridos, para que compreenda a realidade como ação culturalmente contextualizada (Silva, 2013: 4), por não ser possível “investigar adequadamente uma cultura através de intérpretes” (Goetz & Lecompte 1988: 114 *apud* Silva, 2013: 4).

Na metodologia qualitativa há um maior interesse do investigador com o processo do que com os resultados obtidos, pela importância dada à construção subjetiva da realidade através dos significados dos indivíduos e das suas interações sociais (Silva, 2013: 4).

A investigação qualitativa é encarada como uma incursão ao mundo da subjetividade, porquanto reconhece e valoriza as significações sociais elaboradas pelos atores, através dos quais são captadas as experiências, idealizações e representações da realidade (Silva, 2013: 5).

Na presente investigação, recorrendo aos relatos autobiográficos obtidos com entrevistas a jovens refugiados sírios, utilizou-se a metodologia das histórias de vida e posterior análise dos seus percursos de vida. “Ao contarem-me as suas histórias, recriam narrativas de sofrimento que os caracteriza a todos, enquanto detentores de um estatuto diferente dos imigrantes” (Santinho, 2009: 585).

A história de vida é uma técnica na qual a história de um sujeito é contada partindo da sua perspetiva e experiência individual, “é a história que uma pessoa decidiu contar acerca da vida que viveu, aquilo que ela recorda desta e aquilo que ela quer que os outros saibam acerca dela” (Atkinson, 2002).

Uma história de vida é sempre individual e única, por incluir o investimento emocional de quem a conta, ser “uma forma de reviver os eventos que se recorda e é também um re-experimentar os sentimentos e as emoções que lhes estão associados” (Brandão, 2007: 2). Ao ser um relato que é contado pelo próprio sujeito, a história de vida não é um relato objetivo e, inevitavelmente, contém a subjetividade própria do narrador, que transmite a sua visão do mundo e de si mesmo consoante o seu conhecimento sobre ambos (Brandão, 2007: 1).

É um método que possibilita localizar o sujeito num contexto sócio histórico e as relações entre fatores individuais e processos culturais que decorrem dentro de esse mesmo contexto (Brandão, 2007).

They can define an individual's place in the social order of things and can explain or confirm experience through the moral, ethical, or social context of a given situation. They can provide the researcher with information about a social reality existing outside the story that is described by the story. They also can help explain the story itself as a social construct as well as help explain an individual's understanding of social events, movements, and political causes, or how individual members of a group, generation, or

cohort see certain events or movements<sup>115</sup> (Stewart, 1994 *apud* Atkinson, 2002).

A escolha desta técnica justificou-se pelo facto de valorizar os significados, valores, crenças e motivos que o indivíduo atribui à realidade no seu próprio contexto, e à construção do seu “eu” como resultado do contexto histórico e cultural em que se encontra (Atkinson, 2002).

Através do uso das histórias de vida, procurou-se humanizar e partilhar a vida de quem experiencia uma migração forçada e a integração na sociedade de acolhimento inerente a este processo.

Ao descrever e analisar os percursos e histórias de vida dos indivíduos, percebendo as influências histórico-culturais e as memórias específicas de cada caso, é possível perceber semelhanças e diferenças entre cada um dos participantes, e a maneira singular como encararam a mudança e integração na sociedade de acolhimento. Deste modo, alcança-se a perspetiva única do indivíduo e da sua realidade, mas também as perspetivas que partilha com os demais e como essas se relacionam com o contexto em que estão inseridos (Atkinson, 2002: 124).

It is important, in trying to understand other persons' experiences in life or their relations to others, to let their voices be heard, to let them speak for and about themselves first. If we want to know the unique perspective of an individual, there is no better way to get this than in that person's own voice<sup>116</sup> (Atkinson, 2002: 124).

A metodologia das histórias de vida permite analisar o contexto em que os jovens refugiados viviam antes da fuga e aquele em que agora se encontram na

---

<sup>115</sup> Tradução livre da autora: Eles podem definir o lugar de um indivíduo na ordem social das coisas e podem explicar ou confirmar a experiência através do contexto moral, ético ou social de uma determinada situação. Eles podem fornecer ao pesquisador informações sobre uma realidade social existente fora da história descrita. Eles podem também ajudar a explicar a própria história como uma construção social, assim como ajudar a explicar a compreensão de um indivíduo sobre eventos sociais, movimentos e causas políticas, ou como os membros individuais de um grupo, geração ou grupo que vê certos eventos ou movimentos. (Stewart, 1994 *apud* Atkinson, 2002).

<sup>116</sup> Tradução livre da autora: É importante, ao tentar compreender as experiências de vida de outras pessoas ou as suas relações com os outros, deixar que as suas vozes sejam ouvidas, deixá-las falar primeiro por si mesmas e sobre elas mesmas. Se quisermos conhecer a perspetiva única de um indivíduo, não há melhor maneira de conseguir isso do que através da voz dessa pessoa. (Atkinson, 2002: 124).

cidade de Gaziantep. Possibilita a análise do percurso de vida dos jovens nas várias áreas (social, familiar, laboral, educação, económica, etc.), tanto na Síria como na Turquia. Permite ainda perceber, através de relatos individuais, como decorre o processo de integração no novo país, as dificuldades e obstáculos sentidos durante o mesmo, se sentidos, a visão dos jovens sobre a sociedade de acolhimento, e as políticas de integração adotadas no país.

Apesar do uso de histórias de vida como metodologia de investigação não quantificar os resultados obtidos, é um método que permite:

Captar o que escapa às estatísticas, às regularidades objetivas dominantes e aos determinismos macrossociológicos, tornando acessível o particular, o marginal, as ruturas, os interstícios e os equívocos, elementos fundamentais da realidade social, que explicam porque é que não existe apenas reprodução, e reconhecendo, ao mesmo tempo, valor sociológico no saber individual (Brandão, 2007: 10).

A escolha da metodologia das histórias de vida para a realização de uma investigação traz, no entanto, diversos desafios e obstáculos. A subjetividade inerente aos relatos, transmitidos através da visão do narrador e do mundo que conhece, é um dos desafios desta metodologia (Brandão, 2007: 3). Na metodologia das histórias de vida, o significado é alcançado a partir da interpretação do investigador, interpretação esta altamente subjetiva e relativa, tal como a própria experiência contada pelo sujeito (Atkinson, 2002: 133). No entanto, como nos diz Brandão (2007: 3), toda a Sociologia passa pelo indivíduo e, independentemente da metodologia utilizada, tanto a subjetividade como a sua vontade de cooperação estão em causa.

Um dos obstáculos da escolha da metodologia das histórias de vida para a realização de uma investigação prende-se também com a dependência que o investigador tem da vontade do indivíduo em abordar certos temas e da sua capacidade de compreensão quanto às questões colocadas (Brandão, 2007: 4). Para além disso, é de salientar que, visto a história de vida ser a história que um indivíduo decidiu contar acerca da sua vida, podem ser ocultados factos que poderiam vir a ser relevantes à investigação (Brandão, 2007: 4). No entanto, segundo Atkinson (2002: 133), os indivíduos tendencialmente querem contar a

sua história da maneira exata como a mesma ocorreu, independentemente de quem os questiona.

Algumas das críticas a este método relacionam-se com a ausência de representatividade, devido à análise de apenas alguns casos específicos, assim como de fiabilidade e rigor, por serem dados recolhidos de uma história narrada pelo indivíduo (Brandão, 2007: 3). Quanto à representatividade dos casos, o valor dos dados recolhidos não pode ser avaliado apenas segundo valores quantitativos - “são as suas qualidades teóricas e metodológicas – em particular, a sua ligação à natureza do fenómeno investigado – que determinam o seu valor em termos de representatividade” (Brandão, 2007: 5).

A life story is a text like any other document or story in any other field. It can stand on its own, because it automatically and immediately evokes certain personal, subjective responses based on the experiences it describes or the perspective of the reader<sup>117</sup> (Atkinson, 2002: 136).

### **3.1.1. Etapas da pesquisa**

A presente investigação desenvolveu-se em diversas fases: pesquisa bibliográfica, seleção e contacto com os participantes, recolha de dados, construção das histórias de vida e respetiva análise e conclusões.

Estas etapas não decorreram necessariamente de forma contínua, devido à necessidade de conjugar momentos de pesquisa bibliográfica com o trabalho de campo e os procedimentos de análise, consequência das leituras recorrentes de bibliografia relacionada com o tema, e do constante cuidado e reorganização da informação.

#### **3.1.1.1. Pesquisa bibliográfica**

A pesquisa bibliográfica iniciou-se em meados de 2022, quando a investigadora se encontrava na cidade de Gaziantep, e decorreu ao longo de todo o trabalho de investigação. Houve uma constante necessidade de procura e

---

<sup>117</sup> Tradução livre da autora: Uma história de vida é um texto como qualquer outro documento ou história em qualquer outro campo. Pode ser independente, porque evoca automática e imediatamente certas respostas pessoais e subjetivas com base nas experiências que descreve ou na perspectiva do leitor. Atkinson (2002: 136).

leitura de nova bibliografia aquando da construção dos capítulos e também ao longo do trabalho de campo e análise dos dados.

Inicialmente, foi importante clarificar conceitos-chave ao longo da investigação, como o conceito de refugiado (dentro e fora da Convenção de Genebra) e proteção internacional, assim como de integração social de jovens refugiados e fatores influenciadores, de acordo com a literatura existente.

Foram ainda feitas pesquisas sobre a receção de refugiados e requerentes de asilo na Turquia e elaborados gráficos, através de dados quantitativos recolhidos de diversas fontes, para melhor perceção do contexto de asilo e proteção internacional no país de acolhimento. Abordou-se a forma como a integração social dos jovens refugiados sírios ocorre no país, que condições facilitam ou dificultam a mesma, e perspetivas de jovens quanto a este tema.

Foi feita pesquisa acerca do contexto atual da cidade de Gaziantep, para onde os jovens migraram, e as mudanças que o fluxo migratório de refugiados trouxe à cidade. Tendo em conta que os investigados são jovens sírios que vivem atualmente na Turquia, foi necessário ainda estudar o conflito no país de origem.

Toda esta pesquisa prévia permitiu a elaboração de um guião de entrevista, com perguntas direcionadas aos respetivos temas e o conhecimento necessário para a posterior realização das entrevistas.

### **3.1.1.2. Trabalho de campo**

#### **3.1.1.2.1. Seleção dos participantes e contactos**

Inicialmente, a investigação pretendia apresentar os casos concretos de quatro jovens sírios que vivem atualmente em Gaziantep, através da recolha de quatro histórias de vida. Esta escolha baseou-se no facto de assim haver um igual número de jovens dos dois sexos (dois do sexo masculino e dois do sexo feminino), e de ser um número que não se considerou demasiado ambicioso para o tempo disponível, mas, ainda assim, possibilitar diversidade nas histórias e experiências.

Apesar da escolha dos jovens não abranger toda a comunidade síria em Gaziantep, permite uma melhor compreensão do contexto em que vivem os jovens sírios na Turquia e como decorre a sua integração.

No que diz respeito à seleção dos participantes, esta surgiu de uma amostragem por conveniência, consequência dos contactos pessoais estabelecidos pela investigadora, aquando de uma experiência de voluntariado na cidade em questão entre 2021 e 2022. Houve vários critérios que definiram a escolha dos participantes, sendo eles:

- Jovem entre 20 e 25 anos de idade oriundo da Síria e a viver atualmente em Gaziantep;
- Saída da Síria para Gaziantep entre 2011 e 2015;
- Dois participantes do sexo masculino e dois do sexo feminino;
- Nível de inglês avançado.

O facto de a mudança de país ter ocorrido numa etapa da vida crucial à formação das personalidades dos jovens, atualmente com idades compreendidas entre os 20 e 25 anos, este foi um critério fundamental na escolha da faixa etária proposta. A escolha dos jovens deu-se pela facilidade de comunicação e acesso da investigadora a esses indivíduos, devido ao trabalho de voluntariado realizado em Gaziantep e também à já existente relação de confiança com alguns dos jovens a investigar.

Os anos iniciais do conflito sírio foram aqueles em que houve um maior fluxo migratório de sírios para a Turquia (Republic of Türkiye Ministry of Interior, 2022) e em que o país e cidade de acolhimento tiveram de criar estratégias para a sua integração. Sendo assim, a saída da Síria para Gaziantep entre 2011 e 2015 foi também um dos critérios usados para a escolha dos participantes.

Quanto à escolha do género dos entrevistados, de maneira a abranger ambos os sexos, escolheram-se dois participantes do sexo masculino e dois do sexo feminino, para que houvesse igualdade no número de jovens de cada sexo.

O nível avançado de inglês foi decisivo para a escolha dos participantes, por permitir que se pudessem expressar de forma clara e perceptível e a comunicação com a investigadora fosse fluída. A existência de tradutor da língua materna dos jovens (árabe) para o inglês considerou-se que seria um entrave à investigação, pois, a presença de um elemento externo poderia causar constrangimentos no jovem e na informação passada (Goetz & Lecompte 1988: 114 *apud* Silva, 2013: 4). Deste modo, optou-se por não se utilizar uma pessoa

que fizesse a tradução e eleger apenas participantes cujo nível de inglês fosse avançado.

Apesar de não ter sido um critério fundamental na seleção dos participantes, procurou-se ter variedade quanto à atual documentação e estatuto dos jovens em Gaziantep. Dois dos selecionados obtiveram a cidadania turca após terem tido inicialmente a autorização de residência, e dois dos jovens têm o estatuto de proteção temporária.

Os primeiros contactos decorreram em novembro de 2022, aquando de uma visita da investigadora a Gaziantep, onde os participantes foram abordados pessoalmente quanto ao seu interesse em participar no estudo. Após este contacto inicial, a investigadora contactou novamente os jovens em agosto de 2023, através do WhatsApp, para agendamento das entrevistas e respetiva realização.

Inicialmente, era vontade da investigadora realizar as histórias de vida de quatro jovens, como referido anteriormente, pelo que se escolheu um quarto participante dentro dos critérios estabelecidos e se realizou o respetivo contacto com o mesmo que, no momento, aceitou a sua participação na investigação. Quando se tentou agendar entrevista, a jovem desistiu, argumentando que não tinha disponibilidade para tal. Conseguiu-se um outro participante disponível que, após contacto, se mostrou interessado em participar. No entanto, no momento da primeira entrevista o jovem não compareceu, nem voltou a contactar com a investigadora, não tendo apresentado o motivo para a sua desistência. Apesar de ter havido tentativas de substituição, a necessidade de fluência em inglês dificultou o processo, tendo-se optado pela realização de apenas três histórias de vida, por se considerar não comprometer os objetivos propostos.

#### **3.1.1.2.2. Procedimentos de recolha e entrevistas**

Em relação às entrevistas com os jovens, o objetivo da sua realização era reconstruir as suas trajetórias de vida, desde a infância na Síria ao percurso até à Turquia e chegada a Gaziantep, a integração na cidade e dificuldades associadas à mesma, assim como as perspetivas de regresso ao país de origem.

Procurou-se com os jovens, se possível, realizar as entrevistas em dois momentos diferentes - o primeiro focado na vida e memórias na Síria e respetiva saída e travessia até à Turquia, e o segundo na integração em Gaziantep e possibilidade de regresso à Síria.

Realizaram-se entrevistas semiestruturadas com recurso a um guião de entrevista previamente organizado, com perguntas abertas que permitissem ao entrevistado contar a sua história com as próprias palavras, partindo da sua experiência pessoal. Este guião estava dividido em cinco temas principais – vida e memórias na Síria, percurso até à Turquia, chegada a Gaziantep, integração e dificuldades em Gaziantep, regresso à Síria.

Devido à impossibilidade da investigadora se deslocar a Gaziantep, pela distância geográfica e incompatibilidade com a sua vida profissional, optou-se pela realização das entrevistas à distância, através do uso de plataformas online. “The technological changes in growth of the Internet have developed the experience of online interviewing in qualitative inquiry and have reduced the problems related to face-to-face interviews”<sup>118</sup> (Janghorban et al., 2014: 1).

Uma das dificuldades a apontar durante as entrevistas foi precisamente o facto de terem sido todas realizadas à distância, através destas plataformas. Isto fez com que houvesse algumas falhas na ligação ao longo das entrevistas, levando a ser necessário tentar a conexão diversas vezes e repetir informação. Para além disso, o facto de numa chamada de vídeo apenas ser visível a cara do participante dificultou a leitura da sua expressão corporal.

Semi-structured interviews especially the online ones can be challenging for researchers because all the visual and non-verbal cues (facial expressions, gestures, body language) which can help to contextualize the interview in a face-to-face scenario are lost<sup>119</sup> (Al Balushi, 2016: 726).

Todas as entrevistas foram gravadas, com o consentimento dos participantes, recorrendo à plataforma Zoom, ou através de um gravador externo.

---

<sup>118</sup> Tradução livre da autora: “As mudanças tecnológicas no crescimento da Internet desenvolveram a experiência de entrevistas online em investigação qualitativa e reduziram os problemas relacionados com entrevistas presenciais” (Janghorban et al., 2014: 1).

<sup>119</sup> Tradução livre da autora: As entrevistas semiestruturadas, especialmente as online, podem ser um desafio para os investigadores porque todas as pistas visuais e não-verbais (expressões faciais, gestos, linguagem corporal) que podem ajudar a contextualizar a entrevista num cenário presencial são perdidas. (Al Balushi, 2016: 726).

“In using the web camera, the interaction will be comparable to the onsite equivalent for the presence of nonverbal and social cues”<sup>120</sup> (Janghorban et al., 2014: 1). A investigadora realizou, de seguida, a transcrição das entrevistas para posterior construção das histórias de vida e respetiva análise de conteúdo.

No início da primeira entrevista com cada jovem foram esclarecidos os objetivos, teor e intuito da investigação, assim como obtido consentimento na utilização da informação e gravação da entrevista. Os jovens foram ainda lembrados da participação voluntária no estudo, pelo que seria sua decisão se, em qualquer momento da entrevista, quisessem parar a mesma ou não falar sobre um determinado tema. A confidencialidade dos participantes e dos dados obtidos foi garantida, principalmente na utilização de nomes fictícios, apenas tendo sido partilhada a informação consentida por eles.

Ethical issues are considered the same as in face-to-face and online interviews. Researchers obtain informed consent by online, email, or posted forms and all participants are fully aware of audio or video recordings interviews can be recorded by a separate recorder or computer-based recording software and then transcribed<sup>121</sup> (Janghorban et al, 2014: 1).

Ao longo das entrevistas, a investigadora teve sempre presente o facto de estar a trabalhar com um grupo vulnerável, cujo percurso de vida podia ter sido traumático para a pessoa em questão. Foi importante respeitar a vontade dos entrevistados em responder ou falar sobre os temas abordados, sem pressionar os participantes a fazê-lo.

Foram realizadas duas entrevistas com Maya, a jovem do sexo feminino, nos dias 1 de setembro de 2023 e 4 de setembro de 2023, ao final do dia. Devido à separação dos temas a abordar (a primeira entrevista foi focada na vida e memórias na Síria, e a segunda na vida na Turquia e integração em Gaziantep), a

---

<sup>120</sup> Tradução livre da autora: “Ao usar a *webcam*, a interação será comparável ao equivalente no local pela presença de sinais não-verbais e sociais” (Janghorban et al., 2014: 1).

<sup>121</sup> Tradução livre da autora: As questões éticas são consideradas as mesmas das entrevistas presenciais e online. Os pesquisadores obtêm consentimento informado por meio de formulários online, email ou postados e todos os participantes estão plenamente cientes das gravações de áudio ou vídeo. As entrevistas podem ser gravadas por um gravador separado ou software de gravação de computador e depois transcritas. (Janghorban et al, 2014: 1).

primeira entrevista apresenta uma duração mais curta, devido às poucas memórias que a jovem tem do país de origem.

A primeira entrevista foi feita e gravada através da plataforma Zoom e teve uma duração de vinte e sete minutos. Houve uma dificuldade inicial em conectar o áudio da chamada, o que causou frustração tanto na investigadora como na entrevistada. De modo a não comprometer mais a entrevista e o tempo da jovem, após várias tentativas optou-se por fazer a entrevista apenas com recurso ao áudio e com a câmara desligada. Houve também diversas falhas na conexão e a necessidade de se pedir à entrevistada para repetir o que já tinha dito anteriormente, o que pode ter implicado desconforto e insatisfação na jovem.

De forma a contornar os constrangimentos da primeira entrevista, na segunda optou-se pelo uso da plataforma WhatsApp e esta teve a duração de cinquenta e nove minutos. Realizou-se uma chamada com vídeo e áudio e recorreu-se a um gravador de áudio externo, para gravação da entrevista. Ao longo da mesma sentiu-se uma maior vontade e confiança da entrevistada, pensa-se que pela utilização do vídeo.

Com Mazen, o jovem mais novo do sexo masculino, apenas foi possível a realização de uma única entrevista, devido à sua falta de disponibilidade. Esta entrevista foi feita no dia 16 de setembro de 2023, recorrendo a uma chamada de vídeo no WhatsApp e um gravador de áudio externo e teve a duração de cinquenta e dois minutos. Apenas nos primeiros quinze minutos da entrevista Mazen fala das memórias na Síria, não detalhando muito esta fase da sua vida.

As últimas entrevistas foram as de Mustafa, realizadas a 27 de setembro e 6 de novembro de 2023. Houve alguma dificuldade em conseguir um horário compatível para a realização das mesmas, pois, por duas vezes, o jovem esteve ausente do país, dificultando o agendamento da entrevista. A primeira entrevista teve a duração de uma hora e vinte minutos, através da plataforma Zoom. Houve um corte após os primeiros quarenta minutos, mas rapidamente se iniciou uma nova chamada, não havendo constrangimentos. A segunda entrevista foi feita através de uma chamada de WhatsApp e com um gravador externo, apenas com recurso ao áudio, a pedido do jovem, e durou cerca de vinte e três minutos.

É de salientar as diferenças socioculturais entre a investigadora e os investigados, apesar de não se ter considerado um grande obstáculo pela prévia relação de confiança existente com os participantes. Apenas por se encontrarem em países diferentes foi necessário um maior cuidado no agendamento das entrevistas, devido à diferença no fuso horário.

O facto de as entrevistas não terem decorrido na língua nativa dos envolvidos pode ter dificultado a comunicação e expressão de ideias, devido principalmente à barreira linguística.

Em determinados momentos das entrevistas, sentiu-se pouca disposição ou à vontade do participante em abordar certos temas, pela falta de memórias e capacidade de reflexão quanto às perguntas colocadas.

### **3.1.1.3. Procedimentos de análise**

Por se tratar de um estudo qualitativo com dados predominantemente descritivos (Bogdan & Biklen, 1994), recorreu-se à análise da informação recolhida nas entrevistas utilizando a técnica de análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977), com as três fases definidas pelo autor: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Foi necessária a leitura das transcrições das entrevistas, de forma a “estabelecer contacto com os documentos a analisar e conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (Bardin, 1977: 126). Após as leituras e estudo da informação recolhida, elaborou-se a história de vida de cada jovem seguindo uma ordem cronológica, desde a infância até ao momento atual, evidenciando a experiência única e individual de cada um dos participantes.

A análise de conteúdo permitiu à investigadora submeter os dados recolhidos e as histórias de vida a um processo de categorização, descobrindo as categorias de análise relevantes e a relação entre as mesmas nas diferentes etapas das vidas dos jovens.

Inicialmente, as histórias de vida foram analisadas individualmente, assinalando em cada uma os diferentes eixos temáticos, através da repetição de palavras. Identificaram-se cinco categorias principais e doze subcategorias: vida e memórias na Síria (vida familiar; situação escolar e rotinas; mudanças e rotinas

após o início dos conflitos; dificuldades), travessia para a Turquia (decisão e planeamento da travessia; travessia; dificuldades ao longo do percurso), vida e integração em Gaziantep (escolha de Gaziantep como nova cidade; integração em Gaziantep – sentimentos à chegada, apoios à chegada, aprendizagem da língua, situação escolar e acesso à universidade, situação laboral, documentação, relações sociais e vida quotidiana, dificuldades na integração, fatores fundamentais para uma boa integração), comparação entre a Síria e a Turquia (perceção do país e sociedade de acolhimento; comparação entre Gaziantep e Alepo) e regresso à Síria (desejo e condições necessárias para o regresso).

Tendo em conta o cerne da investigação ser sobre a integração de jovens sírios em Gaziantep, este foi o tema cujo conteúdo se analisou de forma mais exaustiva e aprofundada. As categorias relacionadas com este tema focaram-se nos quatro domínios sugeridos por Ager e Strang (2008: 70) como fatores chave da integração de refugiados: realização e acesso ao emprego, habitação, educação e saúde; conexão social com a sociedade de acolhimento; conhecimento cultural e da língua, e o ambiente local; e direitos e cidadania. Foram desenvolvidos os tópicos de grande importância à integração, como a educação, mercado laboral e aprendizagem da língua (Ager & Strang, 2008: 170).

Em simultâneo com a análise individual das histórias de vida e já após categorização do conteúdo, procurou-se perceber as diferenças e as similaridades entre os percursos e experiências dos jovens.

Os dados foram analisados num contexto interpretativo, de forma a compreender o contexto de integração em que os jovens se encontram, através da partilha das próprias experiências e histórias de vida.

#### 4. HISTÓRIAS DE VIDA DE JOVENS REFUGIADOS SÍRIOS EM GAZIANTEP, TURQUIA

No presente capítulo serão apresentadas as histórias de vida de três jovens refugiados sírios provenientes de Aleppo, no norte da Síria, que vivem atualmente na cidade de Gaziantep, na Turquia. Um dos jovens é do sexo feminino, enquanto os restantes dois são do sexo masculino.

Iniciando com uma apresentação geral do jovem em questão, as histórias de vida seguirão uma ordem cronológica, desde as memórias de infância e a vida na Síria, ao percurso até à Turquia e a chegada e vida em Gaziantep. As histórias de vida irão focar ainda em temas abordados ao longo das entrevistas, relacionados com a integração dos jovens em Gaziantep – situação laboral, escolar, documentação, dificuldades, discriminação e perspetiva em relação ao país e sociedade de acolhimento.

Este estudo é focado em casos únicos, nos quais a informação foi diretamente recolhida dos sujeitos na primeira pessoa, convidados a relembrar o seu passado, reconstruir narrativamente e refletir sobre os sentimentos associados ao seu percurso de vida – “os pesquisados são considerados fontes de saber e parceiros no processo da construção da realidade” (Silva, 2013: 4).

A história de vida foi usada como método principal de recolha de dados, sendo contada consoante a perspetiva de vida do jovem em questão, ao envolvê-lo emocionalmente no seu trajeto (Brandão, 2007: 1). “A investigação qualitativa valoriza as práticas de recolha de informação e os modos de construção subjetiva da realidade” (Silva, 2013: 3).

Cada um dos casos mostra uma história única, pessoal e intimista que reflete não só o contexto histórico e social da Síria, como também parte do contexto migratório da última década dos refugiados sírios na Turquia. São relatos providos de afetividade própria e não apenas uma descrição dos eventos ocorridos (Brandão, 2007: 2). “Studying an individual biography does not bring with it the isolated individual, but rather an awareness of the individual in society”<sup>122</sup> (Elliott, 2005: 39).

---

<sup>122</sup> Tradução livre da autora: “Estudar uma biografia individual não traz consigo o indivíduo isolado, mas sim uma consciência do indivíduo na sociedade” (Elliott, 2005: 39).

#### **4.1. Características dos jovens**

A presente investigação realizou-se com três jovens, dois do sexo masculino e uma do sexo feminino.

À data das entrevistas, realizadas entre setembro e novembro de 2023, os jovens tinham idades compreendidas entre os vinte e dois e vinte e quatro anos. Os três jovens são muçulmanos e praticam a religião, cumprindo também o Ramadão.

São provenientes da cidade de Aleppo, no norte da Síria, perto da fronteira com a Turquia e mudaram-se para Gaziantep entre 2013 e 2015. A jovem do sexo feminino (Maya) chegou em 2013, o jovem de vinte e três anos (Mazen) chegou em 2014, e o jovem mais velho (Mustafa) em 2015.

Todos os jovens frequentavam a escola, no ensino médio, aquando na Síria. Atualmente, o jovem mais velho é licenciado, a jovem do sexo feminino encontra-se a frequentar a universidade, e o outro jovem apenas tem o 9º ano de escolaridade. Ambos os jovens do sexo masculino trabalham no campo humanitário, e a jovem do sexo feminino é estudante universitária.

Viviam com as famílias em Aleppo, mas dois deles viram as suas famílias separarem-se após o início dos conflitos. Num destes casos, o pai foi antes para Gaziantep procurar emprego (Maya) e, no outro (Mustafa), os dois irmãos saíram antes da Síria para reunir condições para o retirar do país, tendo ido um para o Egito e, mais tarde, para a Turquia e o outro diretamente para a Turquia. Todos tinham já algum familiar em Gaziantep aquando da mudança, tendo sido para eles a primeira opção de deslocação quando deixaram a Síria.

A jovem do sexo feminino (Maya) e o rapaz mais novo (Mazen) vivem com os pais e irmãos no centro de Gaziantep, enquanto o jovem mais velho (Mustafa) apenas vive com a mãe quando está em Gaziantep ou sozinho quando está na cidade de Mersin.

Os três jovens realizaram a travessia de forma legal e eram portadores de passaporte sírio. Maya e Mustafa têm a cidadania turca, e o outro jovem (Mazen) o estatuto de proteção temporária.

## **4.2. Maya**

### **4.2.1. Características sociodemográficas**

Maya é uma jovem síria com vinte e dois anos à data de realização das entrevistas, em setembro de 2023, originária da cidade de Aleppo. Vive em Gaziantep há 10 anos, desde 2013, com os seus pais, um irmão e uma irmã mais novos e tem a cidadania turca.

O seu pai é gerente de vendas e a sua mãe era professora na Síria, trabalhando atualmente numa ONG. Em relação à escolaridade dos progenitores, não faz qualquer referência. Maya frequenta atualmente a Universidade de Gaziantep.

É muçulmana e pratica o Ramadão.

### **4.2.2. História de vida**

Apesar de apenas recordar episódios soltos da sua vida na Síria, Maya diz ter tido uma infância feliz, uma vida normal, em que ia à mesma escola onde a sua mãe era professora. Recorda viajar para outras cidades dentro do país, como Lataquia, junto ao mar, e de ir a casa dos avós todos os fins de semana.

Quando os conflitos na Síria começaram e chegaram ao seu bairro, Maya tinha onze anos e eram férias de verão. Mudou-se durante oito meses com a família para o interior do país e, durante esse tempo, o seu pai foi para a Turquia à procura de emprego.

Apesar de no seu país e à sua volta tudo estar transformado, o facto de ser ainda criança tornou a adaptação mais fácil a todas as mudanças - “As a kid, you know, kids most of the time they don't pay attention or focus that much about what's going on around and especially in that age”<sup>123</sup>.

Após as férias de verão terem terminado, foi inscrita na escola da zona onde se encontrava e aí ficou até deixar o país, enquanto o seu pai continuava à procura de emprego em Gaziantep. Desde o interior foi de carro até Aleppo e daí seguiu para Gaziantep, juntamente com a mãe e os dois irmãos mais novos. Era

---

<sup>123</sup> Tradução livre da autora: “Como criança, sabes, as crianças na maioria das vezes não prestam atenção ou não se focam muito naquilo que está a acontecer à sua volta, especialmente nessa idade”.

2013 e, nessa altura, era fácil entrar na Turquia, apesar dos diversos *checkpoints* ao longo do caminho e na fronteira. Maya considera-se uma sortuda por ter ido de forma legal. Tanto ela como a sua mãe e irmãos tinham passaporte, e a entrada foi facilitada, pois, nos primeiros anos da guerra a Turquia tinha uma política de portas abertas que permitia a entrada dos sírios.

Quando aí chegaram, o seu pai já se encontrava a trabalhar em Gaziantep. Foi ele quem tomou a decisão da mudança, e Maya considera que foi a decisão mais acertada pois, caso contrário, não sabe se ainda estariam vivos. Apesar disto, sentiu tristeza quando deixou o seu país. Sabia que era uma decisão permanente visto que, quando se mudaram para o interior, deveria ter sido por apenas um curto espaço de tempo e não o foi – “And now I found out that it ended up being eleven years”<sup>124</sup>. Logo após a sua chegada, o seu pai começou a preparar os documentos necessários para que toda a família pudesse obter a residência permanente e, mais tarde, a cidadania turca.

Quando questionada do porquê de se terem mudado para a Turquia, Maya diz que a proximidade entre as duas cidades foi um fator fundamental na decisão – “coming here from Aleppo, it's very easy, it's very fast and it's a neighbor country, it's very close”<sup>125</sup>. Aponta também a familiaridade prévia com a cidade, pois, já não era a primeira vez que a visitava, assim como as semelhanças entre Alepo e Gaziantep, principalmente na zona do castelo.

Em relação à mudança de país, não considera ter sido uma mudança difícil para si – “I'm always saying I was very lucky when I came here because I didn't suffer at all”<sup>126</sup>. Como viveu pouco tempo na Síria e não tem muitas memórias da sua cidade de origem, não sentiu ter problemas na adaptação quando chegou, pois, era também uma criança.

Ao chegar a Gaziantep era o final do semestre na Turquia, e foi difícil encontrar uma escola turca onde se pudesse inscrever, pois sempre lhe era dito que apenas seria possível no ano seguinte. Acabou por ser inscrita numa escola árabe, os chamados TECs (Temporary Education Centres – Centros Temporários

---

<sup>124</sup> Tradução livre da autora: “E agora descobri que acabaram por ser onze anos”.

<sup>125</sup> Tradução livre da autora: “Vir aqui desde Alepo é muito fácil, muito rápido e é um país vizinho, é muito perto”.

<sup>126</sup> Tradução livre da autora: “Eu digo sempre que tive muita sorte quando cheguei aqui porque não sofri nada”.

de Educação) e, por isso, diz que não sentiu dificuldades na integração. As pessoas eram árabes, do mesmo país, e o currículo era o mesmo que se ensinava na Síria, apenas com ligeiras modificações. “Everything changed for the people staying in there. But for me life I think didn't change that much”<sup>127</sup>. Passava a maior parte do seu tempo entre a casa e a escola e, em ambos os lugares, falava árabe e contactava com a sua cultura, o que facilitou a chegada ao novo país.

Nos seus últimos quatro anos do ensino secundário, ainda na escola árabe, o governo decidiu cancelar as aulas de história e geografia e reduzir o horário de matemática, física e química para dar lugar às aulas de turco, onde tinham cerca de quinze horas semanais para aprenderem a língua. Não se lembra como aprendeu, pois, o nível na escola era demasiado básico para si, mas fala turco, apesar de não se considerar fluente.

Foi no seu último ano do secundário que o governo decidiu fechar as escolas árabes e integrar os jovens sírios no ensino turco. Como estava no último ano, o seu ano foi o único ao qual foi permitido acabar o curso ainda na escola árabe. Caso não passasse, iria para uma escola turca no ano seguinte. Maya diz que foi uma boa decisão pois, deste modo, os estudantes sírios podem imergir na cultura turca e aprender melhor o idioma. Acha, no entanto, que foi injusta a maneira rápida como esta passagem ocorreu. Todos os estudantes de qualquer idade, mesmo que não tivessem um bom nível de turco, viram-se obrigados a integrar este ensino.

No caso do seu irmão mais novo, este encontrava-se no último ano do ensino básico, no qual os alunos têm de realizar um exame que define a área de estudo que seguirão no futuro. Sente que o irmão e os seus colegas saíram prejudicados com esta mudança, pois, os seus níveis de turco não eram suficientes para obterem bons resultados nos exames.

Após ter terminado o ensino secundário, esteve um ano a preparar-se para os exames de admissão à universidade. Fala de dois exames diferentes, o YÖS (Foreign Student Examination – Exame de Estudante Estrangeiro) e o SAT (Scholastic Aptitude Test - Teste de Aptidão Escolar), este último apenas aceite

---

<sup>127</sup> Tradução livre da autora: “Tudo mudou para as pessoas que ficaram lá. Mas para mim, acho que a vida não mudou muito”

num número limitado de universidades na Turquia. Maya optou pelo primeiro exame, tendo estado dez meses a preparar-se para tal.

Foi aceite, inicialmente, no departamento de Química numa cidade diferente. Como não era o que queria, repetiu o exame e, em 2021, foi aceite na Universidade de Gaziantep. “But it's very hard to get accepted in any department”<sup>128</sup>. O exame que realizou é apenas destinado a estudantes estrangeiros e a competição, devido ao reduzido número de lugares e ao grande número de sírios no país, é alta – “for every nationality there's a specific number of seats”<sup>129</sup>. Os estudantes turcos têm um exame de acesso diferente, apenas com as matérias que estudam ao longo do ensino básico e secundário.

Maya diz que, antes de 2019, os sírios e os palestinianos estavam isentos de pagar propinas nas universidades públicas, mas a partir desse ano, todos os estudantes estrangeiros foram obrigados a pagar.

Foi apenas quando começou a universidade que começou a sentir-se diferente. Em relação aos alunos de outros países, não sentia que houvesse distinções, principalmente quando eram oriundos da Europa. Quanto a si, sentia maus olhares por parte dos colegas e professores quando descobriam que é síria – “sometimes I can feel the racism, or you can feel that the people around you are racist, especially when they know that you are from Syria. They can treat you very good until they discover that you are from Syria”<sup>130</sup>.

Salienta as dificuldades vividas especialmente no ano decorrente, devido às eleições na Turquia, e a discriminação da sociedade turca para com os estrangeiros.

It's just a very very hard year for all the refugees or all the people who are not turkish and are living in Turkey. It's not only related to the Syrian refugees; they hate all the refugees or all the people they're not from Turkey.<sup>131</sup>

---

<sup>128</sup> Tradução livre da autora: “Mas é muito difícil ser aceite em qualquer departamento”

<sup>129</sup> Tradução livre da autora: “Para cada nacionalidade, há um número específico de vagas”

<sup>130</sup> Tradução livre da autora: “Às vezes consigo sentir o racismo, ou podes sentir que as pessoas ao lado são racistas, especialmente quando sabem que és da Síria. Podem-te tratar muito bem até descobrirem que és da Síria”.

<sup>131</sup> Tradução livre da autora: “É apenas um ano muito, muito difícil para todos os refugiados ou todas as pessoas que não são turcas e vivem na Turquia. Não está apenas relacionado com os

Um dos momentos que menciona foi quando uma das professoras na universidade, que até então pensava que ela era da Jordânia, descobriu que é síria e, desde aí, as suas notas desceram. Outro professor, na aula de apresentação, disse a uma amiga sua síria para não esperar ter as perguntas dos exames traduzidas para inglês, pois era seu problema se ela não conseguisse falar turco. Sente uma grande injustiça por parte de pessoas que, segundo ela, são um exemplo e deveriam ser justos para todos, independentemente do país de origem ou cor da pele.

Após os colegas saberem que é síria, sentia que olhavam para si como se ela fosse inferior – “when they know that I'm from Syria, they give me this look that I cannot be like them”<sup>132</sup>. Agora, diz não se sentir discriminada, porque parou a comunicação com os colegas e evita ao máximo estar com eles fora do necessário no ambiente escolar – “I don't feel discriminated because I'm not communicating with my classmates. I just try to avoid them”<sup>133</sup>.

Apesar de saber que o governo turco fornece alguns apoios à população refugiada, a sua família nunca recebeu nenhum. Estes apoios, no entanto, considera que são insuficientes, devido à má situação económica em que se encontra o país. Em relação ao ensino universitário, diz que há apenas duas bolsas de estudo destinadas a estudantes estrangeiros, uma delas especificamente para estudantes sírios.

Na sua integração na cidade, Maya não sentiu que ser mulher tivesse tido qualquer influência, nem positiva nem negativamente. Considera sim, que o facto de ainda ser criança durante os primeiros anos na Turquia facilitou a integração, pela maior capacidade de adaptação que as crianças têm a novos ambientes.

Para uma boa integração na Turquia considera fundamental aprender a língua do país – “You have to learn the language because the language is the barrier, especially in Turkey”<sup>134</sup>. O falar turco fluentemente, sem cometer erros no

---

refugiados sírios; eles odeiam todos os refugiados ou todas as pessoas que não são da Turquia”

<sup>132</sup> Tradução livre da autora: “Quando eles sabem que eu sou da Síria, eles dão-me este olhar como se eu não pudesse ser como eles”

<sup>133</sup> Tradução livre da autora: “Eu não me sinto discriminada porque não comunico com os meus colegas de turma, eu simplesmente tento evitá-los”

<sup>134</sup> Tradução livre da autora: “Tu tens de aprender a língua porque a língua é a barreira, especialmente na Turquia”

som das vogais, é para si o mais importante, pois, diz que os turcos se sentem ofendidos quando algum estrangeiro não o faz, ou mesmo quando alguém fala com eles em árabe ou inglês. “You have to learn the language because it's the most important thing”<sup>135</sup>. Caso contrário, na Turquia, ninguém fará o esforço para entender quem não fale a sua língua – “they don't try to understand what you are saying, they just ignore, they don't try to understand the situation”<sup>136</sup>.

Para si é também importante o respeito mútuo e a adaptação ao novo país e cultura onde se encontra, assim como fazer novas amizades. Tem amigos tanto turcos como sírios, mas considera que tem mais amigos sírios, talvez devido aos anos em que estudou na escola árabe e com os quais ainda mantém contacto. Sente que, por vezes, ser síria faz diferença quando conhece pessoas novas, que a julgam quando diz a alguém de onde é. Recorda um momento em que uma colega lhe perguntou, de forma rude, há quanto tempo vivia em Gaziantep, se tinha casa ou carro – “she wants to know because I'm a Syrian and I am a refugee, you know, I don't have the right to make any progress in life”<sup>137</sup>.

Acha que a sociedade de acolhimento vê os sírios apenas como refugiados e como pessoas que não podem nem têm o direito a ser bem-sucedidas. Pensam que foi escolha deles deixar o seu país e começar uma vida do zero, sem empatia para com alguém que foi forçado a fugir de uma guerra. “And all they're saying is that we are living on their taxes”<sup>138</sup>, pois pensam ainda que os apoios dados aos refugiados são pagos com os seus impostos. “All the time they are thinking we are illiterate, ignorant people, we are uncivilized, and we do not do anything in here, just refugees”<sup>139</sup>.

Em relação ao mercado de trabalho, “they think that you are stealing their job”<sup>140</sup>, devido ao facto de os empregadores contratarem quatro sírios em vez de um turco, por serem mão de obra mais barata – “they're just bringing four syrians

---

<sup>135</sup> Tradução livre da autora: “Tens de aprender a língua porque é a coisa mais importante”

<sup>136</sup> Tradução livre da autora: “Eles não tentam compreender o que estás a dizer, apenas ignoram, não tentam perceber a situação”

<sup>137</sup> Tradução livre da autora: “Ela quer saber porque eu sou síria e sou uma refugiada, sabes, não tenho o direito de progredir na vida”

<sup>138</sup> Tradução livre da autora: “E tudo o que eles dizem é que vivemos dos seus impostos”

<sup>139</sup> Tradução livre da autora: “Todo o tempo eles pensam que somos analfabetos, pessoas ignorantes, incivilizados e que não fazemos nada aqui, somos só refugiados”

<sup>140</sup> Tradução livre da autora: “Eles pensam que estás a roubar o seu trabalho”

instead of one turkish worker”<sup>141</sup>. Não acha que isto é culpa dos refugiados, pois estes apenas procuram um trabalho que lhes permita sobreviver com o mínimo de dignidade, independentemente de não terem contrato de trabalho ou seguro, dos baixos salários ou horas laborais excessivas.

These people say «I don't want to work with a contract, I don't want to work with insurance. I just want to have the basic money to have the basic things in life, what I really need to keep going on in life and to not go in the streets and beg for money»<sup>142</sup>.

Os sírios que têm cidadania turca terão contrato e seguro de trabalho, mas na maioria das vezes apenas recebem o salário mínimo, apesar de horas extras trabalhadas. “These working hours cannot be comparable to what you are getting, the salary with the working hours, it's never gonna be enough because you're working for very long hours and you're getting something very basic”<sup>143</sup>. Os indivíduos apenas com o documento de proteção temporária trabalham sem condições e sem documentos, e os empregadores não irão gastar dinheiro com eles para lhes dar os vistos de trabalho necessários.

Maya obteve a cidadania turca através da sua mãe, que era professora. O governo dá a cidadania a professores, médicos, a quem compra imóveis ou tem uma empresa com um determinado valor monetário. Também aos estudantes universitários pode ser dada, após ser feita uma seleção aleatória e entrevista com o estudante, mesmo se for portador do documento de proteção temporária, como aconteceu a alguns dos seus amigos sírios.

Sente-se sortuda pois tem a cidadania turca, o que lhe permite mover-se livremente entre as cidades, contrariamente aos refugiados sírios apenas com proteção temporária, que necessitam de uma autorização do governo para tal. Os beneficiários do estatuto de proteção temporária não podem sair da cidade onde

---

<sup>141</sup> Tradução livre da autora: “Eles apenas trazem quatro sírios em vez de um trabalhador turco”

<sup>142</sup> Tradução livre da autora: “Estas pessoas dizem «Eu não quero trabalhar com contrato, eu não quero trabalhar com seguro. Eu só quero dinheiro suficiente para ter as coisas básicas na vida, aquilo que preciso mesmo para continuar a minha vida e não ir para as ruas implorar por dinheiro»”

<sup>143</sup> Tradução livre da autora: “Estas horas laborais não podem ser comparadas com o que se recebe, o salário com as horas de trabalho, nunca vai ser suficiente, pois estás a trabalhar por muitas horas para receber algo muito básico”

se encontram sem permissão, mesmo sendo uma deslocação curta de, por exemplo, cinquenta quilómetros, como de Gaziantep à cidade vizinha de Kilis.

Apesar disso, para si, a cidadania é uma fachada, pois sente que nunca será totalmente aceite pela sociedade de acolhimento – “they are never going to accept anyone if they're not like them (...). It's not only related to the students or in the college, it is related to everyone”<sup>144</sup>. Mesmo nos edifícios governamentais, os funcionários ao verem que a sua cidadania é uma exceção já chegaram a fazer comentários negativos por não ser “a pure Turkish citizen”<sup>145</sup>.

Recorda outros momentos em que ouviu turcos a falarem mal de si à sua frente e a julgá-la, ao pensarem que não percebia turco. Num momento vivido no metro, uma mulher começou a falar mal dos sírios e acusou-a de trair o seu país por o ter deixado, apesar de ainda ser uma criança quando o fez. Considera que o que está a fazer agora é mais importante – “For me what I'm doing right now is saving my country as long as I'm studying and I'm saying that I want to go back”<sup>146</sup>. Apesar de alguns maus episódios, recorda também um momento em que um senhor lhe pediu ajuda com o telemóvel e, após perguntar de onde era, lhe disse “all of us we're brothers and sisters. It does not matter where we're from”<sup>147</sup>.

Para Maya, a xenofobia na Turquia para com todos os estrangeiros tem vindo a piorar, principalmente após as eleições que ocorreram em maio de 2023.

It does not matter where you're from. Egypt? They got beat. Libya? It's the same. Syrians? They were just going to some Syrian restaurants and crashing everything or putting everything on the floor and saying, «this my country, I don't want to have this thing in my country».<sup>148</sup>

Tem amigos em Istambul que constantemente são abordados pelas forças policiais e lhes pedem a identificação, tal como a todos os sírios, para os enviarem de volta ao seu país de uma forma que dizem ser “voluntária”.

---

<sup>144</sup> Tradução livre da autora: “Eles nunca vão aceitar ninguém que não seja como eles. (...) Não está apenas relacionado com os estudantes ou na universidade, está relacionado com toda a gente”.

<sup>145</sup> Tradução livre da autora: “Uma cidadã pura turca”.

<sup>146</sup> Tradução livre da autora: “Para mim, aquilo que estou a fazer agora está a salvar o meu país, desde que estou a estudar e a dizer que quero regressar”.

<sup>147</sup> Tradução livre da autora: “todos nós somos irmãos e irmãs. Não importa de onde viemos”.

<sup>148</sup> Tradução livre da autora: “Não importa de onde és. Egito? São espancados. Líbia? O mesmo. Sírios? Eles iam a alguns restaurantes sírios e partiam tudo, ou punham tudo no chão e diziam «este é o meu país, eu não quero ter estas coisas no meu país»”.

But who wants to go back to a country suffering from war and poverty for eleven years? Especially youth or people my age. Because if they're gonna go back to Syria and to the under-regime control areas they're going to take them for the military service. And if they go to the military service they will never go back. And you're never gonna see them again.<sup>149</sup>

Maya diz que gosta e não gosta de viver em Gaziantep. Gosta das semelhanças com a sua cidade de origem, Aleppo, de ser uma cidade pequena e calma e de viverem aí muitos sírios. Não gosta, no entanto, da discriminação que ali sente, em que até crianças pequenas falam mal de si por ser síria. Esta é uma das principais diferenças que aponta ao comparar Gaziantep e Aleppo, juntamente com a língua - “I don't feel we have this much racism between people from Syria and other parts”<sup>150</sup>. Em relação às semelhanças, fala da época do império otomano em que ambas as cidades faziam parte da mesma região e, por isso, a cultura, a culinária e mesmo a arquitetura da cidade têm muito em comum.

Atualmente vive em Gaziantep com os pais e os dois irmãos mais novos. O pai trabalha como gerente de vendas, e a mãe, que antes era professora e trabalhou também para as Nações Unidas, trabalha agora com a comunidade síria numa ONG. O seu irmão estuda na Universidade de Gaziantep, e a irmã está no primeiro ano da escola secundária.

Pensa que não quer ficar na Turquia para sempre. Desde que se mudou que queria voltar a mudar de país, idealmente para voltar à Síria, se a guerra acabar. Antes da guerra acabar é impossível para si voltar, por ser considerada uma traidora ao estar num país que não apoia o governo sírio e ter obtido essa cidadania. Nas áreas sob o controlo das forças de oposição, as pessoas vivem numa pobreza extrema e sem condições dignas de vida.

É muito importante para si, no futuro, voltar à Síria – “if I'm not gonna go back and know I'm gonna go back, who's going to build the country? Who would

---

<sup>149</sup> Tradução livre da autora: “Mas quem quer regressar a um país que sofre de guerra e pobreza nos últimos onze anos? Especialmente os jovens ou pessoas da minha idade. Porque se eles regressarem à Síria para as zonas sob o controlo do governo, eles vão levá-los para o serviço militar. E se eles forem para o serviço militar, eles nunca vão regressar. E tu nunca os voltarás a ver”.

<sup>150</sup> Tradução livre da autora: “Eu não sinto que nós temos todo este racismo entre as pessoas da Síria e de outros sítios”.

take care of the country? I feel it's gonna be selfish if I'm not going back”<sup>151</sup>.

Apenas caso tenha uma boa vida noutra país considera não voltar, mas ajudar através de donativos ou outra forma que beneficie o país.

Maya não se considera uma refugiada, pois, diz que não sofreu ao longo do seu percurso, nem durante os conflitos na Síria ou já na chegada à Turquia.

I'm not saying this because I don't like or I feel like the refugee word it's a bad word. Not at all. But I don't consider myself as a refugee because when we moved here, I didn't suffer. I feel this word is only for the people who really suffered.<sup>152</sup>

Diz que há boas e más pessoas em todo o lado, que o importante é o respeito mútuo.

In general, you can choose whatever you want in your life, it does not matter, your religion, your ideas, your thoughts, what do you believe in, what you do not believe, what do you support or do not support but you cannot choose your colour or your nationality, where you come from.<sup>153</sup>

Não esconde que sente saudades de ouvir árabe nas ruas e de poder falá-lo livremente, sem o julgamento das outras pessoas, e de visitar os avós ao fim-de-semana que ainda vivem na Síria, em Damasco.

### **4.3. Mazen**

#### **4.3.1. Caraterísticas sociodemográficas**

Mazen é um jovem que, em setembro de 2023, quando foi feita a sua entrevista, tinha vinte e três anos. É natural de Aleppo, na Síria, e vive na Turquia em Gaziantep desde abril de 2014, altura em que deixou o seu país, com os seus pais, um irmão mais velho e um irmão mais novo.

---

<sup>151</sup> Tradução livre da autora: “Se eu não vou voltar ou saber que vou voltar, quem irá reconstruir o país? Quem cuidaria do país? Eu sinto que vai ser egoísta se eu não regressar”.

<sup>152</sup> Tradução livre da autora: “Eu não digo isto porque não me sinto como ou sinto que a palavra refugiado é uma palavra má. De maneira nenhuma. Mas eu não me considero uma refugiada porque quando me mudei para aqui não sofri. Sinto que esta palavra é apenas para as pessoas que realmente sofreram”.

<sup>153</sup> Tradução livre da autora: “Em geral, podes escolher o que quer que seja na tua vida, não importa, a tua religião, ideias, pensamentos, aquilo em que acreditas, aquilo em que não acreditas, aquilo que apoias e o que não apoias, mas tu não podes escolher a tua cor ou nacionalidade, o sítio de onde vens”.

Tem o estatuto de proteção temporária e trabalha atualmente como educador numa ONG com a comunidade síria, assim como faz alguns trabalhos de marketing como *freelancer*.

O seu pai tem uma licenciatura em engenharia mecânica e trabalha como gestor financeiro, e a sua mãe é trabalhadora doméstica, com o 9º ano de escolaridade. É muçulmano, tal como a sua família, e pratica o Ramadão.

#### **4.3.2. História de vida**

As memórias de Mazen na Síria são de uma infância simples, de uma vida normal. O seu pai trabalhava e a mãe, como a grande maioria das mães sírias, cuidava da casa e dos filhos, garantindo que iam à escola. Frequentava uma escola pública e era bom nos estudos. Lembra-se de mudar de casa umas três ou quatro vezes e de sentir que isso o incomodava, pois, queria a estabilidade de não ter de trocar de escola. Desde bebé que todos fins-de-semana costumava ir à casa dos avós, onde brincava com os primos.

Todas as memórias de infância que tem diz terem sido passadas na casa dos avós. Não tinha amigos porque os seus pais não o deixavam brincar na rua com outras crianças, pelo que chegava a casa da escola e jogava computador ou via televisão.

Quando Mazen tinha onze anos, os conflitos na Síria começaram – “when I was ten or eleven years old the war started in my country, so things changed”<sup>154</sup>. Uns meses antes do início dos conflitos, os seus avós tinham mudado de casa, e a rotina de os irem visitar terminou, pois, viviam demasiado longe e numa zona perigosa.

Nessa altura, o seu pai deixou de trabalhar. Não sabe ao certo se se despediu ou o despediram e, até hoje, não entende como conseguiram gerir a situação económica da família. “The war was difficult”<sup>155</sup>. Deixaram a sua casa em Aleppo, colocaram todos os bens num armazém, que pensa ainda estarem no mesmo local, e mudaram-se para o interior do país para junto dos avós. Os

---

<sup>154</sup> Tradução livre da autora: “quando eu tinha dez ou onze anos a guerra começou no meu país, por isso as coisas mudaram”.

<sup>155</sup> Tradução livre da autora: “a guerra foi difícil”.

vizinhos dos avós tinham-se mudado para outro local, então Mazen e a sua família habitaram a sua casa durante um ano, “under bombing”<sup>156</sup>. Após esse ano mudaram-se para Tartus, junto ao mar, e depois regressaram ao interior de Aleppo para iniciarem a travessia até à Turquia.

Mazen não sentiu grande diferença quando a guerra começou, pois era apenas uma criança – “I wasn’t aware of how things were going until I grew up and I knew that my people were suffering a lot in my country”<sup>157</sup>. Ao crescer durante os tempos de guerra apenas via as coisas tornarem-se mais difíceis em termos económicos, e a incerteza em relação ao seu futuro aumentar.

Em 2014, a sua família decidiu mudar-se para a Turquia. Um dos seus tios já ali vivia e dizia que o custo de vida era barato, para além de que era suficientemente perto da Síria caso tivessem intenção de voltar um dia. Os seus pais disseram que se mudariam uns meses depois, e Mazen aguardava a ida ansiosamente, pois, ali “there is life”<sup>158</sup>. Mesmo com apenas treze ou catorze anos queria trabalhar para ajudar na situação económica da família e comprar um telemóvel novo, como diz que era a ambição de qualquer adolescente na altura.

Em abril de 2014, deixaram a sua casa no interior e regressaram às zonas sob o controlo do regime, para uma das casas dos avós. Na última semana no país mudaram-se para a casa de um tio, que ficava na rua principal entre o exército livre da Síria e as forças do regime. Lembra-se de, no último dia em Aleppo, haver um atirador do exército livre que disparava contra os civis e de ele, juntamente com a sua família, pegarem nas suas malas e atravessarem essa rua – “I just remember that in one second I was on the front door and I was in the back of the building”<sup>159</sup>.

Puseram as suas coisas num camião, saltaram para a parte de trás e dirigiram-se até à fronteira. A última noite foi passada no quarto de uma casa, e lembra-se de bombardeamentos pesados na vila vizinha, que não os deixou dormir toda a noite, devido também aos alarmes que soavam – “the new alarm

---

<sup>156</sup> Tradução livre da autora: “sob bombardeamentos”.

<sup>157</sup> Tradução livre da autora: “eu não tinha noção de como as coisas eram até crescer e descobrir que as minhas pessoas estavam a sofrer muito no meu país”.

<sup>158</sup> Tradução livre da autora: “há vida”.

<sup>159</sup> Tradução livre da autora: “eu só me lembro que num segundo eu estava na porta da frente e nas traseiras do edifício”.

and the Russians air jet, the new modern ones sound very scary and they just bomb in a second. So, you might die and don't even hear the bombing”<sup>160</sup>.

Na manhã seguinte as coisas estavam calmas.

So usually when they bomb a lot in the night, they stop in the morning so people can collect their stuff. I don't know why they do this. They don't kill people after they kill in the night. They don't shot<sup>161</sup>.

Juntamente com a sua família, Mazen teve de andar a pé durante uma hora a partir dessa vila, por não ser possível conduzir até à fronteira.

Como o seu pai não tinha passaporte teve de ir para a Turquia de forma ilegal, e a sua mãe foi parada num dos *checkpoints*, onde lhe disseram que o seu passaporte não era oficial, acabando por ficar presa na fronteira e cruzando mais tarde. Apenas estavam consigo os seus irmãos, o seu tio e a mulher grávida, e os avós – “So I was, you know, very scared”<sup>162</sup>.

Era abril, o tempo estava quente, e eles encontravam-se no deserto. Não se lembra de muitos detalhes, apenas que desejava ver a bandeira turca para finalmente se poder sentir a salvo. Foram até Kilis, uma cidade já na Turquia perto da fronteira, e daí apanharam um autocarro até Gaziantep. O tio vivia numa vila chamada Taşlıca, pequena e longe do centro da cidade, e Mazen sentiu-se desiludido quando aí chegou. Pensava que ia ver edifícios altos e modernos, como via na televisão – “we call it the heaven, the gods heaven on earth”<sup>163</sup>.

Diz que sofreu no primeiro mês na Turquia, principalmente devido ao choque e às expectativas que tinha antes da mudança. Toda a sua vida viveu em bons bairros na Síria, sem nunca enfrentar más condições de vida. Na casa do seu tio “there wasn't even painting on the wall. Nothing painted. It was a very dirty house”<sup>164</sup>. Aí ficaram durante um mês e meio, enquanto ele e o seu irmão trabalhavam a receber apenas vinte e cinco ou trinta dólares por semana.

---

<sup>160</sup> Tradução livre da autora: “o novo alarme e os jatos aéreos russos, os novos modernos, soam muito assustadores e bombardeiam em apenas um segundo. Por isso, podes morrer sem sequer ouvir a bomba”.

<sup>161</sup> Tradução livre da autora: “Então, normalmente, quando eles bombardeiam muito à noite, eles param pela manhã para que as pessoas possam recolher as suas coisas. Não sei por que fazem isso. Não matam pessoas, depois de matarem durante a noite. Eles não disparam”.

<sup>162</sup> Tradução livre da autora: “Então eu estava, sabes, muito assustado”.

<sup>163</sup> Tradução livre da autora: “nós chamamos-lhe céu, o céu dos deuses na terra”.

<sup>164</sup> Tradução livre da autora: “nem sequer havia tinta nas paredes. Nada estava pintado. Era uma casa muito suja”.

Escolheram Gaziantep porque o seu tio já aí se encontrava a viver e havia um grande número de sírios na cidade. A proximidade entre Gaziantep e Alepo foi também um fator decisivo na mudança – “So we just decided to stay in Gaziantep because it's literally two hours by car from Aleppo to Gaziantep, if the border is still open”<sup>165</sup>.

Após o primeiro mês e meio em casa do tio, mudaram-se para Mardin, uma cidade a trezentos e cinquenta quilómetros de Gaziantep, pois o pai tinha arranjado um bom emprego aí. No entanto, ao fim de um mês e dez dias, regressaram a Gaziantep, e Mazen sentia-se feliz, pois coincidiu com a chegada dos tios da Síria e quase toda a sua família estava finalmente reunida.

Quando voltaram a Gaziantep, Mazen e a família apenas conseguiram arrendar um quarto com cozinha e viviam ali todos juntos. Estudou durante um ano na Turquia, o equivalente ao 9º ano, numa escola árabe. Com o aumento dos preços, o trabalho do pai deixou de ser suficiente para os sustentar, e Mazen teve de desistir da escola, para que o seu irmão pudesse continuar. Desde então, não foi possível para ele integrar novamente o ensino escolar.

Aos quinze anos já trabalhava e foi aí que, ao longo de um ano, aprendeu a falar turco fluentemente pois, caso contrário, os companheiros de trabalho gritavam com ele – “Because if I didn't understand them, they will just shout on me”<sup>166</sup>. Considera ser muito importante para a integração no país que os jovens aprendam o idioma.

Começou por trabalhar num supermercado sírio todos os dias durante um mês, sem nenhum dia livre. Trabalhava durante doze horas por dia, e o salário era muito baixo, acabando por desistir. Depois trabalhou numa fábrica até aos dezoito anos, sem contrato nem seguro, onde se sentia discriminado por ser sírio. Todo o seu ordenado servia para pagar a renda da casa. Sabia que os empregados turcos recebiam um salário mais alto que o seu, apesar de ele ser mais experiente e manejar mais máquinas do que todos os colegas.

---

<sup>165</sup> Tradução livre da autora: “Então nós simplesmente decidimos ficar em Gaziantep porque é literalmente a duas horas de carro de Alepo a Gaziantep, caso a fronteira ainda esteja aberta”.

<sup>166</sup> Tradução livre da autora: “Porque se eu não os percebesse, eles iam simplesmente gritar comigo”.

Recorda que, nas horas de almoço, era ignorado e se sentava sempre sozinho por ser sírio e não falar turco fluentemente. “They were all asking me to bring tea. «Go bring tea»”<sup>167</sup>. Enquanto os colegas faziam pausas após ligar as máquinas, a Mazen não lhe era permitido que o fizesse. Era sempre chamado para ajudar noutras tarefas e colocado no trabalho com as máquinas mais sujas, sem lhe providenciarem máscaras ou luvas - “and if I'm late, they shout on me”<sup>168</sup>.

O facto de ter deixado a escola quando era muito novo sempre o deixou com desejo de regressar – “I dropped the school and inside me I wanted to go back to school”<sup>169</sup>. Sente que o ambiente escolar é fundamental na formação de crianças e jovens até aos dezoito anos e, por isso, sempre quis fazer parte de algo que ajudasse as crianças a ter acesso ao que ele nunca teve oportunidade. “I really wanted to somehow help or build something, but I didn't know the way. I didn't have money; I didn't have the knowledge”<sup>170</sup>. Tinha dois amigos que pegaram num centro para crianças antigo, o remodelaram e conseguiram financiamento para desenvolver aí um projeto com crianças e jovens sírios. Inicialmente ofereceu-se como voluntário para trabalhar com eles, “then I just went there and I fell in love. Until now. It saved me from everything”<sup>171</sup>.

Atualmente, trabalha nesta ONG no coração de Gaziantep, que acolhe mais de cem crianças sírias, dando-lhes a experiência e formação do contexto escolar, mesmo quando estas não têm documentos que lhes permita integrar o ensino turco formal. “Imagine having a place where you come and feel free to do so many things and play and draw and study”<sup>172</sup>.

Considera, no entanto, que a ONG não promove a integração e coesão social das crianças e jovens sírios com a sociedade de acolhimento, por se destinar apenas à comunidade síria. No entanto, ao ensinarem a língua do país, acabam por facilitar a passagem destas crianças para o ensino formal turco e protegê-las de exploração ou trabalho infantil.

---

<sup>167</sup> Tradução livre da autora: “Eles pediam-me todos para lhes levar chá. «Vai trazer chá»”.

<sup>168</sup> Tradução livre da autora: “e se eu me atrasasse, eles gritavam comigo”.

<sup>169</sup> Tradução livre da autora: “Eu desisti da escola, e dentro de mim eu queria voltar à escola”

<sup>170</sup> Tradução livre da autora: “Eu queria mesmo, de alguma maneira, ajudar ou construir alguma coisa, mas não sabia como. Não tinha o dinheiro; não tinha o conhecimento”.

<sup>171</sup> Tradução livre da autora: “então eu simplesmente fui lá, e apaixonei-me. Até agora. Salvou-me de tudo”.

<sup>172</sup> Tradução livre da autora: “imagina teres um lugar para onde vens e te sentes livre para fazer imensas coisas, para brincar e desenhar e estudar”.

And for the kids who are not going to school, I think it's helping not to integrate them in the turkish society, but to integrate them in the whole life, because if they don't go to school they stay in the streets, they're out of everything<sup>173</sup>.

Mazen não gosta nem nunca gostou de viver em Gaziantep. A única coisa que o diz prender à cidade é o trabalho na ONG. Já teve a oportunidade de, junto com uns amigos, fazer a travessia até à Europa, mas após ter começado esse trabalho mudou de ideias e, agora, mesmo que tivesse uma chance de deixar a cidade, fosse de forma legal ou ilegal, não o faria.

Diz que, apesar de variar de pessoa para pessoa, na maior parte do tempo não se sente bem-vindo pela sociedade de acolhimento – “Most of the time, even if I go to the market, I don't feel welcome buying things from my own money”<sup>174</sup>. Quando comprou a sua bicicleta, de boa qualidade, sentiu olhares de julgamento por ser um refugiado sírio a comprar algo tão caro. Tal como quando vai no metro com *phones* nos ouvidos a falar árabe e sente que o olham como se dissessem “how you managed to get all this money?”<sup>175</sup>.

Recorda também uma situação num supermercado em que, por estar a falar árabe, o segurança lhe pediu para abrir a sua mochila, acusando-o de ter roubado algo – “and I cannot say anything because, you know, sometimes I might fall in trouble”<sup>176</sup>.

Ao falar sobre a integração em Gaziantep, Mazen diz que não há apoio da parte de ninguém – “You just integrate by yourself, and if there are nice people that welcome you”<sup>177</sup>.

No caso do mercado laboral, no que diz respeito ao trabalho humanitário e direitos humanos e das crianças, diz ser muito difícil a integração. Na ONG onde trabalha, está finalmente a trabalhar de forma legal, após três anos a tentarem

---

<sup>173</sup> Tradução livre da autora: “E para as crianças que não vão à escola, penso que não as ajuda a integrar na sociedade turca, mas a integrá-los em toda a vida, porque se eles não vão à escola, eles ficam na rua, fora de tudo”.

<sup>174</sup> Tradução livre da autora: “Na maior parte do tempo, mesmo se eu for ao supermercado, não me sinto bem-vindo a comprar coisas com o meu próprio dinheiro”.

<sup>175</sup> Tradução livre da autora: “como conseguiste ter todo este dinheiro?”

<sup>176</sup> Tradução livre da autora: “e eu não posso dizer nada porque, sabes, às vezes posso arranjar problemas”.

<sup>177</sup> Tradução livre da autora: “Tu simplesmente integras-te por ti próprio, e se há pessoas boas que te acolham”.

legalizar o centro. “They don’t have integration, even if you're doing humanitarian work for people, they don't help to integrate, they don't make it easier for you”<sup>178</sup>.

Mazen afirma que é muito difícil para um jovem sírio encontrar trabalho em Gaziantep e que, quando se encontra, é sempre sem contrato ou seguro e com salários demasiado baixos. No entanto, as pessoas sujeitam-se a trabalhar sem condições porque têm uma renda para pagar e uma família para sustentar.

Em relação ao ensino escolar, não tem muito conhecimento sobre isso, por ter abandonado a escola ainda em criança. Diz, no entanto, que vê os seus amigos a sofrerem para entrar na universidade e terem amigos turcos.

Não é fácil também para Mazen fazer amizade com os locais – “they speak to you, but then you don't feel that they want to be close to you or to see you again”<sup>179</sup>. Os únicos amigos turcos que tem são pessoas que trabalham numa organização que recebe voluntários internacionais e, por isto, têm uma mentalidade mais aberta e o aceitam, mesmo sendo refugiado. Diz que na província de Antáquia as pessoas recebem bem os sírios e uma grande parte fala árabe e, por isso, é mais simples criar relações com a sociedade de acolhimento.

Nos anos iniciais em que chegou à Turquia era fácil para os refugiados sírios arrendarem casas. Os preços eram baixos, e a sociedade de acolhimento ajudava os recém-chegados – “they were giving them furniture for free: «I have an old couch, I will give it to you. I have an old tv, I give it to you, and I buy a new one»”<sup>180</sup>. Atualmente é difícil, devido também à necessidade das famílias se registarem na casa e nos bairros em que se encontram – “But now there's some neighborhoods that are blocked and you can't regist there because they say it's too crowded”<sup>181</sup>. Devido ao grande número de refugiados sírios que habita na cidade, deixou de ser possível este registo em alguns dos bairros, um deles o bairro de Mazen e da família. Diz que este processo é fácil, o difícil é encontrar uma casa acessível, com senhorios dispostos a arrendar a sírios.

---

<sup>178</sup> Tradução livre da autora: “Eles não têm integração, mesmo se estiveres a fazer trabalho humanitário para outras pessoas, eles não ajudam a integrar, não o fazem fácil para ti”.

<sup>179</sup> Tradução livre da autora: “Eles falam para ti, mas então tu não sentes que eles querem ser próximos de ti ou voltar a ver-te”.

<sup>180</sup> Tradução livre da autora: “eles davam-lhes mobília grátis: «eu tenho um sofá velho, vou dar-to. Eu tenho uma televisão velha, vou dar-ta e comprar uma nova”.

<sup>181</sup> Tradução livre da autora: “Mas agora, há alguns bairros que estão bloqueados, e tu não podes registar-te ali, porque eles dizem que estão demasiado apinhados”.

O governo tem vindo a aplicar a regra dos 30%, não só nos bairros, mas também nas escolas – “30% in the class are foreigners and 70% are Turkish. So, in this neighborhood 30% are foreigners and 70% are Turkish”<sup>182</sup>, o que dificulta o registo devido aos bairros já sobrelotados. A sua família está a enfrentar agora dificuldades no arrendamento de casa. O seu contrato termina brevemente, e Mazen está assustado com o aumento do preço pois, caso aconteça, terão de mudar de casa e fazer um novo registo, o que será um desafio.

Quando chegou à Turquia, diz que ainda não havia o estatuto de proteção temporária a ser atribuído aos refugiados sírios – “So there were no documents, no resident permit. You just rent a house, find a work, find a job and you work, and you live basically. There were no rules. Nothing legal, nothing legal about us staying there”<sup>183</sup>. Pensa que foi em 2015 ou 2016 que ele e a sua família solicitaram a proteção temporária e, desde então, é esse o estatuto que têm, sem data de caducidade.

Mazen não concorda com este estatuto, diz ser uma das piores decisões que os governos tomaram em relação ao tema dos refugiados. É bom, pois permite aos indivíduos beneficiarem de segurança num outro país, mas mau pois não lhes dá liberdade – “but it's bad in the sense that you cannot live, you cannot travel”<sup>184</sup>. A única vez que o governo autorizou os beneficiários do estatuto de proteção temporária a viajar foi após o terramoto que ocorreu em fevereiro de 2023, cujo epicentro foi a trinta e cinco quilómetros de Gaziantep. Mazen e a família foram até à cidade de Bursa, mas após a autorização ter terminado foram obrigados a regressar a Gaziantep, dois meses depois.

No caso de Mazen, como o seu registo foi feito em Gaziantep, é essa a cidade que aparece no seu documento e de aí não pode sair sem ter permissão do governo para tal – “you're stuck in the city, you cannot leave it”; “and you need

---

<sup>182</sup> Tradução livre da autora: “30% na turma são estrangeiros e 70% são turcos. Portanto, neste bairro, 30% são estrangeiros e 70% são turcos”.

<sup>183</sup> Tradução livre da autora: “Então, não havia nenhuns documentos, nenhum permissão de residência. Tu simplesmente arrendas uma casa, encontras trabalho, encontras emprego e trabalhas, e basicamente vives. Não havia regras. Nada legal, nada legal acerca de nós estarmos ali”.

<sup>184</sup> Tradução livre da autora: “mas é mau no sentido que tu não podes viver, não podes viajar”.

permission to move from a city to another”<sup>185</sup>. Não podem deslocar-se para nenhuma das cidades vizinhas fora da província sem autorização, difícil de conseguir – “if they find me, they deport me to Syria”<sup>186</sup>.

Também o seu irmão mais novo perdeu uma carreira promissora no futebol, pois, o seu documento de proteção temporária não foi aceite, mesmo após três ou quatro anos de tentativas – “he had a chance to be a professional player, but they didn't accept his document. And because he has the temporary protection, they cannot register him in the league”<sup>187</sup>.

Em relação à cidadania turca, Mazen refere que uma das maneiras que um beneficiário do estatuto de proteção temporária tem para a obter é atualizar junto do governo os certificados obtidos, seja contas bancárias ou bens que possui ou, por exemplo, o diploma de graduação da universidade.

There is a little chance of getting the citizenship, for example, if you have more certificates. Now you graduate from university, you do this update for the government so they can see you are maybe useful, and they give you the citizenship<sup>188</sup>.

Mazen gosta da Turquia, da história do país, das cidades e da natureza. Sonha com visitar a zona de Trebizonda, junto do Mar Negro, e gosta bastante de Istambul, que visitou no período após o terramoto. Apesar das situações de discriminação que menciona, diz que há boas pessoas pelo país, e que ele próprio é provável que tenha raízes turcas, pois antigamente Gaziantep fazia parte da província de Aleppo.

Para Mazen, Gaziantep é como Aleppo, com a mesma arquitetura e o mesmo ambiente – “but now the only difference is, of course, there is no war here. And there's war in Syria. But beside that it's all the same”<sup>189</sup>.

---

<sup>185</sup> Tradução livre da autora: “tu estás preso numa cidade, não podes sair dali”, “e precisas de autorização para te movimentares de uma cidade à outra”.

<sup>186</sup> Tradução livre da autora: “se eles me encontrarem, deportam-me para a Síria”.

<sup>187</sup> Tradução livre da autora: “ele teve a oportunidade de ser um jogador profissional, mas não aceitaram o documento dele. E porque ele tem a proteção temporárias, não conseguiram registá-lo na liga”.

<sup>188</sup> Tradução livre da autora: “Há poucas chances de se conseguir a cidadania, por exemplo, se tiveres mais certificados. Agora acabas a universidade, você faz essa atualização para o governo para que eles vejam que você talvez seja útil, e eles te dão a cidadania”.

<sup>189</sup> Tradução livre da autora: “mas agora, a única diferença é, claro, aqui não há guerra. E há guerra na Síria. Mas, para além disso, é tudo o mesmo”.

Quando chegou à Turquia, culturalmente os dois países eram muito semelhantes. Agora sente algumas diferenças, diz que a cultura turca se assemelha à cultura europeia, pois na Síria são mais religiosos – “they don't really care about religion, and you start to see these tattoos and the crazy haircuts that football players do. But in Syria, we still don't have this”<sup>190</sup>. Em relação à culinária diz ser muito semelhante, tanto em termos de comida como de doces, por exemplo, ambas as cidades têm a famosa *baklava*.

Atualmente, Mazen vive em Gaziantep com os seus dois irmãos e os seus pais. Sente-se feliz, muito devido ao trabalho que realiza com a comunidade síria. Sonha no futuro regressar à Síria e ser livre naquele que é o seu país.

To feel that I'm free as a person and my whole country. And of course, the country to be safe. Without any war, any other countries in my country. No occupation in any way (...). I think then I will come back<sup>191</sup>.

#### **4.4. Mustafa**

##### **4.4.1. Características sociodemográficas**

Mustafa nasceu em Aleppo, na Síria, e vive em Gaziantep desde julho de 2015. Tinha vinte e quatro anos na data de realização da última entrevista, em novembro de 2023. É muçulmano e pratica o Ramadão.

Atualmente, partilha o seu tempo entre Gaziantep e Mersin, para onde o seu escritório foi transferido após o terramoto que aconteceu na Turquia, no início de 2023. Em Gaziantep, apenas vive com a mãe, pois o pai faleceu quando era criança e tem dois irmãos, um em Gaziantep e outro na Bélgica.

O seu pai tinha uma licenciatura em economia e era contabilista numa empresa de exportação e importação. A sua mãe tem uma licenciatura em literatura árabe e, aquando na Síria, trabalhava como professora, tendo-se reformado após o nascimento de Mustafa.

---

<sup>190</sup> Tradução livre da autora: “eles não querem saber sobre religião, e começa-se a ver estas tatuagens e cortes de cabelo malucos, como os jogadores de futebol fazem. Mas na Síria, ainda não temos isto”.

<sup>191</sup> Tradução livre da autora: Sentir que sou livre como pessoa e todo o meu país. E, claro, que o país seja seguro. Sem qualquer guerra, quaisquer outros países do meu país. Nenhuma ocupação de maneira alguma (...). Acho que então, vou voltar.

Mustafa obteve a cidadania turca enquanto frequentava a Universidade de Gaziantep, onde se licenciou, e trabalha há já dois anos para a Organização das Nações Unidas.

#### 4.4.2. História de vida

Mustafa lembra-se de viver uma vida normal antes do início dos conflitos. Ia à escola, brincava, jogava futebol todos os dias e todas as noites no seu bairro, visitava os familiares – “It used to be really normal. That’s like as a normal life I’m talking about”<sup>192</sup>.

Quando a revolução começou no seu país, Mustafa tinha doze anos e andava no sétimo ano na escola. As primeiras memórias que tem deste momento é de ver as pessoas saírem à rua e protestarem contra o governo, com o exército a persegui-las. Lembra-se também de pensar que essas pessoas não deviam fazer aquilo, mas era ainda uma criança – “I didn’t understand anything”<sup>193</sup>.

Nestes seus tempos de escola, o governo obrigava os alunos a participar em marchas de apoio ao regime. Juntavam-se numa praça da cidade a gritar pelo presidente Bashar al-Assad e, caso não participassem, a escola anotava os nomes e seriam castigados. Mustafa unia-se aos colegas, mas pelo caminho separava-se e ia para casa. Era 2011 e foi quando as tensões começaram a aumentar por todo o país – “But back then, things start to escalate quickly. It used to be so bad”<sup>194</sup>.

Mustafa diz que foi nessa altura que o governo começou a usar armas contra os protestantes, numa tentativa de calar quem estava contra a presidência, ao chamar-lhes terroristas. O governo usava tanques e atiradores, que disparavam contra as pessoas nos protestos pacíficos, com intenção de matar – “people just going out to protest and bam, sniped or something else”<sup>195</sup>. Foi quando começaram a surgir outros grupos para lutar contra o exército do governo, como o Exército Livre Sírio (*Free Syrian Army*) que, no início da revolução,

---

<sup>192</sup> Tradução livre da autora: “Costumava ser muito normal. Estou a falar como uma vida normal”.

<sup>193</sup> Tradução livre da autora: “Eu não percebia nada”.

<sup>194</sup> Tradução livre da autora: “Naquela altura, as coisas começaram a escalar rapidamente. Costumava ser tão mau”.

<sup>195</sup> Tradução livre da autora: “as pessoas só estavam lá fora a protestar e bam, eram alvejadas ou outra coisa qualquer”.

defendia os civis nos protestos e assumia as áreas controladas pelo regime de Assad.

Nessa altura, Mustafa era um adolescente e todos à sua volta apoiavam o regime sírio. Os meios de comunicação eram controlados e faziam a população acreditar que os conflitos eram contra os terroristas, ou então provocados por eles. “We used to be all pro Assad’s government. We didn’t have the full picture. The media was super strong, even though we live in the country, we’re inside the country, we’re the people”<sup>196</sup>.

Com o avançar dos conflitos, o Exército Livre Sírio chegou ao bairro onde vivia Mustafa e a família, no centro de Aleppo, e assumiram o controlo em apenas uma noite. Lembra-se de não dormir nessa noite, devido ao som dos aviões e das bombas que caíam pelo bairro – “we used to hear it around the surroundings, the cities, but to be involved in one that was really a change”<sup>197</sup>.

Após essa noite, deixaram a sua casa. Esperaram que os bombardeamentos acalmassem e correram para o carro. Um amigo do seu irmão conduziu-os até à casa da sua avó, também no centro de Aleppo, onde a sua família se juntou a mais duas que já lá estavam abrigadas. Para Mustafa, foi como se estivesse de férias, com toda a família reunida – “it wasn’t that much serious for me. Of course, it was horrible to hear the noises, but at some point you just get used to it. It’s not a big thing, especially for kids”<sup>198</sup>.

As pessoas no país seguiam com a sua vida, apesar dos contínuos bombardeamentos – “I mean people, they gotta live their lives, in the end. If they die, they die. They didn’t care that much”<sup>199</sup>.

Dois meses depois de se terem mudado para casa da sua avó, o regime voltou a controlar o seu bairro, e Mustafa e a família regressaram a casa. Começou a trabalhar a encher os tanques de água da sua casa e dos vizinhos.

---

<sup>196</sup> Tradução livre da autora: “Costumávamos ser todos a favor do governo de Assad. Não tínhamos o quadro completo. Os meios de comunicação eram muito fortes, mesmo morando no país, estando dentro do país, somos as pessoas”.

<sup>197</sup> Tradução livre da autora: “nós costumávamos ouvir à volta das cidades, mas estar envolvido num foi mesmo uma mudança”.

<sup>198</sup> Tradução livre da autora: “não era assim tão sério para mim. Claro que era horrível ouvir os barulhos, mas a certa altura tu simplesmente habituas-te àquilo. Não é algo assim tão grande, especialmente para crianças”.

<sup>199</sup> Tradução livre da autora: “Quero dizer, as pessoas, elas têm de viver a vida delas, no final. Se morrerem, morreram. Nem se preocupavam muito”.

Como a água era cortada várias vezes, era necessário subir aos telhados e encher os tanques, trinta minutos para cada casa. Ao trabalhar nos telhados, conseguia ver o Exército Livre Sírio e as forças militares do governo a disparar uns contra os outros. Nos minaretes das mesquitas, era normal que houvesse atiradores que disparavam tanto contra o outro exército, como contra civis.

Mustafa lembra-se de um dia estar no telhado e um dos atiradores disparar contra si – “He shot at me. But not at me directly. I don't know if he meant it or not, but it was pretty much there. Yeah, so I just immediately ran away scared (...)”<sup>200</sup>. Tinha apenas treze anos – “they don't care if you're a child, women, men. They shoot”<sup>201</sup>. A sua mãe não o deixou voltar a trabalhar nos telhados.

No seu oitavo e nono ano a escola parou, devido ao piorar da situação. A sua escola era utilizada como abrigo do exército do governo e, com os bombardeamentos, ardeu – “I was really happy about it because I didn't like school. I was really, really happy”<sup>202</sup>. Mais tarde, passou o exame do nono ano para aceder ao ensino secundário e recomeçou a frequentar a escola, mas a educação não era prioridade. A população não tinha esperança no futuro e, por isso, todos os alunos passavam de ano mesmo sem livros ou sem terem adquirido qualquer conhecimento.

Era o ano de 2013, e Aleppo encontrava-se cercada, o que fez disparar os preços dos bens – “the Free Syrian Arab Army, they had surrounded, they did a siege for all the city center, so everything went on fire. The prices, the vegetables, all kind of food. (...) The prices were really high. It was unbelievably high”<sup>203</sup>. O único sítio onde era possível comprar mantimentos chamava-se *Maabar Elmot* e era uma rua onde o exército sírio disparava contra os civis que a atravessavam – “this is the street and to cross from this side to this side you may get shot and

---

<sup>200</sup> Tradução livre da autora: “Ele disparou contra mim. Não contra mim diretamente. Não sei se ele quis fazer isso ou não, mas estava praticamente lá. Então eu só corri dali imediatamente, assustado”.

<sup>201</sup> Tradução livre da autora: “eles não querem saber se és uma criança, mulher, homem. Eles disparam”.

<sup>202</sup> Tradução livre da autora: “Eu estava mesmo feliz com isso porque não gostava da escola. Estava mesmo, mesmo feliz”.

<sup>203</sup> Tradução livre da autora: “o Exército Livre Sírio, eles cercaram, fizeram um cerco para o centro da cidade, então tudo disparou. Os preços, os vegetais, todos os tipos de comida. (...) Os preços eram mesmo altos. Era inacreditavelmente alto”.

everybody might get shot. Somebody will shoot you. (...) That's why they used to call it «the way through of death»<sup>204</sup>.

Ao mesmo tempo, os confrontos no centro da cidade entre os dois exércitos continuavam. Mustafa diz que isto se devia ao facto de Aleppo ser a grande potência económica da Síria e, por isso, nenhuma das partes queria abdicar de ter o seu controlo.

Um dos momentos mais marcantes que Mustafa recorda foi um dia em que saiu de casa para comprar mantimentos e, sem saber explicar a razão, algo lhe disse para atravessar a rua e não ir pelo caminho habitual – “but one time, something exactly told me, I still remember this moment, I would never forget it, that something told me to go to the other side of the street”<sup>205</sup>. No exato momento em que Mustafa atravessou, um foguete caiu no local onde se encontrava anteriormente – “and just exactly when I pass to the other side, in the same place it killed three people. A rocket”<sup>206</sup>.

Com o decorrer dos conflitos, Mustafa sentia-se desesperado na Síria – “I was super depressed because for me I start to grow up inside the war, it was horrible”<sup>207</sup>. Via os seus sonhos a desaparecer e estava encurralado num país em guerra, sem nenhuma esperança futura.

Os seus irmãos foram os primeiros a deixar o país, para tentar reunir condições para o retirar a si e à sua mãe da Síria. Um dos irmãos foi para o Egito e, de seguida, para a Turquia, onde se juntou ao outro irmão que já lá estava. Trabalharam e conseguiram o dinheiro necessário para trazer Mustafa e a sua mãe para Gaziantep.

Após terem reunido o necessário para sair do país, Mustafa e a mãe solicitaram o passaporte no gabinete de imigração, que se situava num sítio onde constantemente eram lançados foguetes. No dia anterior à sua ida, quatro pessoas tinham morrido à porta do local, mas eles não tiveram outra hipótese

---

<sup>204</sup> Tradução livre da autora: “esta é a rua, e para atravessar de este lado para este lado podes ser atingido e toda a gente pode ser atingida. Alguém irá disparar contra ti. (...) É por isso que costumavam chamar-lhe «o caminho da morte»”.

<sup>205</sup> Tradução livre da autora: “mas uma vez, algo exatamente me disse, ainda me lembro deste momento, nunca o esqueceria, que algo me disse para ir para o outro lado da rua”.

<sup>206</sup> Tradução livre da autora: “e no preciso momento em que eu passei para o outro lado, no mesmo local três pessoas foram mortas. Um foguete”.

<sup>207</sup> Tradução livre da autora: “Eu estava muito deprimido porque, para mim começar a crescer no meio de uma guerra, foi horrível”.

senão deslocar-se para fazer a candidatura. Uma semana depois, Mustafa foi sozinho recolher os passaportes e prepararam-se para deixar o país.

Foi em julho de 2015, na altura do Ramadão, que se deslocaram de Alepo a Damasco e de Damasco a Beirute, capital do Líbano, onde apanharam um avião até Adana, na Turquia. A Turquia ainda não tinha fechado as suas fronteiras aos refugiados e, como tinham passaportes, a sua entrada no país não foi difícil.

Apesar disso, as memórias que Mustafa tem da travessia não são as melhores. Na fronteira da Síria com o Líbano foram maltratados, por não terem uma autorização do seu pai para viajar, por ser menor, e a aprovação da mãe não era suficiente. Tiveram de deixar a bagagem na fronteira e viram-se obrigados a regressar a Damasco, para conseguir a tal autorização. Felizmente, conseguiram obter o documento com um juiz, após terem dito que tanto o pai como os tios estavam mortos e que a mãe era a única pessoa responsável por si.

No regresso à fronteira, alguma da sua bagagem tinha sido roubada pelo exército, mas Mustafa e a sua mãe apenas correram para o aeroporto, sendo os últimos a entrar no avião com destino à Turquia. “I was relieved that I left that country. I used to love it. But back then, I didn't see anything good. (...) I even spat on the ground when I was in the border”<sup>208</sup>. Nesse momento, Mustafa amaldiçoou a Síria, tendo sido a última vez que pisou o seu país.

Na altura decidiram mudar-se para a Turquia, não só porque os seus irmãos já lá estavam, mas também porque sentia que não tinham outra opção – “it's either you take the boat to Europe and die there on the road, suffocate or whatever. Or you choose the safe land kind of, not that safe, but yeah”<sup>209</sup>. Quando chegou a Gaziantep era julho de 2015 e estava finalmente feliz. Tinha o sonho de estudar noutro país e deixar a Síria, para poder começar uma vida do zero.

In Syria I used to think that I lived in prison, I'm not going to get out, you're destroyed mentally, you're destroyed, you don't know what to do. Because you were at that time building your dreams and you know that you cannot leave that country and you cannot do anything because of the war. But

---

<sup>208</sup> Tradução livre da autora: “Eu estava aliviado por ter deixado o país. Costumava adorá-lo. Mas naquela altura, não via nada de bom. (...) Eu até cuspi no chão quando estava na fronteira”.

<sup>209</sup> Tradução livre da autora: “é ou apanhas o barco para a Europa e morres ali no caminho, sufocas ou algo. Ou escolhes o tipo de terra segura, não tão segura, mas pronto”.

then, bam, you leave Syria and you come to a new place, you don't know what is that place so of course it was hard to start everything from scratch, from zero, but it was kind of a dream for me, to be honest. To learn a new language, and study in a foreign country, that was one of my goals, one of my dreams<sup>210</sup>.

Os irmãos já ali viviam e, quando chegaram à cidade, ficaram na sua casa, mudando-se para outra apenas uns meses depois. O início em Gaziantep diz ter sido difícil, por não saber a língua, e por não conhecer quem falasse inglês – “it was hard for me to mix with them, even though I wanted so bad, it was kind of a dream for me”<sup>211</sup>. Nos primeiros tempos ainda não frequentava a escola e sentia-se isolado.

Como não tinha acabado o ensino secundário na Síria, matriculou-se na escola e terminou o décimo segundo ano, ainda nas escolas com o sistema educativo sírio, ensinado em árabe. Apenas após terminar o ensino secundário, começou a aprender turco através de um curso na universidade. Como Mustafa não gostava do idioma, reprovou sete vezes no exame do curso e demorou cerca de um ano e quatro meses a aprender a língua.

Quando finalmente passou no exame, candidatou-se à universidade, o que diz ser difícil para os sírios devido aos requisitos exigidos. É necessário fazer os SAT (*Scholastic Aptitude Test*), o YÖS (*Foreign Student Examination*) e apresentar o certificado do idioma. Como se candidatou a um curso de turismo na Universidade de Gaziantep, não lhe foram pedidos todos estes exames, o que facilitou o seu acesso.

Durante o primeiro ano da universidade, Mustafa diz ter estado por contra própria, até um amigo seu sírio começar a frequentar o seu curso. Não se identificava com os colegas turcos e não se integrava no seu meio - “some of

---

<sup>210</sup> Tradução livre da autora: “Na Síria pensava que morava na prisão, não vou sair dali, estás destruído mentalmente, estás destruído, não sabes o que fazer. Porque naquela altura estavas a construir os teus sonhos e sabes que não podes sair daquele país e não podes fazer nada por causa da guerra. Mas então, bam, saís da Síria e vens para um lugar novo, não sabes que lugar é esse, então claro que foi difícil começar tudo do nada, do zero, mas foi mais ou menos um sonho para mim, para ser honesto. Aprender um novo idioma, e estudar num país estrangeiro, esse era um dos meus objetivos, um dos meus sonhos”.

<sup>211</sup> Tradução livre da autora: “era difícil para mim misturar-me com eles, mesmo eu querendo tanto, era mais ou menos um sonho para mim”.

them were nice, but I couldn't be included with them because they came from a different background”<sup>212</sup>.

Reprovou o primeiro semestre do primeiro ano e diz ter sido um período difícil, devido também à adaptação à língua turca e ao forte acento em Gaziantep, difícil de compreender – “I didn't like it at all. Actually, it was hell for me, and I was alone. And so I stopped going even to classes”<sup>213</sup>.

No entanto, ao longo da vida universitária, não se sentiu discriminado pelos colegas e professores por ser sírio. Isto porque ele próprio optou por não criar relações com os colegas.

I don't put myself in this position. I don't allow it. I don't give it reasons. I stay with myself because I know if anything's going to happen, it's going to be because of something I went too deep with them or whatever<sup>214</sup>.

Foi no segundo ano da universidade que foi contactado para se candidatar à cidadania turca. Reuniu os documentos necessários e, em 2019, após um ano e três meses, conseguiu obtê-la. Mustafa diz que isto é possível pois o governo dá a cidadania a alguns sírios com qualificações – “they were giving it to a few people like students, doctors and teachers. Syrian doctors, Syrian teachers, Syrian students, but not all the Syrian students used to get it. I was one of the lucky people”<sup>215</sup>.

Nesta altura, Mustafa descobriu os intercâmbios internacionais, começando a participar em alguns e a viajar para outros países, sentindo-se feliz com estas oportunidades que a cidadania turca lhe trouxe. Em 2020, terminou a universidade e tinha um contrato de trabalho para iniciar numa empresa de turismo, que teve de adiar devido à pandemia global.

No acesso ao mercado de trabalho, para os sírios que chegaram à Turquia de forma legal, diz ser fácil encontrar emprego. A maioria das oportunidades são

---

<sup>212</sup> Tradução livre da autora: “alguns deles eram simpáticos, mas eu não conseguia incluir-me entre eles porque vinham de origens diferentes”.

<sup>213</sup> Tradução livre da autora: “Eu não gostava nada. Na verdade, era o inferno para mim, e estava sozinho. Então deixei de ir às aulas”.

<sup>214</sup> Tradução livre da autora: “Eu não me coloco nessa posição. Não permito isso. Não dou razões. Fico comigo mesmo porque sei que se alguma coisa acontecer, será por causa de algo que aprofundei com eles ou assim”.

<sup>215</sup> Tradução livre da autora: “eles estavam a dar a algumas pessoas, como estudantes, médicos e professores. Médicos sírios, professores sírios, estudantes sírios, mas nem todos os estudantes sírios costumavam obtê-lo. Eu fui um dos sortudos”.

no campo humanitário, devido à grande quantidade de idiomas que falam (normalmente árabe, inglês e turco).

Depois de ter terminado a universidade, em 2020, apesar de ter estudado um curso de turismo, começou a trabalhar como tradutor durante um mês. Desistiu, pois, o salário era muito baixo e começou a trabalhar para uma ONG alemã na área humanitária. Nesta ONG estava encarregue de ajudar a comunidade maioritariamente síria, mas também turca, encaminhando-os para os serviços e apoios certos de acordo com as suas necessidades (violência doméstica, abuso infantil, entre outros).

Trabalhou também para uma ONG checa no campo humanitário como analista de dados. Nesta organização nunca se sentiu diferente dos outros colegas turcos ou discriminado, e foi sempre apoiado e bem recebido. Atualmente, trabalha para as Nações Unidas no Programa Alimentar Mundial.

Para os refugiados sírios com o estatuto de proteção temporária, a situação é diferente. Quando chegam à Turquia, encontram-se desesperados por encontrar trabalho, de forma a garantir sustento para as famílias. Por isso, aceitam qualquer posto, na maioria das vezes sem contrato ou seguro de trabalho – “then they'll have to look for a job and whatever job available they have to take, it doesn't matter, without any health insurance and stuff, because no one will accept them”<sup>216</sup>. Mustafa refere ser um privilégio ter contrato de trabalho e as garantias básicas, pois, a maior parte dos sírios na Turquia trabalha sem documentos, com salários muito reduzidos e horas extraordinárias.

No acesso a cuidados de saúde, quando não tinha a cidadania turca e apenas a autorização de residência, tinha de pagar estes cuidados por conta própria. Agora tem um seguro privado e o seguro facultado pelas Nações Unidas. Quem tem o documento de proteção temporária pode aceder gratuitamente aos hospitais públicos, sem custos extra.

Em relação a Gaziantep, Mustafa não gosta de viver na cidade. Atualmente divide o seu tempo entre Gaziantep e Mersin, cuja distância é de trezentos

---

<sup>216</sup> Tradução livre da autora: “então eles têm de procurar um emprego e qualquer emprego disponível eles têm que aceitar, não importa, sem seguro de saúde e isso, porque ninguém vai aceitá-los”.

quilómetros, para onde o seu escritório se mudou após o terramoto de fevereiro de 2023.

Comparando as duas cidades, não se sente bem recebido em nenhuma das duas – “not welcomed, no, nobody likes us”<sup>217</sup> – mas diz que em Mersin se sente mais seguro. Não gosta nem nunca gostou de viver em Gaziantep, não considera as pessoas civilizadas nem educadas.

I think they use force for everything. They're really angry always all the time. (...) Gaziantep is definitely not for me as a city to live in. I would never raise my kid in there because it's a really bad place<sup>218</sup>.

Mustafa não se sente bem recebido pela sociedade de acolhimento na Turquia.

Most of the population they hate us actually. (...) They don't want any refugees at their place. They don't want any immigrants in Turkey. (...) Not the foreigners, they don't want Arabs, they don't want Pakistanis, they don't want Afghanis. It's racism<sup>219</sup>.

Menciona maus olhares por parte da comunidade local quando algum sírio não fala turco da maneira correta e é possível identificar que é árabe – “they start to give you those looks and be all angry with you”<sup>220</sup>. Consigo, como fala bem a língua, tais situações nunca aconteceram, mas diz ter conhecimento através de amigos ou das redes sociais – “but in general, no, they treated Syrians really bad, like the worst ever. I think one of the worst”<sup>221</sup>.

Segundo ele, a sociedade de acolhimento vê os sírios no país como pessoas que apenas recebem subsídios e sem nenhuma obrigação - “people

---

<sup>217</sup> Tradução livre da autora: “não bem-vindos, não, ninguém gosta de nós”.

<sup>218</sup> Tradução livre da autora: “Eu acho que eles usam força para tudo. Estão sempre mesmo zangados o tempo todo. (...) Gaziantep definitivamente não é para mim uma cidade para viver. Eu nunca criaria o meu filho aqui porque é um lugar muito mau”.

<sup>219</sup> Tradução livre da autora: “A maior parte da população odeia-nos, na verdade. (...) Eles não querem nenhuns refugiados no sítio deles. Eles não querem nenhuns imigrantes na Turquia. (...) Não querem os estrangeiros, não querem os árabes, não querem paquistaneses, não querem afegãos. É racismo”.

<sup>220</sup> Tradução livre da autora: “eles começam a lançar-te estes olhares e a chatearem-se contigo”.

<sup>221</sup> Tradução livre da autora: “mas no geral, não, eles trataram os sírios mesmo mal, o pior de sempre, acho que um dos piores”.

used to think a lot about us, that we don't pay for rent, we don't pay for everything, government give us money and all of this”<sup>222</sup>.

Fala também de discriminação para com os refugiados, seja por parte de adultos como de jovens e crianças - “But the racism in Turkey is not only on adults, it's with teenagers and small kids as well”<sup>223</sup>. Um exemplo que refere destas situações é o de um rapaz sírio de doze anos que se enforcou num parque, devido ao *bullying* que sofria na escola por parte dos colegas e professores.

You hear a lot from the kids that they always get bullied just because they're syrians. (...) I hear a lot of stories, a lot of bullying from the Turkish students towards the Syrians, them being called a lot of racist words and stuff<sup>224</sup>.

Mustafa diz que a maneira como a sociedade de acolhimento vê os refugiados sírios influencia comportamentos discriminatórios das crianças e que, para uma melhor integração dos sírios, esta visão tem de ser alterada.

But the problem is those kids, they learn some stuff from their families, they heard some stuff. That's why they're doing those things to the other kids. (...) So, it's really bad when you teach your kids to be racist, when you teach your kids to discriminate people according to the language they talk or where they came from<sup>225</sup>.

Menciona ainda um exemplo do que ocorre atualmente no país com os refugiados sírios. As famílias, quando nasce uma criança, registam o recém-nascido com nomes turcos ou estrangeiros, para não serem identificados como sírios ou árabes. Diz também que os adultos, quando recebem a cidadania, alteram os nomes e apelidos para protegerem os filhos de sofrerem *bullying* nas escolas.

---

<sup>222</sup> Tradução livre da autora: “as pessoas pensavam muitas coisas sobre nós, que não pagamos a renda, que não pagamos nada, que o governo nos dá dinheiro e tudo isso”.

<sup>223</sup> Tradução livre da autora: “Mas o racismo na Turquia não é só nos adultos, é também com adolescentes e crianças pequenas”.

<sup>224</sup> Tradução livre da autora: “tu ouves muito das crianças que sempre sofrem *bullying* só porque são sírias. (...) Ouço muitas histórias, muito *bullying* dos estudantes turcos contra os sírios, serem chamados de muitas palavras racistas e coisas assim”.

<sup>225</sup> Tradução livre da autora: “Mas o problema é que essas crianças aprendem algumas coisas com as famílias, ouviram algumas coisas. É por isso que eles fazem essas coisas com as outras crianças. (...) Então, é muito mau quando ensinas aos teus filhos a serem racistas, quando ensinas os teus filhos a discriminar as pessoas de acordo com a língua que falam ou de onde vieram”.

Apesar destes exemplos, Mustafa não quer generalizar. Tem bons amigos turcos que o ajudaram e, para ele, boas e más pessoas existem em todo o lado.

Esta discriminação para com os refugiados sírios diz ser o que dificulta mais a integração no país e na cidade, assim como a aprendizagem da língua – “mostly the problem is the language barrier. So, once you cannot communicate with the Turkish community it's hard to get in one page with them in any way”<sup>226</sup>.

Apesar disso, diz que agora é mais fácil para os jovens integrarem-se na cidade e com a sociedade de acolhimento, pois, ao frequentarem o ensino turco, podem aprender a língua desde o primeiro momento e coexistirem com a sociedade turca – “other than that, to be honest, I really don't know, in a bigger aspect on how to integrate because they're gonna face problems either ways once they're known that they are Syrians”<sup>227</sup>.

Quando chegou ao país, Mustafa demorou um tempo até conseguir a falar turco fluentemente e diz que não há consciência por parte do governo e sociedade de acolhimento quanto a esta dificuldade – “we couldn't speak the language and that is I think one of the biggest problems, that you need time to learn the language”<sup>228</sup>. Ao chegar ao país, aquando de uma migração forçada, há outras prioridades para além de aprender imediatamente a língua, tais como arranjar emprego, casa, e garantir as condições de sobrevivência necessárias.

But that time is not easy to find because when you move to another country and not by because you want to, it's because you're forced to, you don't have time for that. You can't just go and start learning the language once you just left your country to another country without any support, without finding a house, without finding work, you need to feed your children. All that takes time, you know, it's not easy<sup>229</sup>.

---

<sup>226</sup> Tradução livre da autora: “o problema é principalmente a barreira do idioma. Então, uma vez que não consegues comunicar com a comunidade turca, é difícil ficar na mesma página com eles de forma nenhuma”.

<sup>227</sup> Tradução livre da autora: “para além disso, para ser honesto, realmente não sei num aspeto mais amplo sobre como integrar, porque eles vão enfrentar problemas de qualquer maneira, assim que souberem que são sírios”.

<sup>228</sup> Tradução livre da autora: “não sabíamos falar a língua e acho que esse é um dos maiores problemas, que precisas de tempo para aprender a língua”.

<sup>229</sup> Tradução livre da autora: Mas esse tempo não é fácil de encontrar porque quando mudas para outro país e não porque queres, é porque és obrigado, não tens tempo para isso. Não podes simplesmente começar a aprender o idioma depois de saíres do teu país e ir para outro país

Mustafa refere a falta de apoio e iniciativas por parte do governo quanto à aprendizagem da língua, à procura de casa e emprego, ou qualquer ajuda financeira que facilite o início de uma nova vida. Deste modo, é impossível que os refugiados sírios se possam focar em aprender o idioma ou integrar-se na sociedade. As políticas de integração existentes diz não serem adequadas às necessidades das pessoas.

Because they're not relaxed, they're not comfortable to, I mean, not comfortable in life to think about «ok, let me see how we can do it with the turkish.» (...). No. I mean, the poor family needs first to find bread to eat and to find a job and to find this, and to do this and they have to pay this, and they have to pay that, so they're not comfortable enough to build it and to interact with the society, the Turkish society<sup>230</sup>.

O único apoio do governo que menciona é o apoio dado pela União Europeia, que paga à Turquia para manter os refugiados no país – “and whenever they don't pay them that money, Turkey opens its borders and says «we're gonna send you the Syrians», like we're animals”<sup>231</sup>. Refere, no entanto, que este apoio não é suficiente para uma família subsistir, pois apenas lhes são dadas quinhentas liras mensais por pessoa (cerca de dezassete euros).

Apesar de alguns dos sírios dizerem que Gaziantep e Aleppo são muito semelhantes, Mustafa não o vê da mesma maneira. A única semelhança que refere é a zona do castelo, com os restaurantes e cafés nas ruas ao redor – “but Aleppo castle it was bigger and way older”<sup>232</sup>.

Para si, ficar na Turquia é uma opção segura. No entanto, não imagina uma vida futura em Gaziantep – “because this place, I don't know, It's full of hate”<sup>233</sup>. Não esconde que gostava de regressar à Síria, mas tal é impossível

---

sem nenhum apoio, sem encontrar uma casa, sem encontrar trabalho, precisas de alimentar os teus filhos. Tudo isso leva tempo, não é fácil.

<sup>230</sup> Tradução livre da autora: “Porque eles não estão relaxados, não se sentem confortáveis para, quero dizer, não se sentem confortáveis na vida para pensar sobre 'ok, deixa-me ver como podemos fazer isto com os turcos. (...). Não. Quero dizer, a família pobre precisa primeiro encontrar pão para comer e encontrar um emprego e encontrar isto e para fazer isto, e eles têm que pagar isto, e eles têm que pagar aquilo, então eles não estão confortáveis o suficiente para construí-lo e interagir com a sociedade, a sociedade turca”.

<sup>231</sup> Tradução livre da autora: “e sempre que não lhes pagam esse dinheiro, a Turquia abre as fronteiras e diz «vamos enviar-vos os sírios», como se nós fôssemos animais”.

<sup>232</sup> Tradução livre da autora: “mas o castelo de Aleppo era maior e muito mais antigo”.

<sup>233</sup> Tradução livre da autora: “porque este lugar, não sei, está cheio de ódio”.

enquanto o atual presidente estiver no poder. Caso regressasse, teria de fazer o serviço militar e provavelmente seria detido, devido às publicações que faz nas suas redes sociais contra o governo sírio.

Atualmente, o seu irmão mais velho vive na Europa, o outro irmão em Gaziantep com a esposa, pelo que Mustafa é o único dos filhos a viver com a mãe.

Mesmo tendo a cidadania turca, Mustafa não hesita em orgulhosamente dizer que é sírio – “Syrian, absolutely Syrian. It's a matter of identity, it's not a matter of what kind of citizenship you get”<sup>234</sup>.

A sua paixão pela Síria é evidente - “it's super beautiful, it was so safe”<sup>235</sup>. Diz sentir a falta de tudo no seu país, na sua cidade, das pessoas, dos idosos na rua, de reunir a família na casa dos avós e passarem dias juntos. “Syria, Aleppo, my city, used to be something else, it was so beautiful”<sup>236</sup>.

---

<sup>234</sup> Tradução livre da autora: “sírio, totalmente sírio. É uma questão de identidade, não é uma questão de qual cidadania obténs”.

<sup>235</sup> Tradução livre da autora: “é muito bonita, era tão segura”.

<sup>236</sup> Tradução livre da autora: “A Síria, Alepo, a minha cidade, costumava ser outra coisa, era tão linda”.

## 5. ANÁLISE DE DADOS

A análise deste estudo destaca as diferentes experiências dos jovens ao longo da sua vida e percursos, com foco nas categorias consideradas fundamentais para o sucesso da sua integração no país de acolhimento. Deste modo, compara-se o percurso dos jovens, como decorre a integração em Gaziantep, e as dificuldades e facilidades sentidas pelos mesmos.

Segundo Ager e Strang (2008: 70), uma integração de sucesso na sociedade está relacionada com quatro temas centrais: acesso a emprego, educação, habitação e saúde; cidadania e direitos; relações sociais e relação com a sociedade de acolhimento; contexto cultural e aprendizagem da língua.

Estes foram os principais tópicos abordados com os jovens no que diz respeito à integração em Gaziantep, tendo sido também estes os fatores-chave indicados por eles como fundamentais para uma integração favorável na cidade. Apesar dos diferentes percursos, as histórias de vida dos três mostram que, no que diz respeito às experiências de integração, foram estes os grandes fatores determinantes do seu sucesso.

O principal fator fundamental na integração mencionado pelos jovens é a aprendizagem da língua. Todos consideram que, sem serem fluentes no idioma do país de acolhimento, é impossível uma integração plena. A aprendizagem da língua é um fator decisivo na integração de refugiados e ajuda a criar um sentimento de pertença ao novo país (Memisoglu, 2018), sendo apontado por diversos estudos como a maior barreira à integração de jovens refugiados sírios na Turquia (Dereli, 2018; Özerim & Telli, 2020; Kocak et al., 2021). Nos três casos foi principalmente após a integração na educação ou mercado de trabalho que os jovens desenvolveram a fluência no idioma, através da convivência com a sociedade de acolhimento.

Inicialmente, este foi um obstáculo para os jovens, pois, impossibilitava-os de qualquer comunicação ou convivência com a comunidade local. Após terem superado essa barreira, através de cursos ou do contacto direto com a sociedade de acolhimento, os jovens puderam focar-se noutras esferas da sua vida, como a educação e o acesso ao mercado de trabalho, assim como nas suas relações sociais.

De acordo com Kocak et al. (2021), é no emprego e na educação que há mais contacto dos refugiados sírios com a comunidade local, tal como se confirmou no presente estudo.

Sendo o emprego parte significativa da vida de um jovem adulto, ter condições laborais adequadas e justas torna-se de extrema importância para este sucesso (Şimşek & Çorabatır, 2016: 43). Para além de permitir aos jovens remuneração que lhes garanta as condições básicas de vida, como habitação e alimentação (Ager & Strang, 2008: 170), é onde têm oportunidade de criar relações com a sociedade de acolhimento (Kocak et al., 2021). No caso dos dois jovens que trabalham (Mustafa e Mazen), apesar das diferenças nas experiências, confirmou-se que foi neste contexto que mais contacto tiveram com a comunidade turca.

Mazen foi o único com experiências negativas no mercado laboral, tendo sido discriminado por ser sírio com estatuto de proteção temporária e explorado nos seus direitos laborais e salariais, como acontece com vários jovens sírios no país (Özerim & Telli, 2020). O seu contacto com a sociedade de acolhimento em contexto de trabalho não foi positivo, pois, era maltratado pelos colegas turcos. Apenas após várias experiências em que sempre foi tratado de forma inferior conseguiu uma integração de sucesso neste setor, mas ao trabalhar na área humanitária e com a comunidade síria.

O outro momento referido pelos jovens em que maior contacto tiveram com a sociedade de acolhimento foi durante o percurso escolar. Apesar de os três jovens na chegada a Gaziantep terem sido matriculados em escolas básicas, estas escolas estavam apenas destinadas aos estudantes sírios, o que numa fase inicial não incitou a integração com a comunidade local. Foi na universidade (para os jovens que frequentaram – Maya e Mustafa) que este contacto se iniciou.

No entanto, foi também na universidade que os jovens sentiram discriminação e preconceito por parte de colegas e professores, por serem sírios. Este é um dos obstáculos apontados por refugiados sírios no ensino superior na Turquia, assim como a barreira linguística (Dereli, 2018: 10), tal como Mustafa também referiu na sua experiência educativa.

Sendo a educação formal de extrema importância para um jovem refugiado (Dereli, 2018: 2), o facto de esta ter sido interrompida para um dos jovens (Mazen) prejudicou-o na chegada ao novo país. Falhou no sucesso da integração do jovem a sua situação escolar, da qual se viu forçado a desistir ainda adolescente para integrar o mercado de trabalho. A adoção de responsabilidades de adulto quando ainda era uma criança causou nele uma pressão acrescida (Green, 2021: 44).

Um dos fatores que dificultou a integração dos jovens em Gaziantep relacionou-se principalmente com as relações com a sociedade de acolhimento. Seja no percurso escolar ou em contexto de trabalho, a atitude negativa da comunidade local para com os jovens foi uma constante. Foram vários os momentos em que os três jovens se sentiram discriminados, através de discursos de ódio ou de situações em que foram tratados como seres inferiores.

A discriminação e xenofobia presentes na vida de muitos jovens sírios em Gaziantep (Kocak et al., 2021) contribuem para a exclusão social e são fatores que causam stress psicológico, afetando as relações sociais entre as comunidades (Ramos, 2009: 5). Esta estigmatização e preconceito para com os refugiados sírios causam-lhes mais sofrimento psicológico e impedem-nos de uma integração total na sociedade (Kocak et al., 2021: 1).

Aliado ao stress causado pelas atitudes negativas da sociedade de acolhimento para com os jovens, estão também os traumas que advêm do seu percurso migratório. Jovens que vivem a guerra e experienciam sentimentos de dor, perda e violência numa idade fulcral ao desenvolvimento da sua personalidade podem carregar consigo traumas e problemas do foro psicológico (Cerna, 2019: 26; ICG, 2019: 15).

Os jovens do sexo masculino, que deixaram o país de origem numa fase mais tardia com uma idade mais avançada e, desse modo, vivenciaram os conflitos de forma mais intensa, inevitavelmente foram expostos a um maior número de situações de stress e de privação. Assistiram a violência no país de origem, tiveram medo durante a travessia e incerteza e choque na chegada à Turquia, onde o foco era apenas garantirem as condições básicas de

sobrevivência. Apesar disso, o facto de terem estado sempre acompanhados de familiares próximos deu-lhes segurança e suporte.

A jovem do sexo feminino, devido à idade com que fez a travessia, numa fase muito inicial dos conflitos em que não assistiu a massacres ou bombardeamentos e à facilidade com que a própria travessia ocorreu, não sentiu ter passado dificuldades ou sofrido aquando da mudança.

Os jovens não referem estas vivências dos conflitos na Síria como algo traumático, abordando o tema com naturalidade. Em nenhum dos casos se considera que os traumas e situações violentas a que assistiram possam ter impactado negativamente a sua integração.

Algo que não se verificou na presente investigação foi dificuldade na adaptação à cultura do país de acolhimento, pois, todos os jovens consideram ambas as cidades e culturas bastante idênticas. As semelhanças entre a religião e cultura dos dois países, assim como o facto de serem jovens (Özerim & Telli, 2020) facilitou a adaptação. Não houve, deste modo, uma grande perda da cultura de origem em detrimento da cultura do país de acolhimento, devido à grande comunidade síria já existente na cidade, assim como à presença das famílias com as quais puderam manter os hábitos e idioma do seu país.

Apenas Mazen referiu ter sentido algum confronto entre a vida que tinha na Síria e a que encontrou em Gaziantep. Sentiu o chamado “choque de culturas” (Oberg, 1960 *apud* Sousa, 1999: 55), em que a perda de símbolos familiares e conhecidos gera ansiedade e causa frustração no indivíduo.

As separações e as perdas são frequentemente múltiplas e incluem perdas reais e simbólicas. Para além dos familiares mortos ou perdidos, os refugiados ainda experienciam a perda do lar, da propriedade e dos bens (emprego, estatuto social, estudos). Perdem igualmente o sentido de pertença, coesão social, ligação com a terra ou os antepassados, bem como com a cultura de pertença e seus rituais e tradições (Santinho, 2011: 164).

Houve também uma diminuição do seu estatuto económico e social, como o próprio refere, gerando no jovem uma maior ansiedade quanto à incerteza do seu futuro e garantia das condições básicas de vida. “O refúgio e asilo tende a ser

associado com experiências individuais de «degradação social» (Wong, 1992 *apud* Sousa, 1999: 64). De uma forma geral, a saída forçada do país de origem provoca no indivíduo “uma diminuição no status e tem um impacto na adaptação social, cultural e ao nível da saúde mental” (Joly, 1996: 148 *apud* Sousa, 1999: 57).

A documentação e estatuto legal de um indivíduo aquando de uma migração forçada são também fatores influenciadores da integração social (Sousa et al., 2021: 23; UNHCR, 2013; Sousa, 1999). Devido à política de portas abertas que a Turquia adotou até 2016, que permitia aos sírios entrarem no país sem necessitarem de um visto (Memişoğlu, 2018: 8), a entrada dos jovens e das suas famílias foi facilitada não sendo eles, deste modo, requerentes de asilo ou refugiados segundo a Convenção da Organização das Nações Unidas de Genebra de 1951.

Dois dos jovens obtiveram após a sua chegada a autorização de residência e, mais tarde, a cidadania. Apenas um dos jovens (Mazen) esteve numa situação de ilegalidade aquando da chegada, obtendo o estatuto de proteção temporária apenas em 2016. Todos tinham passaportes e fizeram a travessia de forma legal, o que atenuou o stress, medo e ansiedade próprios de uma migração forçada.

O jovem cuja integração se considera ter sido a mais dificultada, devido às más experiências em contexto laboral, interrupção do percurso escolar e situações de discriminação referidas por ele, foi precisamente aquele que detém o estatuto de proteção temporária. O facto de este estatuto poder ser a qualquer momento suspenso, e o jovem ser obrigado a regressar ao seu país de origem caso as condições ali melhorem (Şimşek & Çorabatır, 2016: 116), gera incerteza e insegurança e impossibilita a integração total na sociedade de acolhimento (Şimşek & Çorabatır, 2016: 110; AIDA, 2022b).

Uma das características do estatuto de proteção temporária é a falta de liberdade de movimentos (UNHCR, 2018b), sendo outro dos fatores que não permite ao jovem uma integração total de sucesso, por restringir a procura de emprego em cidades onde há mais oferta (Skribeland, 2023: 37) e não lhe conceder liberdade para se deslocar.

A falta de políticas de integração e coesão social na Turquia focadas nos jovens refugiados sírios, e a falta de fundos e apoios a ONG's que trabalham com este público-alvo (Şimşek & Çorabatır, 2016) é também apontado pelos jovens como um dos obstáculos à integração. “O êxito do processo de adaptação depende menos daquilo que os imigrantes trazem consigo e mais de como são acolhidos pelo governo e sociedade recetoras” (Portes, 1999: 3 *apud* Sousa, 1999: 65). Mazen, um dos jovens que trabalha numa ONG com a comunidade síria, refere que: “even if you're doing humanitarian work for people, they don't help to integrate, they don't make it easier for you”<sup>237</sup>.

Após viverem em Gaziantep há já vários anos, considera-se que o fator que impede os jovens com a cidadania turca (Maya e Mustafa) de atingirem uma total integração são principalmente as relações com a sociedade de acolhimento. Os jovens encontram-se bem integrados nas outras esferas consideradas fundamentais – dimensão legal e económica (UNHCR, 2013) e usufruem dos mesmos direitos e oportunidades que os nacionais do país de acolhimento (European Council on Refugees and Exile, 1999: 29). Para Maya e Mustafa, o facto de terem obtido numa fase considerada inicial a autorização de residência e, mais tarde, a cidadania reduziu o estigma associado ao estatuto de refugiado e permitiu que se focassem numa integração a longo prazo (Şimşek & Çorabatır, 2016: 27).

No caso de Mazen, apesar de ter atingido uma integração de sucesso no setor laboral e na aprendizagem da língua, ter o estatuto de proteção temporária não lhe permite uma total integração, devido à insegurança que sente quanto à sua situação legal e falta de liberdade de movimentos (Şimşek & Çorabatır, 2016: 110).

Na Turquia, 46% dos jovens refugiados sírios não estão integrados nem no sistema educativo, nem no mercado de trabalho (Özerim & Telli, 2020: 62). Apesar de estes dados demonstrarem que quase metade da população jovem síria no país estão desviados de duas áreas de extrema importância para a sua integração (Dereli, 2018: 2; Şimşek & Çorabatır, 2016: 43), no presente estudo tal não se verifica. Todos os jovens atualmente se encontram integrados em uma das

---

<sup>237</sup> Tradução livre da autora: “mesmo se estiveres a fazer trabalho humanitário para outras pessoas, eles não ajudam a integrar, não o fazem fácil para ti”.

duas esferas referidas. Aquando da chegada a Gaziantep, foram todos de seguida inscritos no sistema educativo, tendo apenas um desistido da escola após um ano, devido à instabilidade financeira da sua família e necessidade que o jovem trabalhasse. Maya integra o ensino superior, esperando terminar a universidade para posteriormente ingressar no mercado laboral, e Mustafa já aí se encontra integrado, após ter concluído os estudos universitários.

Os três jovens mantêm uma relação próxima com a sociedade e cultura de origem e, quanto às possibilidades de regresso ao país de origem, todos manifestaram vontade para tal se houver alteração no governo, fim dos conflitos e melhoria das condições de pobreza. Esta ideia de regresso era no início mais marcada, pois, todos esperavam que a mudança fosse algo temporário, acabando por se atenuar ao longo dos anos à medida que a integração na cidade decorreu. “O tempo é um fator importante porquanto os acontecimentos e circunstâncias podem confirmar a situação de exílio ou torná-la menos definitiva à medida que o tempo passa” (Sousa, 1999: 60).

A vontade de regressar à Síria mantém-se nos três casos, mas atualmente tal cenário não é possível, pois, implicaria a queda do governo. Caso regressassem com o mesmo regime no poder, os três jovens estariam sujeitos a serem presos e acusados de traição.

Todas as saídas dos jovens da Síria foram previamente planeadas e programadas por elementos da família, o que facilitou a integração, contrariamente ao que acontece com indivíduos cuja mudança é repentina, em que os traumas associados são maiores (Ramos, 2009: 4).

Devido à possibilidade de preparação para tal mudança, através do contacto com familiares próximos já estabelecidos em Gaziantep com emprego e condições para os receber, a ansiedade e medo relacionados com a incerteza do futuro foram atenuados. O facto de os jovens aquando da mudança para Gaziantep já terem aí uma rede de contactos estabelecida ajudou neste processo. “A entidade mais básica das redes sociais, e a que mais influência detém, pela forte componente de interesse mútuo e de confiança, é o agregado familiar” (Sousa, 1999: 45). A existência prévia de relações com indivíduos que já habitam na cidade ou país de acolhimento é apontado por Dorais (1988 *apud* Sousa,

1999: 56) como um fator que favorece a integração, o que se confirmou neste estudo.

No entanto, esta preparação para a fuga criou nos jovens altas expectativas que, ao não terem sido previamente geridas nem cumpridas aquando da chegada a Gaziantep, lhes causou um maior choque e retardou o processo de integração, principalmente no caso de Mazen, como o mesmo refere. “Integração é, simultaneamente, um processo de adaptação e gestão de expectativas e de frustrações, quer dos refugiados, quer da sociedade de acolhimento” (Sousa et. al, 2021: 19).

A integração de refugiados no país de acolhimento exige adaptação e esforço não só da sociedade de acolhimento, mas também dos refugiados - “Integration requires efforts by all parties concerned”<sup>238</sup> (UNHCR, 2013). A adoção de estratégias de defesa por parte dos jovens optando por se isolarem da comunidade local, de forma a não sofrerem maus-tratos ou discriminação, acaba por ser uma barreira à integração.

Verifica-se que, comum a todos os jovens é esta falta de contacto com a sociedade de acolhimento, maioritariamente por decisão dos próprios em não criar relações fora da comunidade síria. O contacto que têm com a comunidade turca acaba por ser em situações onde não têm outra opção, como no emprego ou universidade (Lemos, 2021). Isto cria um problema à integração e coesão social pois, se a sociedade de acolhimento tem uma visão negativa dos refugiados e estes, por sua vez, optam por se isolarem dentro da comunidade do país de origem, a barreira existente entre as duas comunidades mantém-se.

Nas diferentes fases do percurso dos jovens verificam-se semelhanças no que diz respeito à sua integração. Aquando do início dos conflitos na Síria, todos os jovens se mudaram a outra parte da cidade, mais segura, continuando uma “vida normal”, com escola, família reunida e pouca noção por parte dos mesmos do que decorria no país à sua volta. À medida que as condições no país se foram deteriorando, foi surgindo neles uma maior ansiedade e medo em relação ao futuro e aumentando a vontade de mudança para um país onde a sua vida e das suas famílias não estivessem em causa.

---

<sup>238</sup> Tradução livre da autora: “Integração requer esforços de todas as partes envolvidas” (UNHCR, 2013).

Já na parte da travessia houve um misto de sensações, de tristeza e saudosismo por deixarem a Síria, mas alívio e felicidade pela possibilidade de recomeço num lugar longe de guerras e conflitos, com a família reunida.

Aquando em Gaziantep, esses sentimentos foram ainda uma constante, mas houve uma vontade e esperança de melhoria das suas condições de vida. Inicialmente, antes da integração dos jovens na escola, todos sentiram uma certa tristeza e isolamento da comunidade por não saberem a língua, nem terem criado relações de amizade com outras crianças. Foi com o início do seu percurso escolar na cidade que criaram relações, apesar de a maioria ter sido com a comunidade síria. Coincidentemente com a frequência da escola para Maya e Mustafa, e iniciação no mercado laboral para Mazen, já num momento mais avançado após as suas chegadas, deu-se a aprendizagem da língua turca que, apesar de bem-sucedida, foi um processo lento que demorou alguns anos até se considerar como concluído.

Atualmente, os jovens têm vidas estabelecidas e estáveis na cidade nos diversos setores, principalmente na educação, mercado laboral, aprendizagem da língua, cultura e vida familiar. Maya e Mustafa têm a sua situação legal também segura, sendo Mazen o único neste setor com insegurança e instabilidade. Nas relações sociais foi onde os três jovens não atingiram o sucesso, devido ao afastamento propositado que criaram, às poucas relações quem têm com a comunidade turca, e à xenofobia e discriminação constantes da sociedade de acolhimento para com os refugiados sírios.

## 6. CONCLUSÕES

A integração local é uma das soluções duradouras propostas pelo ACNUR para os refugiados (UNHCR, 2005: 137). Aquando de uma migração forçada, como no caso dos jovens apresentados, é fundamental que esta integração seja facilitada, quer por parte dos refugiados em si, como da sociedade de acolhimento e governos responsáveis (UNHCR, 2013).

As histórias de vida apresentadas mostram todo o percurso dos jovens, desde as suas memórias mais antigas, relacionadas com os tempos na Síria, às suas atuais vivências em Gaziantep, dando a conhecer a realidade dos jovens refugiados sírios na cidade, e a forma como lidaram com a mudança para um novo país. “Os refugiados e requerentes de asilo são, acima de tudo, pessoas com as suas próprias contradições, estratégias de sobrevivência ou integração, desejos e ambições, alegrias e também sofrimentos” (Santinho, 2011: 162).

Houve uma passagem repentina de uma vida dita normal dos jovens no país de origem, com condições favoráveis, memórias felizes e existência de planos e sonhos futuros para o incerto e, conseqüentemente, uma necessidade de adaptação à nova realidade e criação de um novo plano e objetivo de vida.

Os percursos e travessias dos jovens, apesar de alguns terem sido atribulados, não mostraram ter impactado diretamente o sucesso ou insucesso da integração. Terem passado por este processo numa idade tão jovem e acompanhados de familiares próximos atenuou sentimentos relacionados com medo e ansiedade e facilitou a adaptação às condições na nova cidade (Özerim & Telli, 2020).

As histórias de vida confirmaram a complexidade do processo de integração de refugiados e os inúmeros setores na qual ela sucede em simultâneo. A integração dos jovens refugiados sírios em Gaziantep ocorre através da inclusão dos indivíduos em estruturas fundamentais da sociedade, como a escola e o mercado laboral, da regularização das suas situações legais, da aprendizagem da língua como facilitadora da comunicação e criação de relações com a sociedade de acolhimento, e da predisposição dos jovens à adaptação cultural e novo contexto em que habitam. Estes foram os principais

fatores que permitiram aos jovens integrar-se de forma bem-sucedida em Gaziantep.

Houve, no entanto, dificuldades e obstáculos ocorridos nestes setores, como o abandono escolar ou a obtenção do estatuto de proteção temporária, no caso de Mazen, que impactaram negativamente a sua integração, sendo ele o jovem que se considera ter tido a integração menos bem-sucedida.

As relações com a sociedade de acolhimento é o outro ponto negativo que se destaca neste processo, quer por parte dos três jovens que escolheram afastamento, quer por parte da própria sociedade de acolhimento que mantém atitudes discriminatórias e xenófobas para com os refugiados sírios, como se verificou nos vários exemplos mencionados nas histórias de vida.

Os três jovens sabem as implicações de um regresso em segurança ao país de origem e, atualmente, o regresso não é possível. No entanto, todos mantêm uma ligação muito próxima com a Síria e continuam a ter presente na sua vida uma vontade e desejo para que tal regresso aconteça no futuro.

Apesar de expostos a inúmeras situações de stress, medos, ansiedade e obstáculos mais ou menos intensos, conforme os diferentes percursos, os três jovens são exemplos de resiliência e superação, ao terem encontrado o seu lugar e se integrado numa nova cidade e país onde foram forçados a iniciar uma nova vida.

Reconhece-se que a investigação em questão apresenta certas limitações, nomeadamente relativas à amostra de participantes e características dos jovens.

Uma especificidade deste estudo é o facto de haver dois estudantes universitários entre os participantes que, devido ao alto nível de educação que têm, demonstram uma maior capacidade crítica e de reflexão para temas relacionados com as migrações forçadas e políticas de integração.

Para além dos dois estudantes universitários, é de referir que os dois jovens inseridos no mercado laboral trabalham no campo humanitário. Assim, são jovens com uma maior sensibilidade sobre a questão dos refugiados sírios na Turquia e integração dos mesmos. Devido ao setor onde trabalham, contactam também diariamente com inúmeros sírios em Gaziantep, dos quais recolhem informação sobre o tema e partilham experiências.

O facto de como critério de escolha dos participantes estar o nível avançado de inglês, para que pudessem ter uma comunicação fluída com a investigadora, é outra das limitações apontadas. Apesar de, como se verifica no caso de Mazen, não estar relacionado com o alto nível de educação, é uma amostra muito específica de jovens que apresentam maiores capacidades linguísticas e uma maior predisposição para o contacto com outras culturas.

Deste modo, seja pelo seu contexto laboral ou nível de educação, os três jovens fazem parte de um grupo específico não representativo de toda a comunidade de jovens sírios em Gaziantep. Apesar disso, permite analisar igualmente as variantes que a pesquisa quantitativa não consegue, através da realidade, conhecimento e experiências individuais de jovens refugiados que vivenciam a integração em Gaziantep.

Segundo a Convenção da Organização das Nações Unidas de Genebra de 1951, os estados signatários devem facilitar a integração dos refugiados, o que não acontece na Turquia (AIDA, 2021).

Fundamental para uma integração de sucesso dos jovens refugiados sírios na Turquia é promover a aprendizagem do idioma assim que os jovens chegam ao novo país, seja através de cursos gratuitos em centros comunitários, aulas de apoio nas escolas ou a criação de plataformas online para tal.

Outra recomendação prende-se com a importância em manter os jovens sírios no sistema educativo turco e promover ações educativas, dentro e fora das escolas, que incentivem a coesão social entre as duas comunidades. Nas escolas devem ainda existir redes de suporte, como psicólogos ou tradutores, para ajudar os jovens a lidar com os traumas que carregam e no seu processo de integração. Para além disso, deve-se facilitar as condições de acesso ao ensino superior para um jovem sírio, igualando o número de vagas disponíveis entre sírios e turcos.

Atualmente, o estatuto de proteção temporária não contém a obrigação do estado em facilitar a integração dos beneficiários (Şimşek & Çorabatır, 2016: 18), e exclui os mesmos da possibilidade de uma integração a longo prazo (AIDA, 2021). A reformulação deste estatuto, permitindo aos beneficiários moverem-se entre distritos e terem a possibilidade de registo em outras zonas que não apenas a cidade de chegada, aliviaria a sobrelotação nas cidades fronteiriças.

A liberdade de movimentos concedida a estes indivíduos melhoraria ainda o acesso ao mercado de trabalho, ao permitir que se deslocassem para cidades onde há uma maior oferta de emprego. Seria importante também reformular as condições deste acesso, promover a igualdade de direitos para evitar formas de exploração, reformular as condições dos vistos de trabalho e dependência do empregador.

Sendo um dos maiores problemas apresentados as relações sociais com a comunidade turca, a aceitação por parte da sociedade de acolhimento da durabilidade da permanência dos refugiados sírios, a adoção da palavra “integração” no discurso público e nos meios de comunicação social, a realização de ações de sensibilização para o tema junto da comunidade local seriam fulcrais para o sucesso da integração deste grupo.

É importante que se criem políticas de combate à discriminação e xenofobia, iniciativas de coesão social (culturais, desportivas) seja em escolas, centros comunitários, associações, espaço público, e se promova o contacto entre as duas comunidades e as diferentes culturas existentes, de forma a reduzir o preconceito e exclusão social associados a este grupo.

Os jovens refugiados sírios devem ainda ser ouvidos e dar a conhecer a sua perspetiva, para que haja uma melhor compreensão das especificidades do grupo, e as políticas de integração possam corresponder às verdadeiras necessidades desta população.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abdelaaty, L. (2019). Refugees and Guesthood in Turkey. *Journal of Refugee Studies*, 34 (3), pp. 2827–2848. Recuperado de:

<https://academic.oup.com/jrs/article/34/3/2827/5625572>

ACNUR (1951). *Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados*. Geneva.

Recuperado de:

[https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao\\_relativa\\_ao\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados.pdf](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf)

ACNUR (2021). *Apenas 34% dos jovens refugiados estão matriculados no ensino secundário*. ACNUR Brasil. Recuperado de: <https://www.acnur.org/portugues/2021/09/07/apenas-34-dos-jovens-refugiados-estao-matriculados-no-ensino-secundario/>

ACNUR (2022). *Onze anos depois, a Síria continua sendo a maior crise de deslocamento forçado do mundo*. ACNUR Brasil. Recuperado de:

<https://www.acnur.org/portugues/2022/03/15/onze-anos-depois-a-siria-continua-sendo-a-maior-crise-de-deslocamento-forcado-do-mundo/>

Ager, A. & Strang, A. (2008). Understanding Integration: A Conceptual Framework. *Journal of Refugee Studies*, 21 (2), pp. 166-191.

Ahmadzadeh, H. et al., (2014). *Ensuring quality education for young refugees from Syria. Mapping exercise on quality education for young refugees from Syria (12-25 years)*. Refugee Studies Centre. University of Oxford. Recuperado de: <https://www.unhcr.org/us/sites/en-us/files/legacy-pdf/584698257.pdf>

Akar S. & Erdoğan M. (2018). Syrian Refugees in Turkey and Integration Problem Ahead. *Journal of International Migration and Integration*, 20, pp. 925–940. Recuperado de: <https://doi.org/10.1007/s12134-018-0639-0>

Al Balushi, K. (2016). The use of online semi-structured interviews in interpretive research. *International Journal of Science and Research (IJSR)*, 57(4), pp. 726-732.

Asylum Information Database (AIDA). (2021). *Country Report – Turkey*. European Council on Refugees and Exiles. Recuperado de: [https://asylumineurope.org/wp-content/uploads/2022/07/AIDA-TR\\_2021update.pdf](https://asylumineurope.org/wp-content/uploads/2022/07/AIDA-TR_2021update.pdf)

Asylum Information Database (AIDA). (2022). Registered temporary protection beneficiaries - Statistics Turkey. Recuperado a 4 de novembro de 2023, <https://asylumineurope.org/reports/country/turkey/statistics/>

Asylum Information Database (2022b). *Country Report – Turkey*. European Council on Refugees and Exiles. Recuperado de: [https://asylumineurope.org/wp-content/uploads/2023/07/AIDA-TR\\_2022-Update.pdf](https://asylumineurope.org/wp-content/uploads/2023/07/AIDA-TR_2022-Update.pdf)

Aslan, M. & Yilmaz, J. (2019). Pathways towards social inclusion of refugees in Turkey. *Turkish Policy Quarterly*, 18 (1), pp. 33-42.

Atkinson, R. (2002). The life story interview. Em J. F. Gubrium & J. A. Holstein (Eds.), *Handbook of interview research: Context & method*, pp. 121-140. Sage Publications.

Baban, F. et al (2016). Syrian refugees in Turkey: pathways to precarity, differential inclusion, and negotiated citizenship rights. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 43 (1). Recuperado de: [https://www.researchgate.net/publication/303867764\\_Syrian\\_refugees\\_in\\_Turkey\\_pathways\\_to\\_precarity\\_differential\\_inclusion\\_and\\_negotiated\\_citizenship\\_rights](https://www.researchgate.net/publication/303867764_Syrian_refugees_in_Turkey_pathways_to_precarity_differential_inclusion_and_negotiated_citizenship_rights)

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Barichello, S. E., & de Araujo, L. E. B. (2015). Aspetos históricos da evolução e do reconhecimento internacional do status de refugiado. *Revista Do Direito*, 46, pp. 104-134. Recuperado de: <https://doi.org/10.17058/rdunisc.v2i46.4507>

Castles, S. et al. (2001). *Integration: Mapping the Field* (Home Office Online Report 29/03). London: Home Office.

Cerna, L. (2019). Refugee education: *Integration models and practices in OECD countries* (OECD Education Working Paper 203). OECD.

Carmo, R.M. (2009). Um Olhar sobre a Pobreza: Vulnerabilidade e Exclusão Social no Portugal Contemporâneo [Resenha de *Um olhar sobre a pobreza: Vulnerabilidade e exclusão social no Portugal contemporâneo*, por Costa, A., et al.]. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 59, pp. 163-167.

Costa, P. (2015). O interculturalismo político e a integração dos imigrantes: o caso português. *Política & Sociedade - Revista de Sociologia Política*, 14 (30), pp. 56-71.

Couldrey, M. & Herson, M. (2012). Being young and out of place. *Forced Migration Review*, 4. Refugee studies centre. Recuperado de: <https://www.fmreview.org/young-and-out-of-place>

Conselho da União Europeia (2001). Diretiva 2001/55/CE do Conselho de 20 de julho de 2001. *Jornal Oficial das Comunidades Europeias*. Recuperado de: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/ALL/?uri=CELEX:32001L0055>

Conselho da União Europeia (2011). Diretiva 2011/95/UE do Parlamento Europeu e do Conselho de 13 de dezembro de 2011. *Jornal Oficial das Comunidades Europeias*. Recuperado de: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=CELEX:32011L0095>

Crisp, J. (2004). *The local integration and local settlement of refugees: a conceptual and historical analysis* (Working Paper 102). UNHCR.

Davis, R. et al (2014). *Refugees from Syria*. Cultural Orientation Resource Center.

Dereli, B. (2018). *Refugee Integration through Higher Education: Syrian Refugees in Turkey*. United Nations University, Institute on Globalization, Culture and Mobility. Recuperado de: [https://i.unu.edu/media/gcm.unu.edu/publication/4405/Final\\_Begu%CC%88m-Dereli\\_Policy-Report.pdf](https://i.unu.edu/media/gcm.unu.edu/publication/4405/Final_Begu%CC%88m-Dereli_Policy-Report.pdf)

D'Ignoti, S. & Jarroud, A. (2022). *Victims of a Forgotten War, Syrians Build a New Aleppo Next Door*. Bloomberg. Recuperado de: <https://www.bloomberg.com/news/features/2022-12-02/refugees-of-syria-civil-war-build-memories-of-aleppo-across-the-border-in-turkey>

Edwards, A. (2015). *Refugiado ou Migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto*. ACNUR Brasil. Recuperado de: <http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/>

Erdoğan, M. (2017). *Urban Refugees from “detachment” to “harmonization” - Syrian Refugees and Process Management of Municipalities: The Case of Istanbul*. Marmara Policy Workshop, Marmara Municipalities Union’s Center for Urban Policies. Recuperado de: [https://mmuraterdogan.files.wordpress.com/2016/06/mmu-urban-refugees-report-2017\\_en.pdf](https://mmuraterdogan.files.wordpress.com/2016/06/mmu-urban-refugees-report-2017_en.pdf)

Erdoğan, M. (2019). *Syrian Refugees in Turkey*. Konrad Adenauer Stiftung. Recuperado de: <https://www.kas.de/documents/283907/7339115/Syrian+Refugees+in+Turkey.pdf/5d3d4091-e56d-3c42-2a9c-4e7f5d98706f?version=1.0&t=1571303379232>

Esen, O. (2022). *University study offers way to integrate Syrian refugees*. University World News. Recuperado de: <https://www.universityworldnews.com/post.php?story=20220203061816422>

European Commission (2020). *Action Plan on Integration and Inclusion 2021-2027*. Recuperado de: [https://home-affairs.ec.europa.eu/system/files\\_en?file=2020-11/action\\_plan\\_on\\_integration\\_and\\_inclusion\\_2021-2027.pdf](https://home-affairs.ec.europa.eu/system/files_en?file=2020-11/action_plan_on_integration_and_inclusion_2021-2027.pdf)

European Council on Refugees and Exiles (1999). *Good practice guide on the integration of refugees in the European Union*. Brussels: ECRE.

Fonseca, L. et al. (2005). *Reunificação familiar e imigração em Portugal*. Observatório da Imigração, 15. Recuperado de: [https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/177157/Estudo\\_OI\\_15.pdf/ac714494-8c6c-434e-b207-1b184a4331f4](https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/177157/Estudo_OI_15.pdf/ac714494-8c6c-434e-b207-1b184a4331f4)

Garcia, H. (2017). *A União Europeia e a Crise Migratória. O terrorismo e o conflito sírio* (Dissertação de mestrado). Universidade de Coimbra. Recuperado de: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/85603>

Green, J. (2021). *Final Word. Staying the Course - The Challenges Facing Refugee Education*. UNHCR.

Gultekin, M. (2018). The Social Solidarity and Interaction Points of the Syrian Refugees in Gaziantep. *Turkish Studies*, 13 (26). International Balkan University.

Hathaway, J. (1990). A Reconsideration of the Underlying Premise of Refugee Law. *Harvard International Law Journal*, 31 (1), pp. 129-147. Recuperado de: [http://www.mcrq.ac.in/RLS\\_Migration\\_2019/Readings\\_MODULE\\_F/Hathaway\\_Underlying%20Premise%20of%20Refugee%20Law.pdf](http://www.mcrq.ac.in/RLS_Migration_2019/Readings_MODULE_F/Hathaway_Underlying%20Premise%20of%20Refugee%20Law.pdf)

Hirose, C. (2021). *A Proteção Internacional dos Refugiados antes de 1951: o contexto da Liga das Nações e a OIR*. Cosmopolita. Recuperado de: <https://www.cosmopolita.org/post/a-prote%C3%A7%C3%A3o-internacional-dos-refugiados-antes-de-1951-o-contexto-da-liga-das-na%C3%A7%C3%B5es-e-a-oir>

ICG (2019). *Mitigating risks for Syrian refugee youth in Turkey's Şanlıurfa* (Crisis Group Europe Report 253). International Crisis Group,. Recuperado de: <https://reliefweb.int/report/turkey/europe-report-n-253-mitigating-risks-syrian-refugee-youth-turkey-s-anl-urfa-entr>

İçduygu, A. (2015). *Syrian Refugees in Turkey: The Long Road Ahead*. Migration Policy Institute.

İçduygu, A. & Millet, E. (2016). *Syrian Refugees in Turkey: Insecure Lives in and Environment of Pseudo-integration* (IAI Working Paper 13). Istituto Affari Internazionali (IAI).

İçduygu, A. & Osseiran, S. (2022). *Syrian Refugees in Istanbul and Gaziantep: Comparative Findings on Settlement, Livelihood and Support*. Chr. Michelsen Institute. Recuperado de: <https://www.cmi.no/publications/8332-syrian-refugees-in-istanbul-and-gaziantep-comparative-findings-on-settlement>

Jacobsen, K. (2001). *New issues in refugee research. The forgotten solution: local integration for refugees in developing countries* (Working paper 45). UNHCR. Recuperado de: <https://www.unhcr.org/3b7d24059.pdf>

Janghorban, R. et al. (2014). Skype interviewing: The new generation of online synchronous interview in qualitative research. *International journal of qualitative studies on health and well-being*, 9 (1).

Kirdar, M. et al. (2022). School Integration of Syrian Refugee Children in Turkey. *Centre for Research & Analysis of Migration*, 17 (22). Recuperado de: [https://www.cream-migration.org/publ\\_uploads/CDP\\_17\\_22\\_1.pdf](https://www.cream-migration.org/publ_uploads/CDP_17_22_1.pdf)

Kirişçi, K. et al. (2018). *Syrian Refugees in Turkey beyond the numbers*. Brookings Institution. Recuperado de: <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2018/06/19/syrian-refugees-in-turkey-beyond-the-numbers/>

Kocak, O. et al. (2021). Determination of Social Exclusion Among Young Syrian Refugees Living in Turkey. *European Journal of Environment and Public Health*, 5 (2). Recuperado de: <https://doi.org/10.21601/ejeph/10908>

Law on Foreigners and International Protection (2013). Lei nº 6458. *The Official Gazette*, 53 (5). Recuperado de: [https://www.unhcr.org/tr/wp-content/uploads/sites/14/2017/04/LoFIP\\_ENG\\_DGMM\\_revised-2017.pdf](https://www.unhcr.org/tr/wp-content/uploads/sites/14/2017/04/LoFIP_ENG_DGMM_revised-2017.pdf)

League of Nations (1992). Pacte de la Société des Nations. *Société des Nations Journal Officiel*. Recuperado de: [https://libraryresources.unog.ch/ld.php?content\\_id=32971179](https://libraryresources.unog.ch/ld.php?content_id=32971179)

Lemos, R. (2021). Desafios no processo de integração dos refugiados em Portugal. *NOVA Refugee Clinic Blog*. Recuperado de: [https://novarefugeelegalclinic.novalaw.unl.pt/?blog\\_post=desafios-no-processo-de-integracao-dos-refugiados-em-portugal](https://novarefugeelegalclinic.novalaw.unl.pt/?blog_post=desafios-no-processo-de-integracao-dos-refugiados-em-portugal).

Magano, O. (2010). *Tracejar vidas normais: estudo qualitativo sobre a integração social de indivíduos de origem cigana na sociedade portuguesa* (Tese de doutoramento). Universidade Aberta. Recuperado de: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1750>

Maguire, S. (2012). Putting adolescents and youth at the centre. *Forced Migration Review*, 40. Refugee studies centre. Recuperado de: <https://www.fmreview.org/young-and-out-of-place>

Makovsky, A. (2019). *Turkey's Refugee Dilemma*. Center for America Progress. Recuperado de: <https://www.americanprogress.org/article/turkeys-refugee-dilemma/>

Matias, G. (2016). *Migrações e Cidadania*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Memişoğlu, F. (2018). *The Syrian Community in Turkey: Perspectives, Prospects, and Policies*. Center for Public Policy and Democracy Studies. PODEM Publications. Recuperado de: <http://podem.org.tr/en/researches/the-syrian-community-in-turkey-perspectives-prospects-and-policies/>

Memişoğlu, F. & Ilgit, A. (2016). Syrian refugees in Turkey: multifaceted challenges, diverse players and ambiguous policies. *Mediterranean Politics*, 22 (3).

MIPEX (2020). Turkey. Migrant Integration Policy Index. Recuperado de: <http://mipex.eu/turkey>

- Nações Unidas, 1967. *Protocolo de 1967 relativo ao estatuto dos refugiados*. Recuperado de:  
[https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Protocolo\\_de\\_1967\\_Relativo\\_ao\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados.pdf](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Protocolo_de_1967_Relativo_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf)
- Nações Unidas, 2004. *Ficha informativa nº20 - Direitos Humanos e Refugiados*. Recuperado de:  
[https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/pdf/ficha\\_informativa\\_20\\_direitos\\_refugiados.pdf](https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/pdf/ficha_informativa_20_direitos_refugiados.pdf)
- Najjar, A. (2018). *Damage Caused by the Syrian Civil War: What the Data Say*. Towards Data Science. Recuperado de: <https://towardsdatascience.com/damage-caused-by-the-syrian-civil-war-what-the-data-say-ebad5796fca8>
- Nielsen, S. (2016). Perceptions Between Syrian Refugees and Their Host Community. *Turkish Policy Quarterly* 15 (3). Recuperado de:  
<http://turkishpolicy.com/article/832/perceptions-between-syrian-refugees-and-their-host-community>
- OIM (2009). Glossário sobre Migração. *Direito Internacional da Migração*, 22. Recuperado de: <https://www.acm.gov.pt/documents/10181/65144/Gloss%C3%A1rio.pdf/b66532b2-8eb6-497d-b24d-6a92dadfee7b>
- ORSAM (2015). Effects of the Syrian Refugees in Turkey. *Center for Middle Eastern Strategic Studies*, 195.
- Özerim, Y. & Telli, M. (2020). *Situation and need analysis study report to improve support mechanisms for young refugees in Turkey*. Yasar University. Recuperado de: <https://www.genmulteciler.org/wp-content/uploads/2020/10/situation-and-need-analysis-study-report-to-improve-support-mechanisms-for-young-refugees-in-turkey.pdf.pdf>
- Pires, R. (1999). Uma Teoria dos Processos de Integração. *Sociologia – Problemas e práticas*, 30, pp. 9-54. Recuperado de: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/880/1/1.pdf>
- Ramos, N. (2009). Saúde, Migração e Direitos Humanos. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 17 (1), pp. 1-11.
- Republic of Türkiye Ministry of Interior (2022). International Protection. Recuperado a 30 de janeiro de 2024. Recuperado de: <https://en.goc.gov.tr/international-protection17>
- Robinson, L. & Mitchell, I. (2019). *Turkey's Refugee Policy and Its Commitment to Development*. Center For Global Development. Recuperado de:  
<https://www.cgdev.org/blog/turkeys-refugee-policy-and-its-commitment-development>
- Santinho, C. (2009). Reconstruindo Memórias: jovens refugiados em Portugal. *Saúde Soc. São Paulo*, 18 (4), pp.582-589.

Santinho, C. (2011). *Refugiados e requerentes de asilo em Portugal: contornos políticos no campo da saúde* (Tese de doutoramento). ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

Santos, B. (2001). Para uma Conceção Multicultural dos Direitos Humanos. *Contexto Internacional*, 23 (1), pp. 7-34. Recuperado de: <http://www.ces.uc.pt/emancipa/research/pt/ft/intromulti.html>

Sari, E. & Dinçer, C. (2017). Toward a New Asylum Regime in Turkey? *Movements: Journal for Critical Migration and Border Regime Studies*, 3 (2), pp. 59-80.

Silva, E. (2013). As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais. *Revista Angolana de Sociologia*, 12. Recuperado de: <http://journals.openedition.org/ras/740>

Simon, A. (2021). *Neither here nor there. Syrians in Turkey, suspended in time*. Synaps. Recuperado de: <https://synaps.network/post/syrian-refugees-turkey>

Simões, R. (2021). *O que foi e como terminou a Primavera Árabe?* BBC News Brasil. Recuperado de: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55379502>

Şimşek, D. & Çorabatır, M. (2016). *Challenges and Opportunities of Refugee Integration in Turkey*. Research Centre on Asylum and Migration (IGAM). Recuperado de: [https://tr.boell.org/sites/default/files/hb\\_rapor\\_duezt\\_1904173.pdf](https://tr.boell.org/sites/default/files/hb_rapor_duezt_1904173.pdf)

Şimşek, D. (2021). Forced Displacement and Access to the Labour Market: The Case of Gaziantep. *Refugee Watch*, 58. Recuperado de: <https://eprints.kingston.ac.uk/id/eprint/51228/1/Simsek-D-51228-VoR.pdf>

Skribeland, O. (2018). *Seeking asylum in Turkey - A critical review of Turkey's asylum laws and practices*. NOAS. Recuperado de: [https://www.noas.no/wp-content/uploads/2019/02/Tyrkia-2018-Update\\_Web.pdf](https://www.noas.no/wp-content/uploads/2019/02/Tyrkia-2018-Update_Web.pdf)

Skribeland, O. (2023). Addressing challenges to integrating refugees in the Turkish labour market. *Forced Migration Review*, 71. Refugee studies centre. Recuperado de: <https://www.fmreview.org/issue71/skribeland>

Sousa, L. (1999). *Percursos de inserção de refugiados em Portugal: sós ou acompanhados? – Um estudo sobre as dificuldades de inserção de refugiados em Portugal* (Dissertação de Mestrado). Universidade Aberta.

Sousa, L. et al. (2021). *Integração de refugiados em Portugal: o papel e práticas das instituições de acolhimento*. Observatório das Migrações, 68.

Turgut, S. (2015). The influences of Syrian refugees on the cities of Turkey: Gaziantep case. *Sustainable Development and Planning VII*, 193, pp. 691-697.

Turkish Labor Law (2016). *Types of International Protection in Turkey*. Recuperado de: <https://turkishlaborlaw.com/faq/types-of-international-protection-in-turkey/>

UNHCR (2005). *Self-study module 1: An Introduction to International Protection: Protecting persons of concern to UNHCR*. Recuperado de: <https://www.unhcr.org/media/self-study-module-1-introduction-international-protection-protecting-persons-concern-unhcr>

UNHCR (2010). *Convention and Protocol Relating to the Status of Refugees*. Geneva.

UNHCR (2013). *A new beginning: Refugee integration in Europe*. Refugee Integration Capacity and Evaluation. Recuperado de: <https://www.unhcr.org/fr-fr/en/media/new-beginning-refugee-integration-europe>

UNHCR (2016). *Global Trends - Forced Displacement in 2015*. Recuperado de: <https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/576408cd7/unhcr-global-trends-2015.html>

UNHCR (2018). *Turkey Fact Sheet September 2018*. Recuperado de: <https://www.unhcr.org/tr/wp-content/uploads/sites/14/2018/11/01.-UNHCR-Turkey-Fact-Sheet-September-2018.pdf>

UNHCR (2018b). *Rights and Obligations TP leaflet EN Oct18*. Recuperado de: [https://help.unhcr.org/turkiye/wp-content/uploads/sites/11/2019/08/Rights\\_and\\_Obligations\\_TP\\_leaflet\\_EN\\_Oct18.pdf](https://help.unhcr.org/turkiye/wp-content/uploads/sites/11/2019/08/Rights_and_Obligations_TP_leaflet_EN_Oct18.pdf)

UNHCR (2021). *Global Compact on Refugees Indicator Report*. Recuperado de: [https://www.unhcr.org/global-compact-refugees-indicator-report/wp-content/uploads/sites/143/2021/11/2021\\_GCR-Indicator-Report\\_spread\\_web.pdf](https://www.unhcr.org/global-compact-refugees-indicator-report/wp-content/uploads/sites/143/2021/11/2021_GCR-Indicator-Report_spread_web.pdf)

UNHCR (2021b). *Global Resettlement Needs 2021*. Recuperado de: <https://www.unhcr.org/protection/resettlement/5ef34bf7/projected-global-resettlement-needs-2021.html>

UNHCR (2021c). *Syrian Situation Response: Situation Reports 2018-2021*. Recuperado de: <https://reporting.unhcr.org/situation-reports-2018-2021?sitcode=321>

UNHCR (2022). *Turkey Fact Sheet. Fevereiro 2022*. Recuperado de: <https://www.unhcr.org/tr/wp-content/uploads/sites/14/2022/03/UNHCR-Turkey-Factsheet-February-2022.pdf>

UNHCR (2022b). *Syria Refugee Crisis Explained*. Recuperado a 16 de fevereiro de 2024, <https://www.unrefugees.org/news/syria-refugee-crisis-explained>

UNHCR (2023, outubro). *Refugee data finder*. Recuperado a 16 de fevereiro de 2024, <https://www.unhcr.org/refugee-statistics/>

UNHCR (2023b). *Inter-Agency Protection Needs Assessment 6*. Recuperado de: <https://data.unhcr.org/en/documents/details/98239>

UNHCR (2024, março 7). *Syria Regional Refugee Response. Operational Data Portal*. Recuperado a 14 de fevereiro de 2024, <https://data2.unhcr.org/en/situations/syria>

United Nations (s.d.). *The League of Nations*. UN GENEVA. Recuperado de: <https://www.ungeneva.org/en/library-archives/league-of-nations>

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO)  
(1998). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. UNESCO Digital Library.

Recuperado de: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>

World Food Programme (2023) *Syrian Arab Republic*. Recuperado de:  
<https://www.wfp.org/countries/syrian-arab-republic>